

veja

www.veja.com



O juiz Marco Buzi:
afastado após o início
da investigação

O CERCO AO ASSÉDIO

Denúncias envolvendo um ministro do STJ e o crescimento de 41% no número de ações na Justiça do Trabalho mostram que muitas das vítimas não se calam mais diante da violência sexual

veja FÓRUM

Brazil Insights

NEW YORK

A 2ª edição do Fórum VEJA Brazil Insights NY discutirá os desafios e as oportunidades da economia brasileira no cenário internacional em 2026

SPEAKERS CONVIDADOS



Gilmar Mendes

Ministro do Supremo
Tribunal Federal



André Mendonça

Ministro do Supremo
Tribunal Federal



Hugo Motta

Presidente da Câmara
dos Deputados



Fernando Haddad

Ministro da Fazenda



Bruno Dantas

Ministro do Tribunal
de Contas da União



Gabriel Galípolo

Presidente do Banco Central



Tarcísio de Freitas

Governador de São Paulo



Claudio Castro

Governador do Rio de Janeiro



Romeu Zema

Governador de Minas Gerais



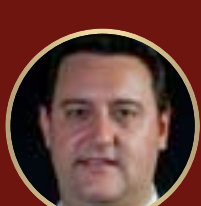
Ronaldo Caiado

Governador de Goiás



Eduardo Leite

Governador do Rio Grande do Sul



Ratinho Júnior

Governador do Paraná



Dario Durigan

Secretário-Executivo
do Ministério da Fazenda



Flávio Bolsonaro

Senador do Rio de Janeiro



Fernando
Honorato Barbosa

Chief Economist do Bradesco



Gilberto Tomazoni

CEO Global da JBS



Carlos Piani

Presidente da SABESP



Gustavo Pimenta

CEO da VALE



DATA

12 DE MAIO

TERÇA-FEIRA

LOCAL

NOVA YORK

THE PLAZA HOTEL

Acompanhe a cobertura do
evento nos canais digitais de VEJA

/vejamaais

/veja

/veja.com

PATROCÍNIO



CIA. AÉREA
OFICIAL



Linhas
Aéreas
Inteligentes

REALIZAÇÃO



Abril

veja FÓRUM

INFRA

ESTRUTURA

UMA AGENDA PARA O FUTURO

O evento abordará as prioridades do setor no Brasil durante o próximo ciclo de governos e os caminhos que podem impulsionar o crescimento do país

SPEAKERS CONVIDADOS



Renan Filho
Ministro dos Transportes



Tarcísio de Freitas
Governador do Estado de São Paulo



Aloizio Mercadante
Presidente do BNDES



CONFIRMADO

Décio Amaral
CEO da Hidrovias do Brasil



João Martins
Presidente da CNA



Marcello Guidotti
CEO da EcoRodovias



CONFIRMADO

Marcelo Girão
Chefe de Project Finance
do Itaú BBA



CONFIRMADO

Radamés Casseb
CEO da Aegea



CONFIRMADO

Roberto Muniz
Diretor de Relações
Internacionais da CNI



Sílvio Costa, Tarcísio de Freitas e Eduardo Leite
participaram da primeira edição do fórum em 2025

DATA

27 DE MARÇO
SEXTA-FEIRA

LOCAL

CASA ITAIM
R. CLODOMIRO AMAZONAS, 907

Acompanhe a cobertura
do evento nos canais
digitais de VEJA

/veja /vejamaais /veja.com



Assinaturas

www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Todo acervo publicado de Veja está
no App Veja. Baixe aqui



LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de
reprodução de textos e
imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA

Para inserir as marcas do
Grupo Abril em produtos e
negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO
DIGITAL E IMPRESSO

e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO

https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Anna Carolina Satie Suguihara Silva, Bruno Caniato Tavares, Bruno Enrique Silva Andrade, Camila Koester Pati, Carolina Neves Ferraz do Amaral, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laís de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Thiago Gelli Carrascoza, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro, Victória Ribeiro Carvalho **Sucursais: Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Daniel Sá Fortes Gullino de Faria, Gabriel de Souza Sabóia Ribeiro, Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, Paula de Barros Lima Freitas, Rayssa Ferreira da Motta **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Beatriz Haddad Ferreira, Flavio Pantoja Monteiro, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Luiza Torrico Zubelli, Natalia Tiemi Hanada **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Mauro Paulino, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/@veja



@vejamaís



linkedin.com/company/veja-com



@VEJA



facebook.com/veja



tiktok.com/@revista_veja

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 2 982 (ISSN 0100-7122), ano 59, nº 6. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. VEJA não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001



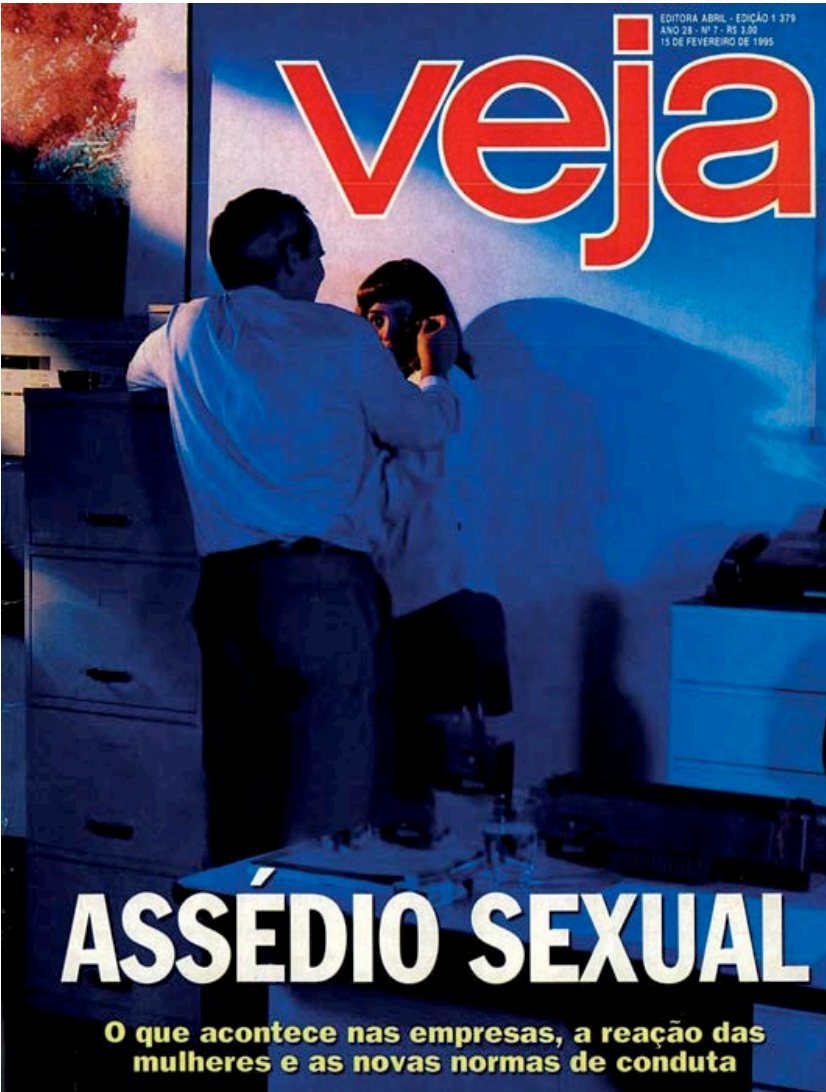
www.grupoabril.com.br

AVANÇO REAL



RAFAEL LUZ/STJ

MUDANÇAS O magistrado Marco Buzzi, que foi afastado do STJ, e capas de VEJA publicadas nos últimos anos retratando o problema do assédio sexual e a pressão por mudanças: aumento de ações na Justiça do Trabalho mostra que as mulheres não vão mais se calar



NA MANHÃ DA ÚLTIMA TERÇA, 10, o Superior Tribunal de Justiça afastou de suas funções o ministro Marco Buzzi. Dos 33 magistrados, 27 estiveram presentes na sessão extraordinária e tomaram a decisão de forma unânime. Foi uma consequência direta de um caso trazido a público pelo editor-executivo Robson Bonin, responsável pela coluna Radar de VEJA. Na semana passada, o jornalista publicou em primeira mão a notícia de que Buzzi era alvo de um movimento de indignação dentro do STJ, provocado por uma grave denúncia. Ele teria avançado, em uma praia de Santa Catarina, sobre uma estudante de 18 anos, filha de uma advogada com bom trânsito na Corte. Dias depois, novamente com exclusividade, Bonin revelou que há outra investigação em curso relacionada a assédio sexual envolvendo o mesmo juiz. Ela está sendo tratada no Conselho Nacional de Justiça de forma sigilosa.

Buzzi divulgou nota à imprensa se declarando inocente e agora é preciso esperar o fim da apuração, delicada e complexa pela natureza desse tipo de crime. Na maior parte das vezes, como não há testemunhas, o relato das vítimas tem um peso enorme e é considerado a principal prova. Isso não exclui a possibilidade de existência de denúncias falsas, embora os especialistas no tema digam ser algo raro de acontecer. Cabe aos juízes a desafiadora tarefa de aplicar a lei com rigor e, ao mesmo tempo, tomar o cuidado de não condenar inocentes. Os tribunais brasileiros estão cada vez mais diante dessa tarefa, como mostra a re-

portagem “O assédio em xeque” desta edição, de autoria dos repórteres Duda Monteiro de Barros e Flávio Monteiro. No ano passado, a Justiça do Trabalho registrou um aumento de 41% em ações por assédio sexual, totalizando mais de 10 000 processos.

As mulheres representam a esmagadora maioria entre as vítimas e esses números mostram que, de forma corajosa, elas não estão mais dispostas a se calar. Na esteira desse bem-vindo movimento, departamentos de compliance das empresas se estruturaram para receber queixas desse tipo, e manuais de conduta dentro dos escritórios passaram a abordar com clareza e transparência o problema. Ao longo das últimas décadas, VEJA tratou com destaque em várias matérias essa luta e as mudanças provocadas pela pressão da sociedade. O aumento de ações na Justiça registrado no ano passado ainda é pouco perto do universo de 35% de mulheres que afirmam ter sido assediadas — mas, sem dúvida, é um grande avanço em relação ao silêncio absoluto de antes. ■

RESERVA

CIDADE JARDIM

O ENDEREÇO DA CIDADE



NO CIDADE JARDIM, A REGIÃO ONDE TUDO ACONTECE,
NASCE O EMPREENDIMENTO MAIS ICÔNICO DA JHSF.

JHSF
SURPREENDENTE



SAIBA MAIS

RUY BARON/BARONIMAGENS



“LULA NÃO PODE ERRAR”

Pré-candidato ao governo de São Paulo, o ministro tenta se viabilizar com o apoio do presidente e diz que na corrida ao Palácio do Planalto será mais fácil derrotar Flávio do que Jair Bolsonaro

ISABELLA ALONSO PANHO

GOVERNADOR de São Paulo por oito meses em 2018, o ministro do Empreendedorismo, Márcio França (PSB), quer voltar a comandar o estado, mas dificuldades não lhe faltam. Apesar de já ter ocupado o posto e de ter sido o primeiro a se colocar para a disputa, ele enfrenta nos bastidores a predileção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelas candidaturas de Geraldo Alckmin (PSB), Fernando Haddad (PT) ou Simone Tebet (MDB). Fã de futebol, França usa jargões do esporte para descrever a situação. Diz que a formação do time (candidatos ao governo e Senado) é uma questão estratégica em São Paulo, maior colégio eleitoral do país, e que por isso é Lula quem tem que decidir. Para ele, como ocorreu em 2022, o desempenho no estado será fundamental para a vitória na eleição nacional. “Errar em São Paulo pode ser um erro grande”, afirma. Ainda sobre a corrida ao Palácio do Planalto, admite que Geraldo Alckmin, do PSB, o partido de França, pode perder a vaga de vice de Lula, a depender das coligações feitas pela chapa governista. Ele aposta que o PSD, de Gilberto Kassab, não terá candidato ao Planalto e avalia que a disputa contra Flávio Bolsonaro será mais fácil do que foi o duelo contra o pai em 2022.

O senhor tem dito há algum tempo que pretende concorrer ao governo de São Paulo, mas Lula tem citado outras alternativas. A sua pré-candidatura continua de pé? Uma candidatura só é efetivada depois da convenção, em julho, mas tenho uma certa convicção de que, depois de ter disputado uma eleição para governador e ter perdido por muito pou-

co (em 2018, teve 48,2% ante 51,8% de João Doria no segundo turno), eu seria um candidato com aceitação suficiente. Estou apto para essa disputa e gostaria de ter a chance. Agora, é claro que a gente faz parte de um governo e, naturalmente, é o presidente Lula quem terá a visão mais ampla e analisará as possibilidades. Meu nome está colocado. Estive nas últimas duas eleições, disputei majoritárias em São Paulo (governo em 2018 e Senado em 2022) e tive quase 30 milhões de votos. Se tiver alguém com mais méritos ou com mais capacidade de ampliar essa votação, também vamos analisar.

O entorno de Lula tem falado de Geraldo Alckmin, Fernando Haddad e Simone Tebet como favoritos a liderar a chapa em São Paulo. O que acha desses três nomes? Os três nomes são muito bons. Em uma seleção, o jogador quer ser titular em

“São Paulo tem quase -25% do eleitorado do país. É tão relevante que uma decisão equivocada pode custar muito mais do que a eleição no estado. E a definição tem que ser do presidente”

qualquer posição que o técnico entender que é melhor. Em qualquer uma delas, vamos sempre contribuir. O objetivo número 1 é reeleger o presidente Lula.

Acha que Alckmin, Haddad e Tebet têm pretensões reais de concorrer ao governo paulista? São meus amigos, são pessoas muito experientes e muito aptas. Alckmin me disse pessoalmente que não pretende concorrer mais em São Paulo. Haddad já foi prefeito, ministro de pastas importantes, é um homem extremamente respeitado, idôneo e é do PT. Naturalmente, os petistas gostariam de ter um nome do partido, porque ajuda nos cargos proporcionais. A primeira pessoa que eu procurei foi Haddad, no ano passado. Ele me disse que não havia a hipótese de disputar a eleição para governador porque não era a sua vontade. A partir dessa decisão é que eu coloquei meu nome. Eu convidei Simone Tebet, como outros ministros, para o PSB. O que ela me disse sempre é que o desejo dela era disputar o Senado.

Se fosse montar a chapa para a disputa paulista, qual seria seu time ideal? São Paulo tem quase 25% dos eleitores. É tão relevante nas eleições que uma decisão equivocada pode custar muito mais do que o estado. Se fosse a final do Mundial de Clubes, o pênalti deveria ser batido pelo presidente do clube, porque é muita responsabilidade. A definição tem que ser do presidente da República, que é o nosso comandante. Errar em São Paulo pode ser um erro grande.

Em 2022, Haddad teve 45% ante 55% de Tarcísio no segundo turno, desempenho que foi considerado decisivo para a eleição nacional. A performance pode ser repetida? Haddad e Tarcísio foram para o segundo turno, o que foi essencial para que Lula tivesse praticamente a votação de Haddad no estado. É aí que caiu a diferença para Jair Bolsonaro entre a eleição presidencial de 2018 e a de 2022. Não ter o segundo turno em São Paulo é perigoso. Tarcísio não disputou uma eleição acirrada à época porque Rodrigo Garcia e Haddad acharam que iriam disputar um contra o outro, mas Tarcísio passou o primeiro turno já na frente. Foi uma surpresa. Por isso ninguém travou debates duros com Tarcísio. Eu acho que Haddad agora ganharia a eleição. Simone ganharia a eleição. Se eu for candidato, também ganho a eleição.

O senhor já disse que era a “direita da esquerda” e que poderia atrair um eleitorado mais ao centro. Acha que pode ter o voto bolsonarista, por exemplo? Eu convivi com Jair Bolsonaro, fui vizinho de porta dele (*em Brasília, quando eram deputados*). Conheço muito a família dele. Posso garantir: na família de Bolsonaro eu devo ter três vezes mais votos do que tem o Tarcísio. Nas polícias de São Paulo, dificilmente eu não estarei na frente em uma eleição. Tarcísio hoje é repudiado pelos militares, porque ele prometeu uma coisa e fez outra. Entre os prefeitos do estado, Tarcísio não terá 10% de apoio na reeleição. Entre os deputados estaduais, não terá 10%. Se perguntar

sobre mim, verá que todo mundo tem contato comigo. Tarcísio é apaixonado por Brasília.

Como um dos responsáveis pela articulação que levou Alckmin a compor a chapa com Lula, o que pensa da possibilidade de isso não se repetir? Em time que está ganhando não se mexe. O governo deles é espetacular. Agora, claro que, se houver a vinda de um partido grande para se coligar com o presidente Lula, será um fato novo, que pode realmente impactar. A pergunta é: Gilberto Kassab, presidente do PSD, vai mudar a posição dele? Pode mudar. O MDB vai mudar? Pode mudar. O Republicanos vai mudar? Pode mudar. Esses partidos mais ao centro preferem não ter candidato à Presidência porque têm uma composição misturada no Brasil inteiro. Quando começamos a falar de Alckmin com Lula, a primeira pessoa com quem falei foi o próprio presidente, na casa em que ele estava morando em São Bernardo. Todo mundo em volta disse: “Você está doido, isso não vai acontecer”. Aconteceu e foi muito bom para o Brasil. É possível acontecer muitas coisas ainda, mas estamos aos 40 minutos do segundo tempo. Creio que a chapa será mantida, e isso será bom para o Brasil.

Acha possível uma negociação para incluir o MDB formalmente na campanha de Lula (veja a reportagem na pág. 22)? O MDB é dividido, mas não creio. Hoje ele tem como principal figura no país o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, que deve muito da eleição dele ao apoio que recebeu de Tarcí-

sio. Mudar essa posição significaria perdê-lo. Não vejo espaço neste momento para uma mudança nacional no rumo do partido. Na minha visão, devemos ir com o que temos. Vamos ganhar de qualquer jeito.

O Centrão tentou viabilizar o nome de Tarcísio ao Planalto, mas agora parece relutante em apoiar Flávio Bolsonaro. Há alguma chance de os partidos desse grupo apoiarem o presidente? É eleição, né? É difícil prever. Se alguém me dissesse que Jair Bolsonaro iria disputar com chance uma eleição, eu diria: “É impossível”. Mas aconteceu. Na eleição para a prefeitura de São Paulo tivemos Pablo Marçal. Há acontecimentos que você não vai prever. Mas eu diria que, se tivesse uma candidatura como a de Tarciso para presidente, ela tenderia a se am-

“As posições de Flávio são mais suaves que as de Jair Bolsonaro. O problema é que ele não tem experiência no Executivo e tem menos história e menos força pessoal que o pai”

pliar. Porque ele é um uma pessoa que não leva a rejeição de Bolsonaro. Se eu pudesse dar um palpite hoje, eu diria que vai ficar todo mundo solto. Vai sair candidato a presidente apenas o filho de Bolsonaro, com o que der, naquele espaço do PL.

O PSD, de Kassab, tem três presidenciáveis. Na sua opinião, qual deles irá para a disputa? Não creio que tenhamos outra candidatura. Ratinho Junior, Eduardo Leite e Ronaldo Caiado acabarão disputando o Senado, porque é muito pouco provável que um nome Bolsonaro na urna não tire 25% dos votos dessa disputa. Então fica muito apertado. Eles, do PSD, também acham isso. Estão tentando fazer um arranjo.

Qual é o capital político de Bolsonaro hoje? Claro que é relevante. Quando ele foi candidato a presidente, imaginei que quisesse abrir espaço para os filhos. Bolsonaro já tinha oito mandatos, estava se aposentando. Mas houve a facada, que teve um impacto fabuloso no processo eleitoral. Depois que a situação caiu no colo dele, acabou incorporando a possibilidade de vencer, mas acho que nunca passou pela cabeça dele algo como “vou me preparar para ser presidente”.

Para Lula será tão difícil enfrentar Flávio quanto foi duelar com Jair? As posições de Flávio são mais suaves que as de Jair Bolsonaro. O problema é que ele não tem experiência no Executivo e tem menos história e menos força pessoal do que o pai. Jair Bolsonaro é muito convicto do que fala, mesmo totalmente

errado. Achava terrível a forma como ele falava sobre alguns temas, mas não me parecia teatro. Ele achava aquilo, dentro da confusão dele. No caso do Flávio, eu tenho um pouco de dúvida. Flávio não tem a convicção do pai e vai enfrentar um homem muito experiente.

O senhor está no PSB desde 1988, e ele é o único partido ao qual esteve filiado. Quais são as pretensões eleitorais da sigla, além de manter Alckmin como vice na chapa de Lula? Temos vários candidatos a governador. Nosso presidente, João Campos, é um fenômeno e é bastante jovem. Temos uma tradição de eleger governadores em todo o país. Na campanha passada, como optamos por ficar sozinhos, sem fazer uma federação, tivemos uma redução significativa em nossos números no Congresso. Retomar o patamar anterior ou até aumentá-lo será importante, porque o Parlamento passou a ser muito relevante.

João Campos tem potencial para ser o futuro de uma esquerda pós-Lula? Estamos falando de algo muito para o futuro, né? E, na política, até prever o passado é difícil. Mas João é brilhante. Ele tem todas as qualidades do pai dele, o ex-governador Eduardo Campos, que era meu amigo, com quem eu convivi muitos anos. Tem a segurança ideológica do avô Miguel Arraes, também ex-governador pernambucano. Além de tudo, possui uma visão sobre as redes sociais, com as quais ainda temos dificuldades. É um nome que certamente estará colocado para a frente, mas ele tem muito ainda a percorrer. ■

PROTESTO A TODA VELOCIDADE



HÁ UMA INGÊNUA falácia que cisma em permanecer viva: a de que Olimpíadas e Copas do Mundo seriam imunes a movimentações políticas porque a pureza do esporte não combina com protestos. Nem mesmo os braços erguidos de Tommie Smith e John



Carlos em 1968, a favor dos Panteras Negras, ou as esperanças de Adolf Hitler de transformar os Jogos de 1936 em propaganda nazista serviram para comprovar a fragilidade do raciocínio das disputas imunes a gritos. Esta semana, nos **Jogos de Inverno de Milão-Cortina, na Itália, o ucraniano Vladyslav Heraskevych** usou, em um dos treinos antes da disputa oficial, seu capacete da prova de skeleton — modalidade de velocidade na qual os competidores se lançam em um trenó e descem a pista a toda — para um severo manifesto. Na proteção *(veja no destaque)*, ele colocou fotos de atletas da Ucrânia mortos por tropas russas durante o período de invasão, desde fevereiro de 2022 — e lá se vão quatro anos de agressão. A Missão de Monitoramento dos Direitos Humanos das Nações Unidas na Ucrânia documentou pelo menos 14 534 mortes de civis, mais de 38 000 feridos e uma assustadora tendência de alta: as baixas civis aumentaram quase 30% em 2025 em comparação com o ano anterior. O COI barrou a ideia de Heraskevych, embora tenha autorizado o uso de uma braçadeira preta como homenagem. Até o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, se envolveu na história, agradecendo ao atleta, que foi o porta-bandeira do país durante a cerimônia de abertura, “por lembrar o mundo do preço da nossa luta”. ■

Caio Saad

“SOU MAIS OUVIDO QUE O RINGO STARR”

O cantor pernambucano explica como se tornou um campeão do Carnaval de rua, diz que o streaming promoveu sua reinvenção e revela como se mantém a toda prestes a celebrar 80 anos de idade

HOMEM FESTIVO

Alceu:

“Os gringos gostam que é o diabo do meu show”

LEO AVERSA

O senhor arrebanhou 1,1 milhão de pessoas com o bloco Bicho Maluco Beleza no fim de semana pré-Carnaval, em São Paulo e Olinda, e sua agenda está lotada na semana da folia. O que o atrai nessa festa? Criamos o Bicho Maluco Beleza em 2015, em São Paulo, e foi crescendo, crescendo, virou essa loucura. Um efeito foi popularizar no Sudeste o frevo, que é uma coisa muito pernambucana e pouco divulgada no país. Além, claro, do maracatu, do caboclinho. Meu repertório mistura tudo isso, é o Carnavalença.

O que muda ao cantar em um bloco de rua, em comparação com os palcos tradicionais? É totalmente diferente. No bloco, a multidão acompanha a gente. É muita alegria, descontração e agitação. No show, é outra coisa. Há mais concentração e é mais focado no repertório. Sou muito festivo. Tenho um Alceu para cada época.

Como assim? Nasci entre o agreste e o sertão de Pernambuco. Ouvia baião, forró, xote, xaxado, marcha de São João, o aboio. No Carnaval, sou do frevo. No São João, do baião. Fora disso, viro o cara da sonoridade clássica, que canta com orquestra, especialmente a de Ouro Preto. Este ano vou fazer a turnê *80 Girassóis* em várias capitais do país, comemorando meu aniversário. Depois, sigo para a Europa, com shows em Londres, Paris e Oslo, entre outros.

Como chegar aos 80 anos com tanta vitalidade? Andando. Eu ando pelas cidades, pelas ruas. Subo ladeiras todo dia. Não

dirijo — nem quero. Dou 10 000 passos por dia. Já cheguei a 19 000. Sempre gostei de esportes, mas hoje eu só ando e faço pilates, que é bom para o corpo e a cabeça.

Como anda a receptividade da sua música lá fora? Muito boa. Antigamente, quando eu fazia turnê na Europa, só iam brasileiros. Agora, não. Os gringos gostam que é o diabo do meu show. Sabe por quê? Por causa da internet. As plataformas de streaming democratizaram os ouvidos.

Como essa mudança o beneficiou? No passado, as gravadoras não tinham interesse em divulgar a música brasileira. O foco era a música anglófona. Nunca dei bola para Rolling Stones ou Beatles. Acho bacana, mas nunca faria a música deles. Hoje, no YouTube, tenho 355 milhões de reproduções das minhas músicas. No Spotify, *La Belle de Jour* tem mais de 180 milhões. Sou mais ouvido que o Ringo Starr (*o ex-beatle soma 60 milhões no YouTube*). Isso antes era impossível.

Feito no Recife, *O Agente Secreto* está indicado ao Oscar. O que é que o pernambucano tem que está tão na moda na música e no cinema? A gente tem de tudo um pouco, da sociologia de Gilberto Freyre à literatura de João Cabral de Melo Neto. De músicos a cineastas excelentes. O pernambucano não quer ser imitador. Ele é autêntico. Assim se expandiu pelo mundo. ■

Raquel Carneiro

BAND FOLIA 2026

ACOMPANHE O
MAIOR CARNAVAL
DO BRASIL

Da avenida aos trios elétricos, a folia vai contagiar.

SALVADOR

Cobertura completa, com transmissão dos principais **trios elétricos ao vivo**.

SÃO PAULO

Um verdadeiro show no **Anhembi**, com os desfiles das escolas de samba do **Grupo de Acesso 1**.

RIO DE JANEIRO

A **tradição da Sapucaí**, com as escolas de samba da **Série Ouro** para todo o Brasil.

RECIFE

Shows com grandes nomes da música direto do **Marco Zero**.



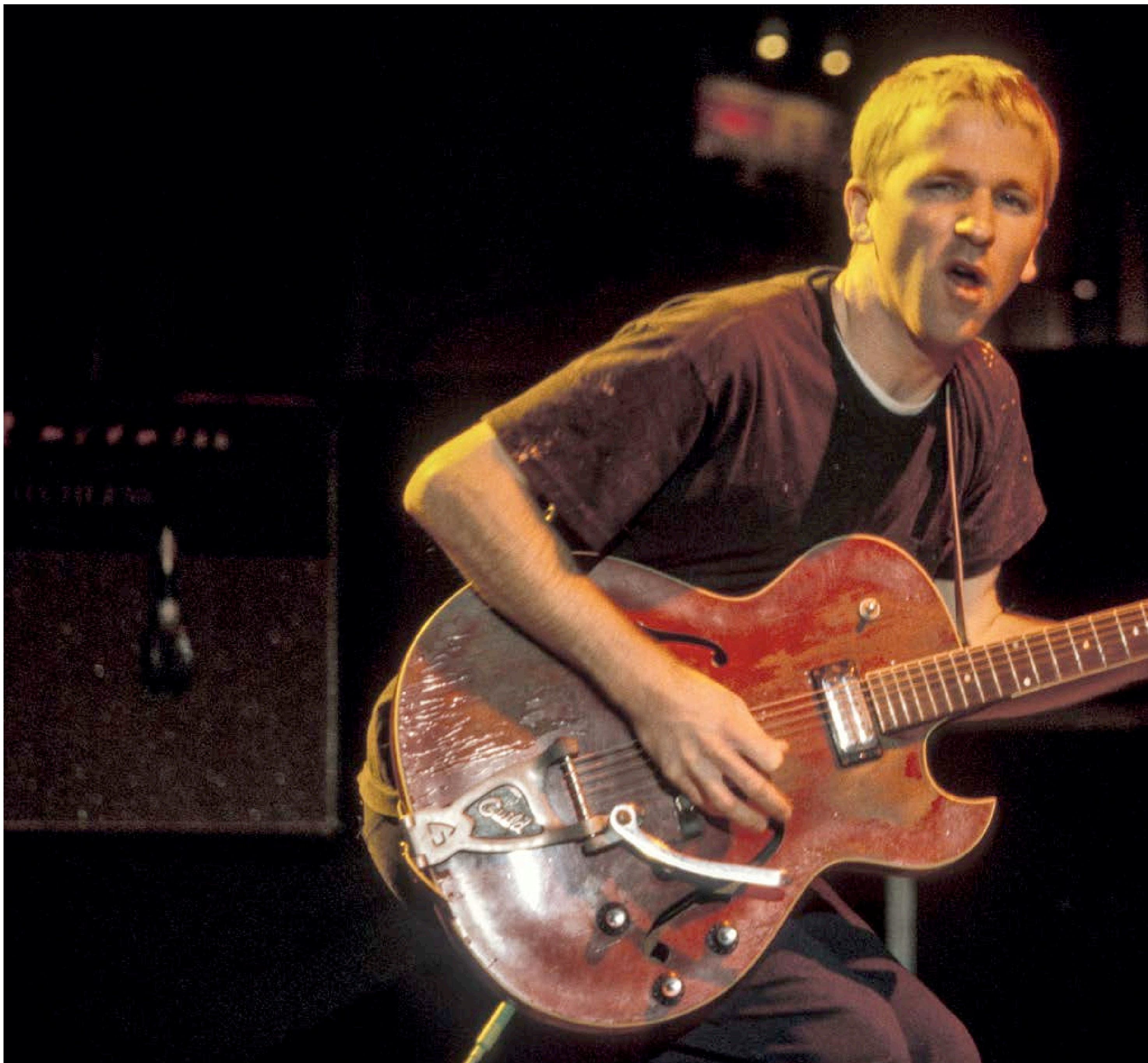
SÃO PAULO
Joel Datena
Sheila Magalhães

SALVADOR
Patrícia Maldonado • Betinho
Pâmela Lucciola

RIO DE JANEIRO
JP Vergueiro



@bandtv • @bandfolia • @bandentrete • @bandjornalismo • band.com.br

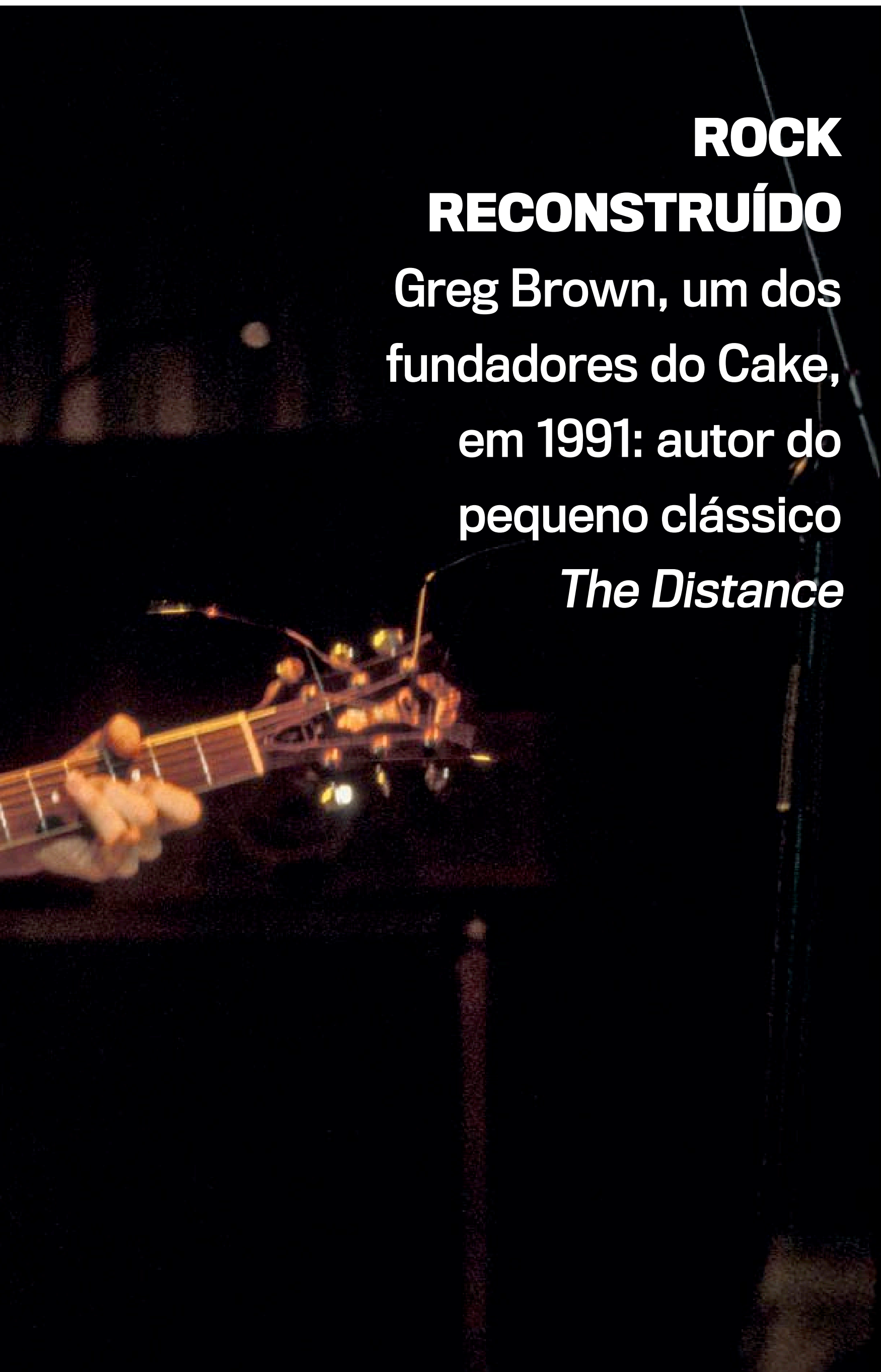


JOHN ATASHIAN/GETTY IMAGES

UMA GUITARRA MINIMALISTA

Nunca foi fácil rotular a banda americana Cake, fundada em 1991 na cidade de Sacramento, na Califórnia. Chamá-la de um exemplo de rock alternativo foi sempre a eti-





ROCK
RECONSTRUÍDO
Greg Brown, um dos
fundadores do Cake,
em 1991: autor do
pequeno clássico
The Distance

queta mais à mão — mas o liquidificador de gêneros, na mistura de funk, ska, pop, rap e country, a faz diferente de tudo o que há por aí. Um dos responsáveis pela pegada inicial (e minimalista) do quinteto, que teve várias formações, foi o guitarrista **Greg Brown**. É dele a balada *The Distance*, um pequeno grande clássico do segundo álbum da trupe, *Fashion Nugget*. Brown deu o tom também de dois outros grandes suces-

sos do Cake — *Frank Sinatra* e uma versão insólita de *I Will Survive*, reconstruída a partir da original dançante de Gloria Gaynor. Em 1997, antes da gravação do terceiro disco da turma, pediu para sair, porque nunca foi de ficar parado. Ele e o baixista Victor Damiani começaram a tocar com a vocalista e tecladista Dana Gumbiner, formando a Deatray. Brown morreu em 7 de fevereiro, aos 56 anos, de causas não reveladas pela família.

CHOQUE DE GERAÇÕES

O clássico *Ensina-me a Viver*, de 1971, dirigido por Hal Ashby, fez muita gente chorar com a história improvável de um jovem adulto, Harold, que começa um relacionamento com uma mulher de 79 anos, Maude, sobrevivente do Holocausto, interpretada por Ruth Gordon. Harold, em permanente crise existencial, dado a pensamentos suicidas, foi vivido com rara delicadeza por **Bud Cort**. Ele tinha 23 anos. A paixão é embebida de lindas canções de Cat Stevens, como *Miles from Nowhere* e *On the Road to Find Out*. Cort tinha sido descoberto por Robert Altman, que o pôs em papel secundário em *M*A*S*H*, de 1970, de modo a pavimentar a carreira do ator. Ele morreu em 11 de fevereiro, aos 77 anos.



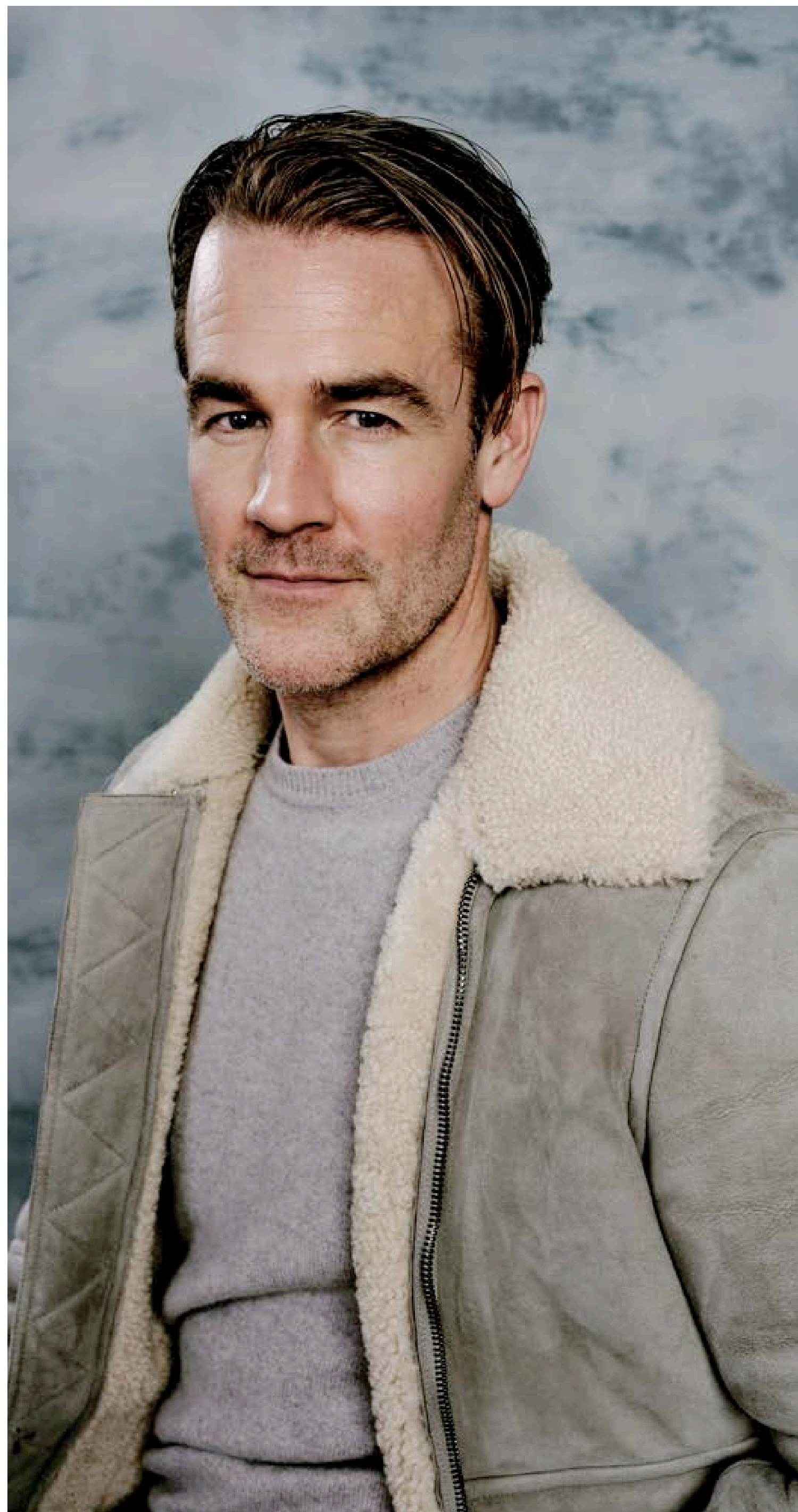
UNITED ARCHIVES/GETTY IMAGES

EMOÇÃO Harold, papel de Bud Cort, e Maude (Ruth Gordon): paixão improvável de *Ensina-me a Viver*

DORES DO CRESCIMENTO

A série *Dawson's Creek*, lançada em 1998 e que durou até 2003, com seis temporadas, até hoje é cultuada. Relata as dores de amores, os sucessos e fracassos de um grupo de amigos muito unidos da cidade fictícia de Capeside, no estado americano de Massachusetts, desde o ensino médio até a faculdade. Provocou imediata adesão do público o charme irrecorrível, de olhar um tanto melancólico, do personagem Dawson Leery, interpretado pelo ator **James Van Der Beek**. Depois do estouro inicial, ele estrelaria produções como *Marcação Cerrada* (1999), *Regras da Atração* (2002) e *CSI: Cyber* (2015-2016). Mas ficará para sempre como o adolescente em fase de crescimento de *Dawson's Creek*. Ele morreu em 11 de fevereiro, aos 48 anos, de câncer colorretal. ■

MICHAEL BUCKNER/PENSKE/GETTY IMAGES



PAPEL RELEVANTE

James Van Der Beek:
o adolescente apaixonante
da série americana
Dawson's Creek

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.

boa forma &



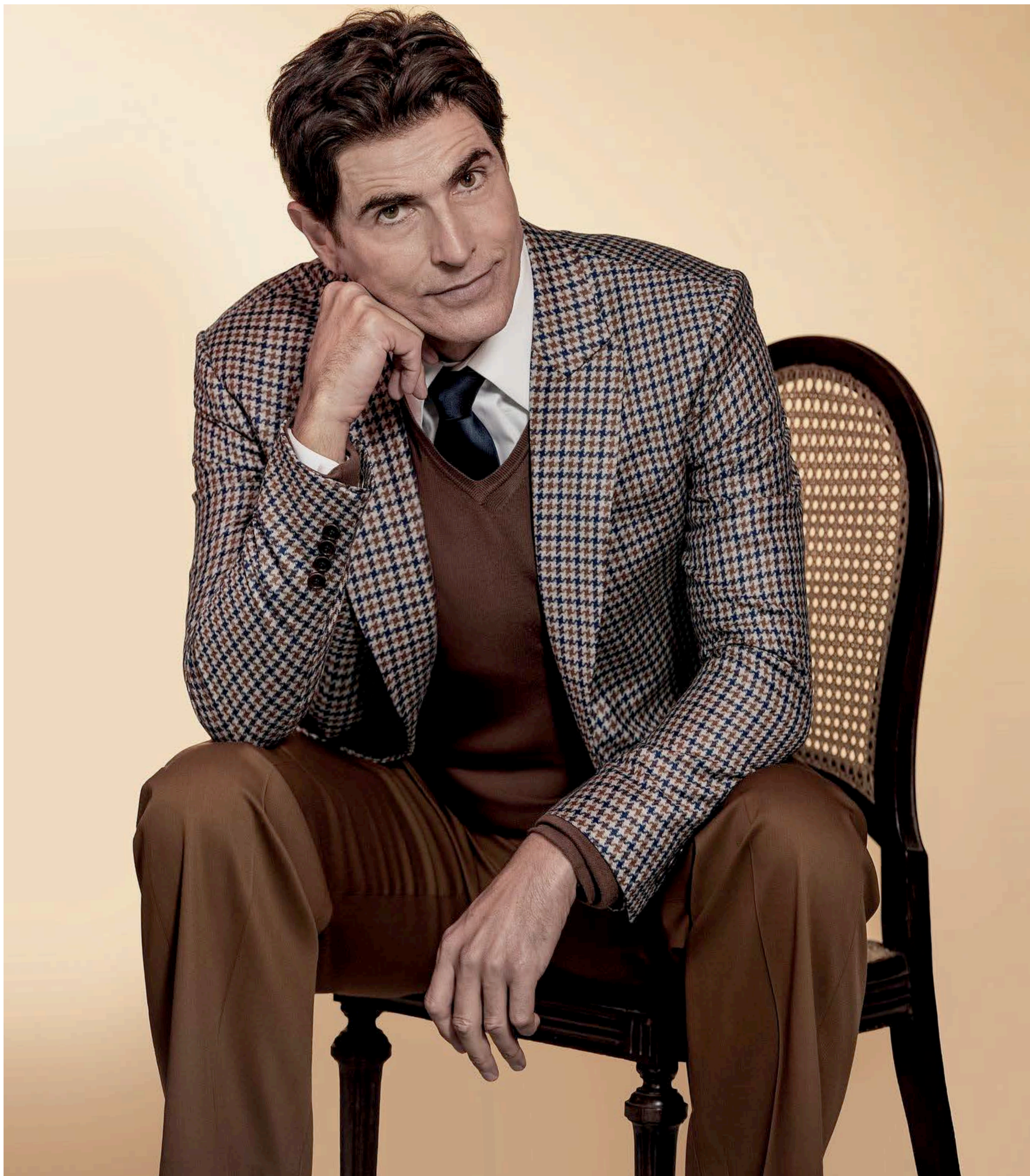
APROVEITE AGORA!



  /LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional 

VEJA ESSA



“Uma coisa que me dá um pouquinho de aflição, que eu acho chata mesmo, são pessoas prolixas.”

REYNALDO GIANECCHINI, ator, em cartaz com a peça *Um Dia Muito Especial*

INSTAGRAM @REYNALDOGIANECCHINI

“Tarcísio é o melhor candidato, mais preparado, com muita visibilidade e melhor nas pesquisas.”

GILBERTO KASSAB, presidente do PSD, partido que tem três presidenciais, falando sobre o governador de São Paulo, do Republicanos, no programa *Ponto de Vista*, de VEJA

“A prioridade principal é garantir o futuro da civilização, e a Lua é mais rápida.”

ELON MUSK, negando que sonhe apenas com Marte em seus voos com a companhia SpaceX (*leia mais na reportagem “O céu não é o limite”*)

“Vencedores desta noite são os portugueses e a democracia.”
ANTÓNIO JOSÉ SEGURO,
do Partido Socialista,
presidente eleito de Portugal

“Estou desesperada, morrendo de medo.”
AGOSTINA PÁEZ,
advogada argentina, detida por
alguns dias no Rio de Janeiro,
acusada de injúria racial contra
funcionários de um bar

“A universidade particular se alinha mais aos nossos pensamentos e aos nossos princípios.”

TÚLIO MARAVILHA, ex-jogador de futebol, ao explicar por que impediu a filha Tulianne, de 18 anos, de cursar universidade pública

“Eu pequei.”

MORADORA admitiu ter feito a primeira postagem mencionando um suposto vídeo do espancamento do cão Orelha baseada apenas no comentário de uma conhecida nas redes sociais

“Não quero virar amigo das pessoas sobre quem escrevo. Aconteceu uma ou duas vezes. Philip Roth foi uma delas.

Escrevo muito sobre política. Por que eu iria querer ser amigo de alguém?”

DAVID REMNICK, diretor de redação da revista *The New Yorker*, que acaba de lançar no Brasil um livro de perfis musicais de sua autoria, *Sustentar a Nota*

“Tenho medo.”

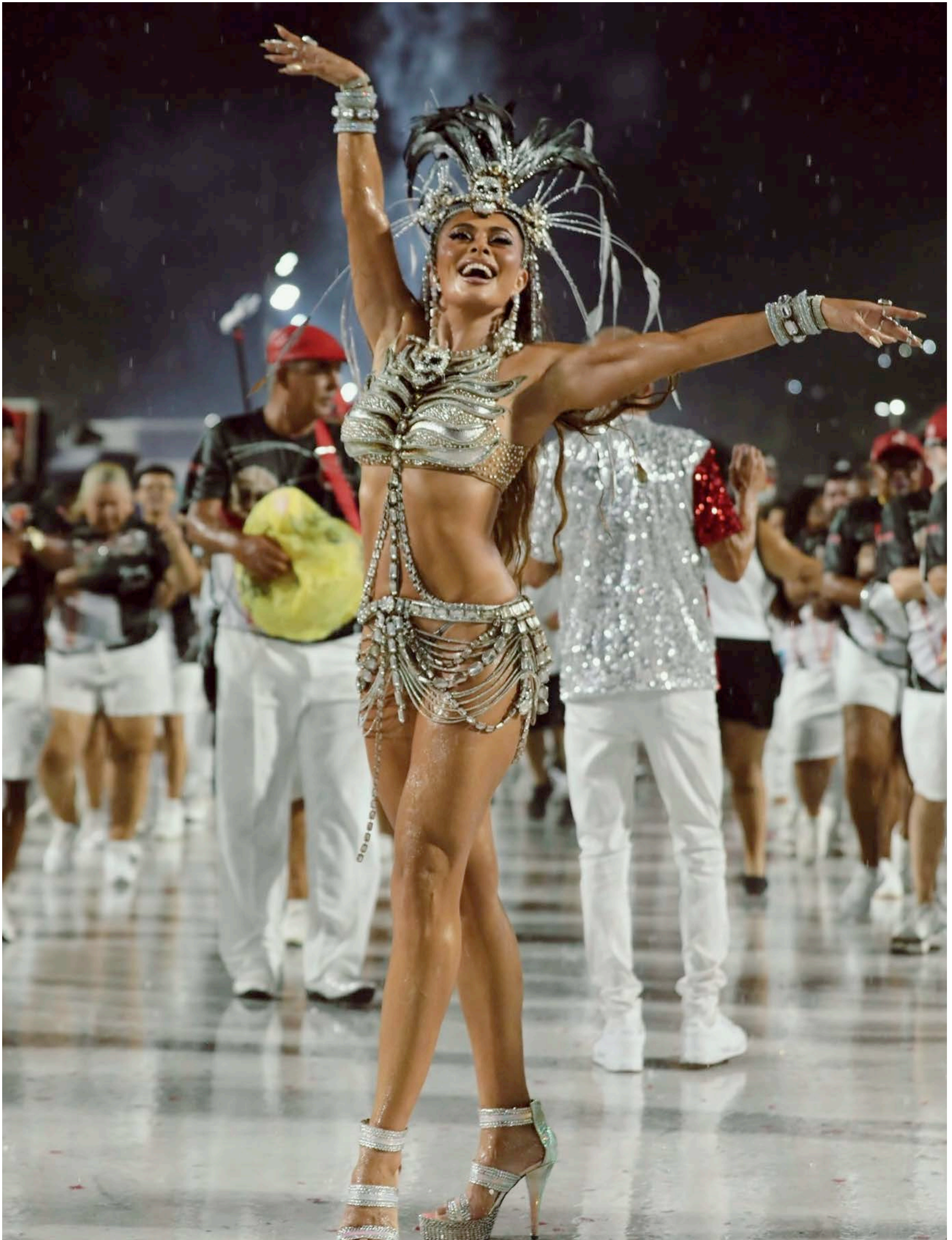
BRITNEY SPEARS, a respeito da relação com seus pais, de quem foi afastada judicialmente

“Estourou o orçamento.”

TATI BARBIERI, destaque da Salgueiro, que tinha verba de 4 milhões de reais para a fantasia de Carnaval, sobre um vestido cravejado de 70 000 cristais

“É sabido que ter na família um escritor é fonte de problemas, a não ser que escreva romances de fantasia.”

EMMANUEL CARRÈRE, que acaba de lançar *Koljós*, livro em torno da vida de sua mãe, a historiadora Hélène Carrère d'Encausse



INSTAGRAM @JULIANAPAES

**“Achei que não teria
mais idade para isso.”**

JULIANA PAES, 46 anos, rainha de bateria da Viradouro

SOBE

PETROBRAS

A companhia bateu recorde na produção em 2025, com 2,99 milhões de barris de petróleo e gás ao dia, alta de 11% em relação a 2024 e o melhor resultado em dez anos.

SANAE TAKAICHI

A premiê conservadora obteve uma vitória histórica nas eleições legislativas ao levar 352 das 465 cadeiras da Câmara Baixa do Parlamento do Japão – maioria inédita desde a Segunda Guerra.

SHAKIRA

Depois de Madonna e Lady Gaga, será a vez de a cantora colombiana estrelar um megashow gratuito na Praia de Copacabana, em maio.



DESCE

RODRIGO MANGA

O prefeito “tiktokker” de Sorocaba (SP) foi denunciado pelo MPF por corrupção, lavagem de dinheiro e organização criminosa em razão do desvio de recursos públicos.

JÚPITER

Dados coletados pela Nasa mostram que o planeta continua sendo o maior do Sistema Solar, mas é 8 quilômetros mais estreito e 24 quilômetros mais achatado do que se calculava.

HEINEKEN

A cervejaria holandesa vai cortar até 6 000 empregos (7% do total global) em razão da queda nas vendas, que atribui a um novo comportamento do consumidor.



Com reportagem de Daniel Gullino, Gabriel Sabóia, Marcelo Ribeiro e Pedro Pupulim

Guerra de versões

No ímpeto de defender o pai de acusações de assédio sexual, uma filha do ministro **Marco Buzzi**, do STJ, afirmou que a família da estudante mentiu para a polícia ao se dizer amiga de longa data do magistrado. Há, no

entanto, farto registro material sobre encontros de Buzzi com a família da jovem.

“Família querida”

Em abril de 2025, Buzzi e sua mulher almoçaram com a família da jovem denunciante na capital paulista. A



JUNTOS Buzzi: encontros com família de vítima de assédio em praia eram comuns



esposa de Buzzi registrou: “São Paulo com essa família querida!!”.

Feliz Natal

Além de ocasiões sociais, a família que denunciou Buzzi cuidou do magistrado durante um período de internação em São Paulo. Natais em grupo também são lembrados como sinal de proximidade. Tudo será levado ao processo.

É tudo verdade

Advogado da jovem de 18 anos, Daniel Bialski questiona a versão da família de Buzzi. “Reafirmo que tanto a vítima quanto seus pais tinham relação fraterna com o ministro e sua esposa, o que será comprovado nos autos. Qualquer tipo de coação, injúria ou difamação não será tolerada”, diz o jurista.

Saída de emergência

Depois de afastarem Buzzi do STJ, ministros entraram em contato com ele aconselhando o ministro a se antecipar ao julgamento da Corte e pedir, por conta própria, a aposentadoria antecipada. A ideia está em estudo.

Dinheiro não é problema

Afastado do STJ, o ministro Marco Buzzi recebeu 1,19 milhão de reais em remunerações ao longo de 2025. A média mensal foi de 99 000 reais, mais que o dobro do teto salarial.

A recaída da PF

O vazamento de informações do pedido da PF contra Toffoli injuriou ministros no STF: “A PF está voltando aos velhos tempos de práticas da Lava-Jato”, diz um deles.

Convoca o plenário

Outro ministro do STF avalia que Edson Fachin, presidente da Corte, deveria convocar o plenário para decidir sobre o pedido de investigação da Polícia Federal contra Dias Toffoli.

Melhor esperar

Fachin, segundo esse mesmo colega, deve aguardar uma manifestação da PGR sobre os achados da PF para só depois decidir o que fazer com Toffoli.

A ala dos sumidos

O desfile da Acadêmicos de Niterói em homenagem a Lula tem tudo para ser fracasso de público no governo. Quase nenhum ministro confirmou presença.

O batuque de Geraldo

Como bom vice, Geraldo



JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

STF Messias: ele já pediu votos a 73 dos 81 senadores em busca da toga

Alckmin vai participar da homenagem eleitoral a Lula na Sapucaí.

Atrás dos fujões

Indicado ao STF por Lula, o ministro da AGU, **Jorge Messias**, já conversou com 73 dos 81 senadores. No grupo de parlamentares que “deram um perdido” em Messias estão, por exemplo, Davi Alcolumbre,

Hamilton Mourão, Flávio Bolsonaro e Eduardo Girão.

A hora de Messias

Senadores da CCJ acreditam que Lula enviará a mensagem oficializando o nome de Messias ao STF em março.

Vorcaro está on

Os vazamentos da ação da PF enviada a Fachin não desmotivaram Daniel Vorcaro. Ele vai depor na CPMI do INSS no dia 24. Não citará políticos. Falará só sobre consignado.

Bolsonaro livre

O MPF arquivou, por falta de provas, um procedimento contra Jair Bolsonaro por crimes de “genocídio durante a pandemia, envolvimento com milícias, tráfico de drogas e corrupção”.

Nada a declarar

Aliados de primeira hora no PL dizem que a viagem de Flávio Bolsonaro ao exterior foi o principal motivo da subida dele nas pesquisas. Sem abrir a boca, é um candidato forte, dizem eles.

Mundo encantado

Outro que saiu do país — diretamente para a Disney — e se deu bem nas pesquisas foi Ratinho Jr. É o mais competitivo dos presidencialistas de Kassab.

Campanha suspeita

O MPF investiga suposta utilização de verba da Câmara dos Deputados para possível candidatura do bolsonarista Helio Lopes, atual deputado federal pelo Rio de Janeiro, para o cargo de senador por Roraima.

Medida eleitoreira

A pedido de Augusto Nardes, o TCU aprovou uma “recomendação” para Lula revisar a tabela do imposto de renda. Colegas dizem que Nardes usa a máquina do TCU para fazer campanha antecipada a deputado no RS.

A luta de Amin

O petista Carlos Zarattini encontrou com Esperidião Amin, nesta semana, e fez um alerta provocativo ao senador do PP de Santa Catarina sobre a candidatura de Carlos Bolsonaro ao Senado no estado: “Tão querendo roubar sua vaga lá? Se cuida!”. “Tô lutando”, disse Amin.

Batalha petista

O petista Odair Cunha reconhece que terá uma tem-

pestade pela frente para conseguir ser eleito para a vaga do TCU indicada pela Câmara. O Centrão quer tirar o doce dele. “Vou pra cima em busca de voto”, promete Odair.

Tchau, querido

A relação entre o ministro Fernando Haddad e o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, piorou nesta reta final de trabalho do chefe da Fazenda no governo. “Galípolo não tem mais que fazer sala a ninguém”, diz um aliado.

Boa iniciativa

A PF firmou parceria com a União Europeia para trabalhar em conjunto no combate a crimes de exploração sexual e assédio sexual infantojuvenil.



FIM! Vanessa: rainha da Acadêmicos de Niterói venceu o ex na Justiça

Caso encerrado

Rainha de bateria da Acadêmicos de Niterói, a escola de samba que vai homenagear Lula na avenida, a influencer **Vanessa Rangel** venceu recentemente uma batalha judicial contra o ex-companheiro dela, que queria 100 000 reais de indenização por suposta difamação nas redes. Ele foi acusado de ser pai ausente. A Justiça entendeu que não havia ofensa na crítica e encerrou o caso. ■

CARTAS NA MESA

Lula flerta com partidos do Centrão e mostra disposição para negociar a vaga de vice em troca de novos apoios, mas ofensiva espalha desconforto e incertezas até entre aliados

**HEITOR MAZZOCO, LAÍSA DALL'AGNOL
E JOSÉ BENEDITO DA SILVA**



TROPA REUNIDA

Lula com os ministros Renan Filho, Geraldo Alckmin e Fernando Haddad: o primeiro e o segundo podem ser candidatos a vice do petista, enquanto o terceiro é a maior aposta do governo para enfrentar Tarcísio em São Paulo

Em maio de 2006, ano em que disputou a primeira reeleição presidencial, Luiz Inácio Lula da Silva se encontrou com o ex-governador de São Paulo Orestes Quércia, cacique do MDB, e fez um aceno que deixou toda a esquerda incrédula: ofereceu a vaga de vice em sua chapa. Por poucos detalhes (problemas internos em alguns diretórios estaduais), a sigla não participou daquele pleito ao lado do PT — e também não teve candidatura própria à Presidência. A legenda de Quércia mostrou força na ocasião — obteve quase noventa assentos na Câmara dos Deputados. Posteriormente, a aliança PT-MDB acabou acontecendo. A união se sagrou vitoriosa nos dois pleitos nacionais seguintes (2010 e 2014), quando o deputado Michel Temer deixou o Legislativo para ser vice de Dilma Rousseff. O casamento entre petistas e emedebistas terminou de forma ríspida, em 2016, quando Temer sentou na principal cadeira do país diante do impeachment da titular e sob acusações de que teria sido o arquiteto de um “golpe” contra a petista.

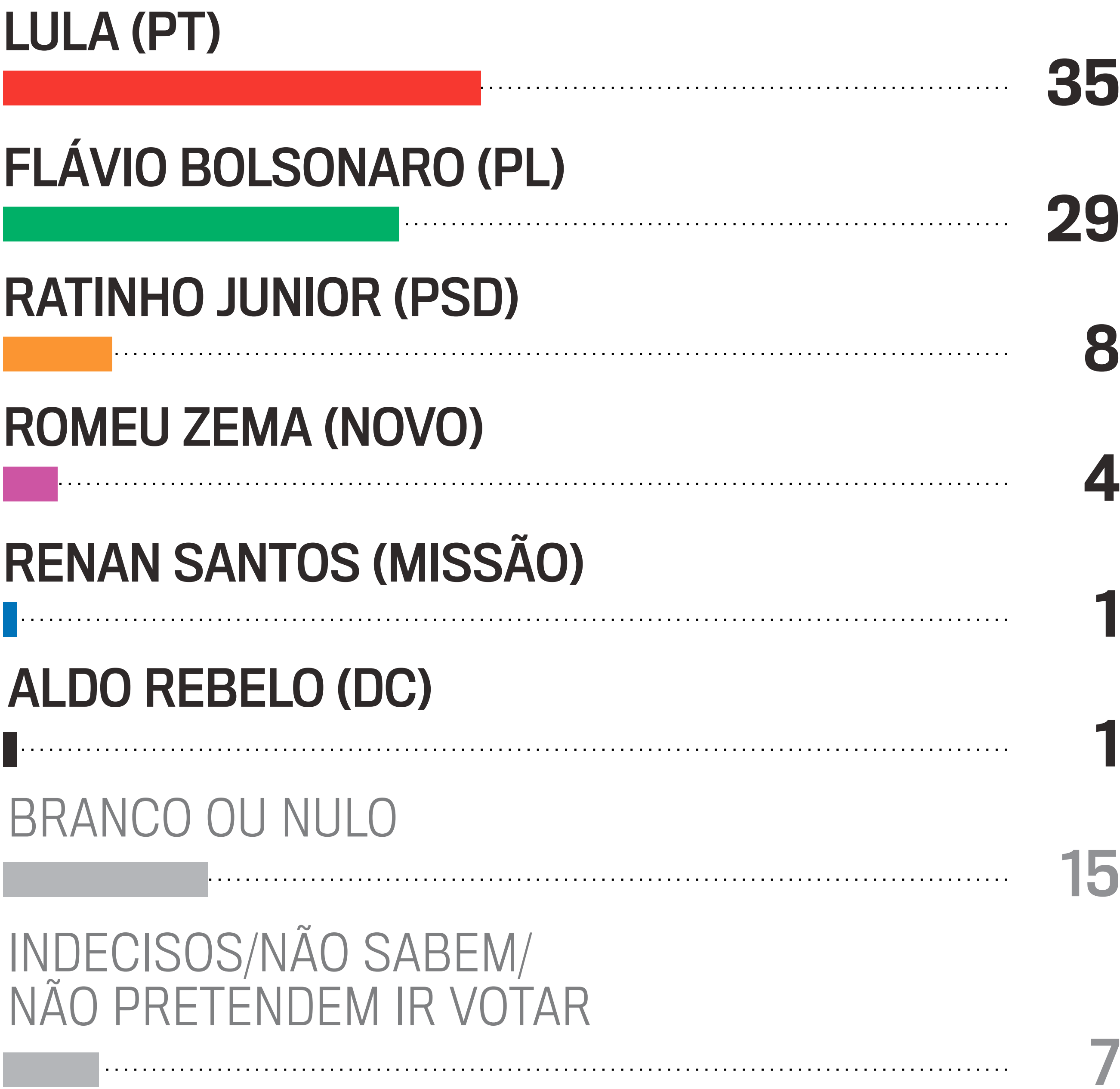
Duas décadas depois do encontro com Quércia e dez anos após o rompimento, Lula mais uma vez faz gestos para atrair o MDB, inclusive com a possibilidade de a sigla indicar seu vice. O flerte, que animou parte da legenda e movimentou os bastidores políticos na última semana, integra uma ofensiva maior lançada pelo presidente e seus aliados para ampliar o arco de apoios a seu nome para a campanha de outubro. A movimentação, movida pelo

MARATONA PRESIDENCIAL

Como está a corrida ao
Palácio do Planalto (em %)

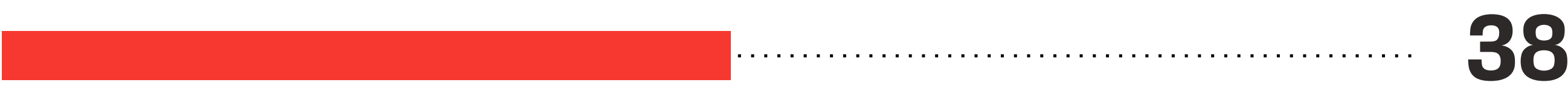
PRIMEIRO TURNO

CENÁRIO 1



CENÁRIO 2

LULA (PT)



FLÁVIO BOLSONARO (PL)



RONALDO CAIADO (PSD)



ROMEU ZEMA (NOVO)



RENAN SANTOS (MISSÃO)



ALDO REBELO (DC)



BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR



CENÁRIO 3

LULA (PT)



FLÁVIO BOLSONARO (PL)



ROMEU ZEMA (NOVO)



EDUARDO LEITE (PSD)



RENAN SANTOS (MISSÃO)



ALDO REBELO (DC)



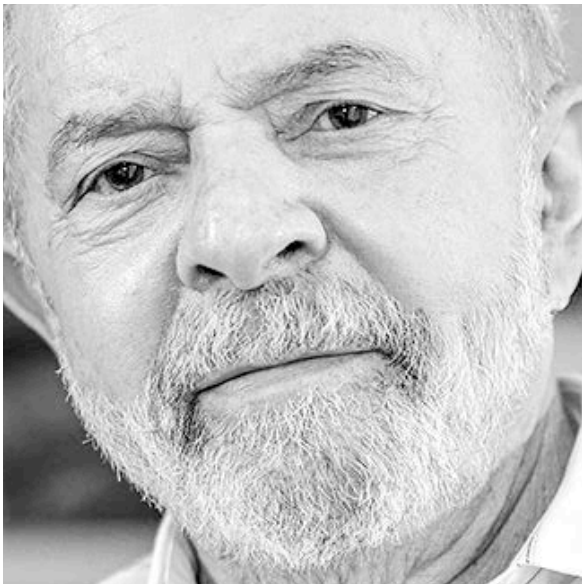
BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR



SEGUNDO TURNO



LULA (PT)



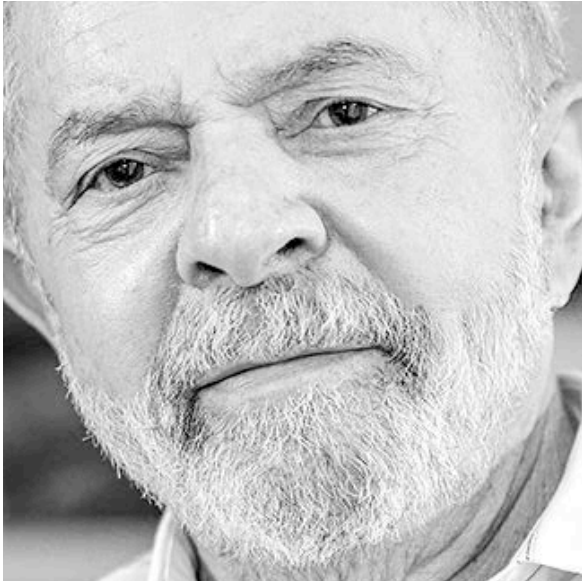
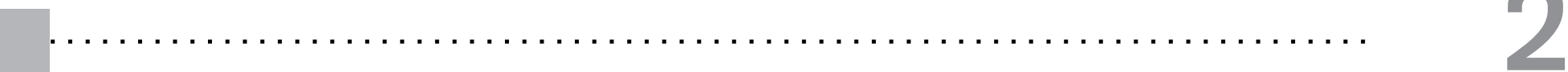
FLÁVIO BOLSONARO (PL)



BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR



LULA (PT)



RATINHO JUNIOR (PSD)

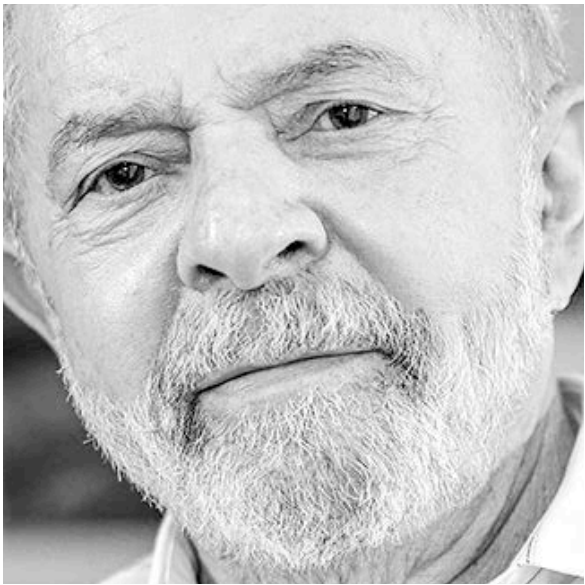


BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR





LULA (PT)



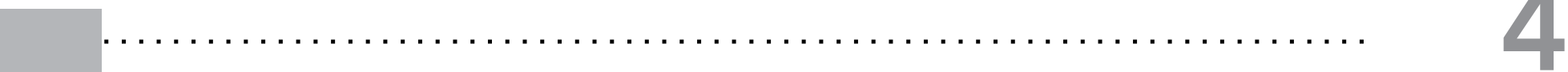
RONALDO CAIADO (PSD)



BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR



LULA (PT)



EDUARDO LEITE (PSD)

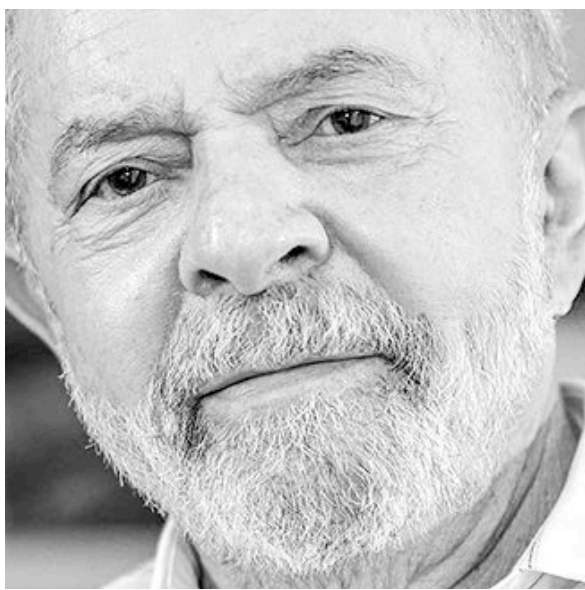


BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR





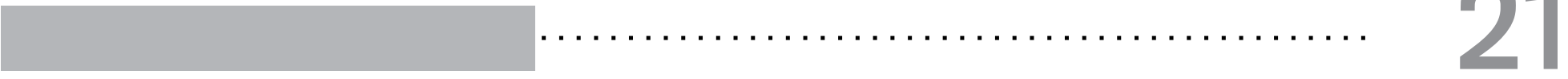
LULA (PT)



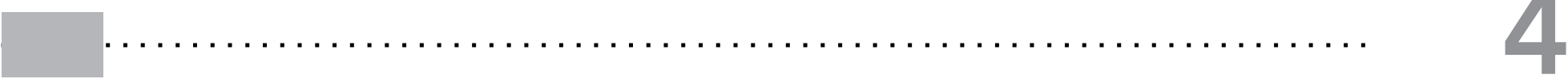
ROMEU ZEMA (NOVO)



BRANCO OU NULO



INDECISOS/NÃO SABEM/
NÃO PRETENDEM IR VOTAR



Fonte: *pesquisa Genial/Quaest feita entre 5 e 9 de fevereiro com 2004 entrevistados em todo o país e margem de erro de 2 pontos percentuais*

pragmatismo crescente de Lula diante da dificuldade que vislumbra no pleito de outubro, vem provocando desconfortos variados na sua base política.

O principal incômodo tem nome e sobrenome: Geraldo Alckmin. Aposta certa de Lula para vencer em 2022, a inclusão do ex-tucano na chapa passou uma mensagem poderosa de moderação e de aproximação com setores mais ao centro do espectro político e aliviou resistências

em parte do empresariado e do mercado financeiro. A possibilidade de Lula rifar agora seu parceiro, com quem se deu bem no governo, em nome de uma maior chance eleitoral incomoda não só a Alckmin — que resiste a abraçar outras tarefas, como ser candidato ao governo de São Paulo —, mas principalmente ao PSB, hoje o maior partido aliado formalmente ao projeto eleitoral de Lula. “Foi reafirmado ao presidente o desejo do PSB de manter a Vice-Presidência e que isso é uma prioridade para o nosso partido”, declarou o presidente da legenda, o prefeito de Recife, João Campos, na terça-feira 10, após sair do Palácio do Planalto, onde deu o recado a Lula.

Em reunião da bancada do PSB na Câmara, o líder Jonas Donizette (SP) também externou o desconforto ao dizer que Alckmin “representa algo muito forte para a candidatura de Lula”. “Não tenho dúvida que faz parte do jogo político (*conversar com o MDB*), mas a definição do presidente será por manter a chapa”, disse Donizette a VEJA. Alckmin não se manifesta, mas a aliados já confidenciou que pode até deixar a política se for escanteado no projeto presidencial de Lula. Há poucos dias, o petista foi claro ao dizer que “Alckmin tem um papel a cumprir em São Paulo”, sinalizando que gostaria de ver o aliado disputando o governo paulista, coisa que ele claramente não quer — assim como Fernando Haddad, ministro da Fazenda, a outra alternativa de Lula para tentar derrotar Tarcísio de Freitas.



ARTICULADOR Edinho Silva: presidente do PT conversa com dirigentes da esquerda à direita para ampliar coalizão governista

O namoro com o MDB faz parte de uma estratégia ambiciosa de Lula: atrair o que for possível do centro político e esvaziar as candidaturas de oposição. Também nos últimos dias, o presidente surpreendeu ao receber em seu gabinete o senador Ciro Nogueira, dirigente nacional do PP, ex-ministro de Jair Bolsonaro e até então um dos principais porta-vozes da oposição. Acompanhado do presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), outro líder importante de uma legenda de centro, Ciro teria pedido para Lula “tirar o pé” no Piauí e apoiar apenas um candi-

dato ao Senado para que ele tivesse maior possibilidade de reeleição, uma vez que as pesquisas indicam dificuldade para renovar o mandato. O armistício entre o Centrão e o petista, de uma forma geral, deu o tom da conversa, com os dois lados enfatizando a necessidade de evitar animosidade política para não sabotar palanques em construção nos estados. A maioria das siglas está dividida sobre o posicionamento nacional e boa parte delas precisa do apoio de Lula em alguns estados, em especial no Norte e Nordeste. Isso anima o petista a tentar, se não o apoio formal — que parece impossível —, ao menos dividir as legendas e impedir que se coliguem formalmente a algum adversário.

A movimentação de Lula não cria incômodos só nos companheiros da última jornada eleitoral. No MDB, lideranças importantes reprovam o flerte governista porque veem nele uma tentativa de cooptação da legenda, que o presidente sabe que tem nuances pelo país. Há muita resistência à aliança com o petista por parte de caciques como o ex-presidente Michel Temer, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, e o presidente nacional da sigla, deputado Baleia Rossi. O petista, no entanto, conta com aliados de peso que já se movimentam para levar a barca emedebista para o porto lulista, como os ministros Renan Filho (Transportes) e Simone Tebet (Planejamento), ambos cotados para serem companheiros de chapa de Lula. A estimativa é que lulistas e não lulistas controlem quase meio a meio os 27 diretórios estaduais da legenda — para aderir



ANDRESSA ANHOLETE/AGÊNCIA SENADO

CONVERSA Ciro Nogueira: encontro com o presidente no Palácio do Planalto criou dúvidas sobre para onde pode ir o Centrão

formalmente ao projeto petista, a sigla teria que aprovar a aliança em convenção. “Na eleição passada, mesmo com o MDB tendo candidato à Presidência (*Tebet*), levamos treze diretórios para apoiar Lula. Hoje essa correlação é ainda mais favorável. Se indicarmos o vice, ganharemos a convenção”, disse a VEJA o senador Renan Calheiros (AL), um dos caciques do MDB empenhados em ajudar Lula.

A estratégia do petista também aprofunda incertezas no Centrão, um personagem importante da política brasi-



DIVULGAÇÃO

RESISTÊNCIA Baleia Rossi e Michel Temer: o cacique do MDB e o ex-presidente são contra a ida da legenda para o palanque lulista

leira. Antes empenhado em construir a candidatura presidencial de Tarcísio, que facilmente uniria as legendas centristas, o bloco agora se movimenta de forma mais cuidadosa. Parte do grupo ainda encara com dificuldade a chance de embarcar na candidatura de Flávio Bolsonaro (PL), que cada vez mais se consolida como o principal opositor de Lula na corrida presidencial, como mostra pesquisa Genial/Quaest divulgada na quarta-feira 10 (*veja o quadro “Maratona presidencial”*). Marcados pelo pragmatismo,

esses partidos pensam principalmente no desempenho nas eleições ao Congresso, fundamentais para manter — ou ampliar — seu peso político no cenário nacional, além de significar mais ou menos dinheiro dos bilionários fundos públicos que sustentam as máquinas partidárias. “Está tudo muito indefinido. As sinalizações por parte de Lula de querer dialogar com os partidos de centro embola um pouco esse jogo”, reconheceu Hugo Motta, em evento em São Paulo.

Um dos emissários mais valiosos de Lula nessa estratégia tem sido o presidente do PT, Edinho Silva. Ele se reuniu com Ciro Nogueira e Antonio Rueda, presidente do União Brasil, outro cacique que já foi mais de oposição. O encontro visou discutir palanques regionais, para que, no “que for possível”, haja alianças ou, ao menos, o compromisso de que não haja ataques mútuos em redutos estraté-



GABRIELA PIRES

DE OLHO Simone Tebet: nome em alta no governo, ela pode sair do MDB para viabilizar projetos eleitorais desenhados por Lula

gicos. Ao mesmo tempo, concordaram que a atuação dos partidos nas pautas do Legislativo se atenha ao necessário, preservando tempo e energia para o pleito. Edinho tem reafirmado que conta com legendas como MDB e até mesmo o PSD de Gilberto Kassab, que diz ter três presidenciáveis (os governadores Ratinho Junior, Eduardo Leite e Ronaldo Caiado). “Queremos todos os partidos da base do governo”, afirma.

Lula sempre teve dificuldades para construir palanques mais amplos, especialmente em direção ao centro. Mesmo em 2006, quando buscou o MDB de Quêrcia, o petista, então acossado pelo mensalão, teve que se contentar em ir para a disputa só com o PCdoB e o PRB do vice José Alencar. Na última eleição, construiu seu maior palanque, atraindo nove legendas, mas a maior delas era o PSB, um partido médio do Congresso. Para a eleição deste ano, o petista tenta unificar de forma inédita a esquerda ao atrair também o PDT, a única grande legenda do campo que não abraçou sua candidatura em 2022 (lançou Ciro Gomes). Ao centro e à direita, no entanto, persiste a velha dificuldade, que o petista se esforça para superar. Se vai dar certo, só o tempo dirá. O retrospecto não permite muito otimismo. ■

BUSCANDO MODERAÇÃO

Flávio Bolsonaro ganha pontos nas pesquisas, tenta achar um discurso mais equilibrado e discute com aliados qual seria o vice ideal para atrair os partidos de centro **NICHOLAS SHORES**



ESTRATÉGIA O pré-candidato do PL: ao contrário do pai, o Zero Um não quer ser apresentado como “antissistema”

GOVERNISTAS e opositores concordam que a próxima corrida presidencial será tão disputada quanto a de 2022, quando Lula venceu Jair Bolsonaro no segundo turno por menos de 2 pontos percentuais de vantagem. Diante desse cenário, cada movimento pensado para conquistar os eleitores importa, inclusive a escolha do vice, posto que foi definido como “decorativo” por Michel Temer antes de ele ser alçado ao poder na esteira do processo de impeachment de Dilma Rousseff. Enquanto Lula analisa com cautela a possibilidade de substituir Geraldo Alckmin na urna eletrônica (*leia a reportagem “Cartas na mesa”*), o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que aparece nas pesquisas como o principal rival do petista, tem sido estimulado a deixar o radicalismo do pai de lado e, com uma boa dose de pragmatismo, ceder a vaga de vice a um político que seja filiado a um partido de centro, ajude a atenuar as resistências enfrentadas pelo Zero Um e tenha capacidade de virar votos. No roteiro do bolsonarismo, o nome escolhido daria à chapa presidencial o sonhado — e necessário — verniz de moderação.

No comitê de pré-campanha de Flávio, coordenado pelo líder da oposição no Senado, Rogério Marinho (PL-RN), está sendo gestado um programa de governo definido como liberal, mas sem esquecer os mais pobres. É de lá também que duas sugestões para vice ganharam força nos últimos dias. Uma delas é a senadora Tereza Cristina (PP-MS), que foi ministra da Agricultura na gestão Bolsonaro, é respeitada entre representantes do agronegócio e teria potencial pa-



CONSPIRATA Bolsonaro e Braga Netto: nome escolhido para evitar “traição”

ra reduzir a rejeição da família Bolsonaro no eleitorado feminino. Nas eleições de 2022, Tereza também foi aventada para compor a chapa à reeleição de Jair Bolsonaro, mas o capitão, desconfiado por natureza, preferiu convocar o general Braga Netto para a missão. Ele achava que um militar, ao contrário de um político profissional, não conspiraria para derrubá-lo. “Tereza é um perfil bastante interessante, de que o bolsonarismo gosta, uma pessoa mais discreta”, diz um estrategista próximo a Flávio Bolsonaro. “É um nome maravilhoso. Se ela tivesse sido vice de Bolsonaro, nós teríamos vencido as eleições de 2022. Isso é uma unanimidade”, afirma o senador Ciro Nogueira, presidente nacional do PP.

Chefe da Casa Civil no governo Bolsonaro, Nogueira preferia uma chapa presidencial da oposição formada pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e pela ex-primeira-dama Michelle. Apesar de ainda ter dúvidas sobre a viabilidade eleitoral de Flávio, ele aconselhou o senador a convidar para a vaga de vice o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), que também é pré-candidato à Presidência. Com a dobradinha, Flávio teria mais chances de derrotar Lula em Minas Gerais, o segundo maior colégio eleitoral do país — e o mais simbólico deles, já que, desde a redemocratização, quem venceu no estado conquistou a Presidência. Em 2022, Zema foi reeleito ao Palácio Tiradentes no primeiro turno. Nas semanas seguintes, fez campanha para Bolsonaro e ajudou o capitão reformado a diminuir a diferença para Lula, entre o primeiro e o segundo turnos, em 510 000 votos. Se for ajudado por Tarcísio e Zema, Flávio poderia abrir em São Paulo e Minas uma vantagem suficiente para neutralizar a esperada folga que Lula conseguirá no Nordeste. Esse é o plano. “Está todo mundo conversando com todo mundo, mas essa questão do vice não vai ser definida agora”, disse Zema a VEJA.

Quando anunciou ter sido escolhido pelo pai para disputar a Presidência, em dezembro passado, Flávio lidou de início com ceticismo e desconfiança, na direita, e zombaria e euforia, na esquerda. Foi tratado como um balão de ensaio e um candidato derrotado de antemão. Desde então, ele se consolidou como o principal adversário de Lula. A pesquisa



EM CONSTRUÇÃO Marinho: programa liberal com políticas de assistência aos mais pobres

Genial/Quaest divulgada na quarta-feira 11 apresentou o presidente em primeiro e o senador em segundo nas simulações de primeiro turno. Já em eventual segundo turno, a diferença entre eles, que era de 10 pontos na rodada anterior, caiu para 5 pontos. O crescimento nas intenções de voto do senador foi acompanhado da redução na descrença quanto à sua força eleitoral entre o eleitor bolsonarista e aquele que se diz parte da direita não bolsonarista. Nesse último segmento, 83% declaram voto no senador. O desafio, mais do que nunca, é convencer o eleitor que se diz “independente” a optar de forma majoritária por Flávio. Por enquanto, ele ainda prefere Lula, que aparece numericamente à frente, por 31% a 26%, conforme a Genial/Quaest.

FOLHAPRESS



SAULO CRUZ/AGÊNCIA SENADO



À DISPOSIÇÃO Zema e Tereza Cristina: nomes muito comentados, mas cúpula da campanha do PL diz que ainda é cedo para tomar uma decisão

Apesar de Flávio ainda estar atrás do presidente, seus assessores esbanjam otimismo ao analisar os dados do levantamento. Eles destacam que, das 2 004 pessoas entrevistadas, 57% acreditam que Lula não merece mais quatro anos no Palácio do Planalto, contra 39% que defendem o quarto mandato do atual presidente. A rejeição aos dois líderes da pesquisa também é quase a mesma: 54% a 55%. Com a candidatura se consolidando no Brasil, o senador passou a tentar fortalecê-la também no exterior. Recentemente, ele visitou Estados Unidos, Israel (onde esteve até com o premiê Benjamin Netanyahu, desafeto de Lula), Bahrein, Emirados Árabes Unidos e França. Durante a turnê, reuniu-se com líderes políticos e empresariais, inclusive vo-



FUNCIONOU Lula e Alencar em 2002:
afastando a desconfiança do mercado
e criando pontes com o empresariado

zes da extrema direita europeia, e se apresentou aos estrangeiros como peça-chave da rede global da direita conservadora. De olho no cenário doméstico, o senador buscou mandar um recado à esquerda e, principalmente, à cúpula da Justiça Eleitoral de que seus aliados fora do país estarão de olho na condução das eleições e prontos a alardear supostas interferências do TSE, que o lado perdedor julga terem ficado evidentes em 2022.

Como o que importa mesmo é o eleitor brasileiro, Flávio tenta se apresentar nas andanças pelo país como a voz mais moderada da família — o “Bolsonaro que se vacinou”, como ele mesmo definiu, numa tentativa de marcar diferenças com o pai. O senador rejeita a ideia de repetir a campanha



LULA MARQUES/FOLHAPRESS

SEM RUÍDOS Maciel e FHC em 1994: perfil discreto e aliança com o centro

de 2018, marcada pelo sucesso da aposta no sentimento “antissistema” da maioria da população. Ele também quer ficar longe dos erros que tornaram o capitão o primeiro presidente candidato à reeleição a sair derrotado das urnas sob a Constituição de 1988. Um grande deslize foi justamente a escolha do companheiro de chapa. Se o plano for cumprido à risca, o vice escolhido somará em diversas frentes, atraindo os partidos e os eleitores de centro. É uma questão estratégica. Para Alberto Aggio, professor de ciências políticas da Universidade Estadual Paulista, a escolha do vice sempre foi uma tarefa importante, mas tende a ser ainda mais em 2026 devido ao acirramento da polarização. “O vice cumpre um papel de agregação de forças políticas. Pode assumir uma



FOI BOM ENQUANTO DUROU Temer e Dilma em 2010: composição política desandou e sobraram acusações de traição

dimensão transversal, agregando cidades importantes e até mesmo regiões do país, ou ainda interferir na dimensão discursiva dos embates”, afirma.

Neófito em eleições presidenciais, Flávio pode pesquisar exemplos de vices na história recente. De casos de harmonia e sucesso nas urnas, como as duplas Fernando Henrique Cardoso e Marco Maciel, Lula e José Alencar, a parcerias que, apesar de bem votadas, descambaram para a cizânia e acusações de traição, como Dilma e Temer ou Bolsonaro e Mourão. Segundo seus aliados, o Zero Um só não deve se espelhar no próprio pai, que reduziu sua chance de ampliar a própria coligação eleitoral e renovar o mandato por desconfiança e sectarismo ideológico. ■

MOVIMENTO POLÊMICO

Com o apoio do governo, Congresso discute proposta que mexe na composição do Supremo, cria mandatos e altera a forma de escolha dos ministros da Corte **LARYSSA BORGES**



ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

ALTERAÇÃO STF: número de magistrados passaria de onze para quinze e eles permaneceriam no cargo por dezesseis anos



EM ANO DE ELEIÇÃO, políticos costumam dedicar certa atenção a temas que interferem diretamente no cotidiano das pessoas, como segurança pública, salários e impostos. Também é comum o surgimento de propostas com soluções mágicas para problemas complexos. O Supremo Tribunal Federal (STF), por exemplo, é alvo de ataques, ministros tiveram suas condutas questionadas e há críticas fundamentadas sobre a necessidade de autocontenção. Para mostrar que não estão alheios a esse problema complexo que divide opiniões e inunda as redes sociais, governo e Congresso já alinharam a “solução”: a apresentação de uma emenda constitucional que mudaria radicalmente a composição, a forma e o funcionamento do tribunal. Ainda discutido a portas fechadas, o projeto amplia o número de ministros, acaba com a aposentadoria compulsória, fixa mandatos e reserva vagas para que outras instituições, e não apenas a Presidência da República, indiquem os ocupantes do cargo.

Na quinta-feira 5, em entrevista ao UOL, Lula foi perguntado sobre a necessidade de mudanças no Judiciário. “Eu acho que nada está livre de mudanças. Eu acho que vamos discutir isso, porque não é justo uma pessoa entrar com 35 anos e ficar até 75 anos, é muito tempo. Se tudo no país pode ser renovado, por que um juiz tem que ficar a vida inteira?”, respondeu. E acrescentou: “Estamos confiantes de que em algum momento vai aparecer algum projeto de mudança”. Hoje, os onze ministros do STF podem permanecer no cargo até os 75 anos. A ideia defendida pelo presidente e por al-

“Eu defendi, na tese, que o mandato deve ser entre dez e doze anos. São discussões acadêmicas sempre no sentido de um aprimoramento e sempre no sentido de troca de ideias.”

Ministro **Alexandre de Moraes**, durante sua sabatina em 2017



guns parlamentares é fixar um mandato de no máximo dezesseis anos. Além disso, as vagas na Corte seriam ampliadas para quinze e uma parte delas seria reservada para indicados do Congresso e do próprio STF.

Embora não seja a primeira vez que o presidente defende uma reforma nesses moldes, o timing político e o desgaste do Supremo por episódios como as investigações do Banco Master se tornaram um aglutinador de apoios para as propostas, sobretudo às vésperas das eleições. “Reformar o Poder Judiciário pode significar um movimento demagógico



ROSINEI COUTINHO/STF

“Quando acumula as funções de tribunal constitucional com tribunal jurisdicional, a vitaliciedade é a garantia que prevê uma maior independência e autonomia dos ministros.”

Ministro **Alexandre de Moraes**, em 2023

de captação de clientela eleitoral, de captação de votos à custa de um poder da República”, disse a VEJA o ministro aposentado do Supremo Carlos Ayres Britto. Há também interesses suprapartidários na iniciativa. Além de ministros e juristas que sonham em um dia ocupar uma cadeira no STF, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e seu antecessor, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), são favoráveis às mudanças — e interessados nelas. O líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), que comprou briga com a Corte ao endossar em 2023 uma emenda que limitava deci-



VICTOR PIEMONTE/STF

“Se as principais funções exercidas por nossa Corte Constitucional são tão proeminentemente políticas, é necessário que haja alternância entre aqueles que as exercem.”

Flávio Dino, em 2009, ao propor emenda estabelecendo mandato para os ministros do STF

sões do STF, é apontado como um dos incentivadores da proposta de fixar os mandatos, o que ele nega. “O Lula falou demais na hora em que não era para falar disso”, diz um senador petista, ouvido sob a condição de anonimato, confirmando as articulações.

A ampliação das cadeiras do Supremo já foi ventilada pelo ex-presidente Bolsonaro e abandonada na sequência, depois de uma saraivada de críticas. Na versão discutida por governistas e integrantes do Congresso, as quatro novas vagas de ministros seriam indicadas pela classe política e pelos



ROSINEI COUTINHO/STF

“Agora ressuscitaram a ideia de mandatos para o Supremo. Pelo que se fala, a proposta se fará acompanhar do loteamento das vagas, em proveito de certos órgãos. É comovente ver o esforço retórico feito para justificar a empreitada.”

Ministro **Gilmar Mendes**

próprios ministros do STF, ampliando as cadeiras quase ao patamar imposto pelo Ato Institucional nº 2, de 1965, quando a ditadura militar partiu para cima da Suprema Corte e aumentou o número de ministros para dezesseis. “No regime de exceção no Brasil, a experiência não foi boa, tanto que se voltou às onze”, lembra Marco Aurélio Mello, que ocupou um assento no STF por 31 anos. “Discursos de vale-tudo contra o Supremo acabam normalizando certas discussões que não deveriam ser normais”, afirma o professor David Sobreira, mestre em direito pela Universidade Harvard.

“Recentemente no México o então presidente fazia discursos diários contra o Judiciário e promoveu eleições de juízes via voto popular. Resultado: foram eleitos juízes na maioria alinhados ao partido do governo e até representantes de cartéis”, acrescenta.

A ideia de fixar mandatos é controversa entre os próprios integrantes do Supremo. “Pelo que se fala, a proposta se fará acompanhar do loteamento das vagas, em proveito de certos órgãos. É comovente ver o esforço retórico feito para justificar a empreitada”, já criticou o ministro Gilmar Mendes, decano da Corte. Em diferentes momentos, os ministros Luiz Fux, Cármen Lúcia, André Mendonça, Cristiano Zanin e o presidente Edson Fachin endossaram a hipótese de mandatos fixos e o direito de o Congresso legislar sobre o tema. Mas partiu dos ministros Alexandre de Moraes e Flávio Dino a defesa mais concreta de mandatos e do direito de outras instituições indicarem nomes. “Se as principais funções exercidas por nossa Corte Constitucional são tão proeminentemente políticas, é necessário que haja alternância entre aqueles que as exercem”, escreveu Dino em 2009, quando era deputado, ao apresentar um projeto fixando mandato para os ministros. Perguntado por VEJA se continua defendendo a tese, ele não respondeu. Moraes, por sua vez, mudou de opinião. Como professor de direito, ele defendia o mandato para ministros. Tempos depois, desistiu da ideia. “Quando acumula as funções de tribunal constitucional com tribunal jurisdicional, a vitaliciedade é a ga-



CONTROVÉRSIA Congresso: deputados e senadores poderiam indicar integrantes da Corte

rantia que prevê uma maior independência e autonomia dos ministros”, disse ele em 2023, seis anos depois de tomar posse no cargo.

Desde que assumiu o primeiro mandato, em 2003, Lula já indicou onze ministros para o Supremo Tribunal. Quando o discurso da frente ampla pela democracia embalou as eleições presidenciais de 2022, ele usou o desatino bolsonarista de ampliar o número de juízes para desancar o adversário. Às vésperas da disputa em que tentará a reeleição, as mu-



BASTIDORES Wagner: líder governista
seria um dos favoráveis à iniciativa

danças agora são apresentadas como solução para os frequentes pedidos de impeachment dos juízes, para evitar futuras crises entre o Judiciário e o Parlamento e até para aliviar a pressão sobre o tribunal em relação à também controversa proposta de implantação de um código de conduta (*veja o quadro ao lado*). Considerando-se o tamanho da controvérsia gerada pela ideia, a iniciativa tem tudo para esquentar ainda mais o clima já quente do debate político no ano eleitoral. ■

UMA CAMPANHA DIFÍCIL

CÓDIGO

Fachin: conversas
com a OAB
e ex-colegas



Desde que tomou para si a missão de aprovar um código de conduta para o Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin se viu em incômoda posição diante de seus pares. A proposta dividiu a Corte entre os ministros que simplesmente são contra qualquer norma complementar à Constituição e à Lei Orgânica da Magistratura para regulamentar as atividades de seus integrantes (Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e Gilmar Mendes são os mais vocais) e aqueles que apoiam a iniciativa, mas duvidam da capacidade do presidente de fazer a matéria avançar. Fachin, no entanto, dá mostras de que não está disposto a deixar a pauta morrer antes de seu nascimento e se movimenta fora da Corte na tentativa de empurrar a agenda adiante.

Grandes mobilizações com o potencial de engrossar ainda mais o volumoso coro dos descontentes com a cúpula do Judiciário estão fora de cogitação. O magistrado tem preferido se reunir com juristas, ex-ministros, presidentes de outros tribunais superiores e até com juízes estrangeiros para chegar a um texto palatável a quem veste as togas mais poderosas do país. Uma das conversas, fora dos compromissos oficiais, aconteceu na casa do ex-decano Celso de Mello, em São Paulo, no final de janeiro. Ao longo de quase três horas, os dois trocaram impressões e ideias sobre o projeto. “A ética judicial deve estar visível, escrita e aberta ao escrutínio da sociedade”, diz o ministro aposentado, defensor

da adoção de normas que, entre outras coisas, proíbam viagens de ministros em jatinhos particulares, regulamentem a atuação em julgamentos cujas causas são representadas por parentes e que tragam mais transparência aos rendimentos obtidos pelos juízes com palestras.

Internamente, o presidente conta com o apoio de Cármen Lúcia – a integrante mais bem avaliada do STF –, a quem escalou para ser a relatora da primeira versão do texto do código de ética. Em uma ação para tentar acelerar o processo, Fachin e os presidentes dos demais tribunais superiores – Cármen Lúcia (TSE), Herman Benjamin (STJ), Luiz Philippe Vieira de Mello (TST) e Maria Elizabeth Rocha (STM) – se alinharam em um almoço no início do mês. “O ajuste é fundamental para a construção e manutenção da legitimidade em todos os âmbitos decisórios”, defende Elizabeth. Uma campanha encabeçada por representantes da sociedade civil reforça a retaguarda do ministro. Já são mais de 51 000 assinaturas a favor do código, inspirado na norma do tribunal alemão. “De certa forma, as regras já estão em vigor”, aponta o ex-ministro da Justiça Miguel Reale Jr., que integra a comissão de notáveis da OAB que fez o primeiro esboço do documento. Resta saber se os ministros do STF concordam.

Rayssa Motta

CONFUSÃO NOS PALANQUES

A oito meses da votação, Minas Gerais, segundo maior colégio eleitoral do país, vive um cenário de indefinição, da direita à esquerda, que pode impactar a sucessão presidencial **PEDRO JORDÃO**



DESACERTO Simões e Kassab: o PSD do vice-governador tem três presidenciáveis, mas ele fará campanha para Zema

DESDE a redemocratização, é um dado conhecido que a eleição para presidente da República passa pela vitória em Minas Gerais — nenhum candidato chegou nesse período ao Planalto sem a bênção dos eleitores do estado. Até por isso, o segundo maior colégio eleitoral do país (10,5% do total) vem recebendo a máxima atenção de todos os campos da política no período pré-eleitoral, com vários caciques se movimentando com a intenção de fortalecer seus palanques para a disputa deste ano. O alto volume de conversas, no entanto, não resultou até agora em acordos sólidos, muito pelo contrário: a oito meses da eleição, Minas vive uma profusão de incertezas sobre quem vai caminhar com quem não só nas eleições estaduais, mas nas corridas nacionais — um cenário que dificulta qualquer prognóstico sobre quem sairá vencedor na arena que terá peso importante na disputa eleitoral em outubro deste ano.

Vencedora nas últimas duas eleições estaduais, a direita parecia ter um cenário mais bem encaminhado. Até o fim de 2025, o candidato apoiado pelo governador Romeu Zema, seu vice, Mateus Simões, parecia jogar sozinho no tabuleiro eleitoral e seu maior objetivo era formar uma grande frente de direita em torno de seu nome. Para isso, trocou o nanico Novo pelo poderoso PSD, legenda que apoia o atual governo mineiro e que possui extensa capilaridade — conquistou 140 das 853 prefeituras em 2024. O movimento de Simões ajudou a travar a articulação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no estado ao trazer para ele o direito de ser



AFINADOS Pacheco e Alcolumbre: presidente do Congresso quer senador no União Brasil para disputar governo mineiro

candidato pela legenda, a mesma do senador Rodrigo Pacheco, que o petista quer viabilizar.

O que parecia ser um bom xeque-mate na oposição, porém, se complicou quando o PSD anunciou que tem três presideciáveis (os governadores Ratinho Junior, Eduardo Leite e Ronaldo Caiado) e que um deles será candidato ao Planalto em outubro. O vice-governador, que assume Minas em março com a renúncia anunciada de Zema, já avisou que não abre mão de apoiar seu padrinho na corrida ao Planalto.

O palanque presidencial no estado também torna quase impossível a missão de Simões de atrair o PL, um dos principais partidos da direita em Minas. O problema é que a legenda do bolsonarismo precisa de um candidato mineiro que

apoie a campanha presidencial de Flávio Bolsonaro (PL), o que não seria garantido por Simões. Com isso, o maior cabo eleitoral do PL no estado, o deputado federal Nikolas Ferreira, já declara publicamente que busca um nome capaz de abrir palanque presidencial no estado — ele próprio descartou assumir a missão porque considera que é mais importante no Congresso, mas na política, como se sabe, tudo pode mudar bem rápido.

Uma alternativa com a qual o bolsonarismo flerta ajudaria a isolar ainda mais o grupo de Zema: o senador Cleitinho Azevedo (Republicanos), que lidera as pesquisas, mas não se define se irá ou não para a disputa. “Se o Nikolas e o Flávio quiserem me apoiar, vai ser um prazer. Conheço o Flávio, acho ele uma pessoa extremamente preparada. Mas isso é uma decisão deles e do PL. Eu quero muito contar com o apoio deles”, diz, para fazer duas ressalvas em seguida: a de que não sabe se será candidato e que, se decidir ser, vai até o fim mesmo sem o apoio do PL e do bolsonarismo.

A pulverização do sonho da grande aliança à direita põe em risco o projeto de Zema e de Simões. Sem a frente conservadora a seu lado, o vice perde sua principal cartada eleitoral, já que é pouco conhecido pela população e pontua muito mal nas pesquisas, atingindo entre 2% e 5% na maioria delas. A situação é reconhecida até pelo presidente do PSD, Gilberto Kassab, que afirma que Simões “não vai crescer nas pesquisas enquanto não começar a campanha” e que, ao assumir o governo, vai poder se mostrar efetivamente para a população.



INCERTEZA Cleitinho e Nikolas: dois dos principais nomes da direita em Minas, eles tateiam o rumo a seguir na eleição

“Temos um governador que não preparou a sucessão. Isso é, claramente, uma fragilidade. Ele lança um candidato que não tem voto. Se ele sair sozinho, não vai ganhar”, analisa o cientista político Carlos Ranulfo, da UFMG.

Se a direita está com suas articulações truncadas, a esquerda está numa situação ainda pior, mas por motivo distinto: a falta de opções. Com as vitórias da direita nas últimas eleições no estado, a crença de Lula e do PT é de que é preciso criar uma frente ampla que consiga angariar os votos dos eleitores fora da esquerda. Assim, o partido colocou por meses (e ainda mantém) a maior parte de suas apostas numa candidatura encabeçada por Rodrigo Pacheco. O senador, no entanto, preci-

sa desatar o nó da filiação partidária. Convidado por legendas como MDB, PSB e União Brasil (do aliado Davi Alcolumbre, presidente do Congresso, que trabalha para viabilizar a candidatura), Pacheco tem evitado falar abertamente se será candidato ou não, mergulhando ainda mais o campo lulista na incerteza. “Pacheco é uma grande liderança, é nosso desejo. Mas ninguém é candidato se não estiver convencido da missão. Por isso, o diálogo vem sendo feito, mas isso depende dele”, afirma o presidente do PT, Edinho Silva.

Se o “plano Pacheco” naufragar, sobram poucos caminhos a Lula. Uma alternativa é a do ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PDT), a quem a esquerda apoiou em 2022, mas a conversa não é fácil. Logo depois de o cacique de seu partido, Carlos Lupi, dizer, na sequência de uma reunião com Edinho, que o PT o apoiaria na eleição, o ex-prefeito postou no X: “Eleição é um saco: no meu palanque só sobe quem eu quiser”. Outra opção que vem sendo costurada pelo presidente do PSB, João Campos, é a filiação do presidente da Assembleia Legislativa, Tadeu Leite, hoje no MDB, para disputar o governo com apoio da esquerda. “Nós gostamos muito do trabalho dele, temos um bom diálogo, mas essa é uma definição que também cabe a ele”, diz a presidente estadual do PT, Marilene de Souza, a Leninha. Haveria ainda a chance de apoiar Gabriel Azevedo (MDB), ex-presidente da Câmara de Belo Horizonte, que já está em campanha. “O PT está sem escolha. O Kalil não é uma boa opção para o PT: o PT não gosta do Kalil e o Kalil não gosta

do PT. Uma saída pode ser o MDB, mas isso dependerá do quadro nacional”, -avalia Ranulfo.

O cenário confuso, ao que parece, só será desanuviado pela capacidade dos presidenciáveis de fazerem valer seus projetos no estado. De volta ao Brasil após uma viagem que incluiu países do Oriente Médio e da Europa (*veja a reportagem na pág. 26*), Flávio Bolsonaro deve começar uma ofensiva por apoios nos colégios eleitorais mais importantes. “Após o Carnaval, ele vai pegar firme nisso, no entendimento com os partidos e os candidatos”, acredita o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. Outro movimento possível é o da tentativa de aproximação entre Zema e Flávio — o governador é cotado para ser vice do senador —, que, embora negada por ora pelo entorno do mineiro, vem sendo aventada nos bastidores e poderia solucionar algumas questões. Já do lado de Lula, a demora por uma definição pode levar legendas de centro, que o petista gostaria de atrair, para outros palanques que forem se desenhando de forma mais consistente.

A confusão sobre as alianças não chega a ser uma exclusividade de Minas Gerais. Em São Paulo, com o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) cada vez mais favorito à



DIVULGAÇÃO

MAU HUMOR Kalil e as alianças: “No meu palanque, sobe quem eu quiser”

reeleição, Lula pena para fechar seu palanque. Sua primeira opção é o ministro Fernando Haddad, que resiste a concorrer ao Palácio dos Bandeirantes. Já Márcio França, ministro do Empreendedorismo, quer se viabilizar na disputa, mas não tem apoio entusiasmado do entorno do presidente (*leia a entrevista em Páginas Amarelas*). No Rio de Janeiro, todo mundo quer estar ao lado do favorito Eduardo Paes (PSD), mas o fechamento de alianças caminha lentamente. Sem Flávio na disputa local, nem as definições para o Senado estão claras. Por fim, se Cláudio Castro renunciar em abril para tentar ser senador, o estado ainda terá de eleger, indiretamente, um governador-tampão, já que seu vice, Thiago Pampolha, renunciou e foi para o Tribunal de Contas do Estado.

A questão mineira, no entanto, vai além do número de votos possíveis e da escrita, até agora não quebrada, de que todo presidente eleito precisa conquistar o povo mineiro. Minas é considerado um estado-pêndulo, que muda de eleição para eleição, e que tem um eleitor atípico, capaz de votar em Lula para a Presidência e em Zema para o governo, como ocorreu no chamado voto Lula-Zema, de 2022, ou no já histórico fenômeno “Lulécio”, em 2002 e 2006, quando o mineiro votou em peso em Aécio Neves (PSDB) para governador e no petista para presidente, mesmo ele enfrentando presidenciáveis tucanos (José Serra e Alckmin). O enigma de Minas Gerais, ao que parece, vai continuar desafiando nos próximos dias os principais candidatos a presidente. Quem decifrar primeiro pode encurtar o caminho até o Planalto. ■



MURILLO DE ARAGÃO

O SENADO COMO CENÁRIO CENTRAL

A verdadeira disputa estratégica
será pela Casa Alta do Congresso

O SENADO FEDERAL reúne atribuições constitucionais essenciais para a governabilidade: autoriza nomeações para o STF, a Advocacia-Geral da União, a Procuradoria-Geral da República, o Banco Central e agências reguladoras; interrompe a aplicação de leis julgadas inconstitucionais; confirma acordos internacionais e tem poder para remover ministros do STF com dois terços dos votos. Em um sistema democrático no qual o Judiciário exerce influência política crescente, o Senado funciona como espaço em que pode haver limitação ou contestação às decisões judiciais.

As eleições de 2026 concentrarão atenções na corrida presidencial. Mas a verdadeira disputa estratégica está na formação da maioria senatorial para 2027-2031. Ao longo da história, a configuração dessa Casa tem determinado o equilíbrio entre os Poderes da República: é nesse ambiente que se encontram os meios para influenciar ou impedir indicações, diretrizes normativas e interpretações institucionais.



Pesquisas sugerem que o grupo bolsonarista poderá garantir de 42 a 44 cadeiras no Senado em 2027, quantidade suficiente para eleger o presidente da Casa. O movimento bolsonarista almeja mais: o impeachment do ministro Alexandre de Moraes, do STF. A estratégia da direita consiste em eleger 37 senadores favoráveis ao impeachment entre os 54 em disputa; que, somados aos dezessete com mandato até 2030, totalizariam 54. Esse cenário é possível, mas requer a conversão de indecisos no Centrão.

No lado petista, existe um dilema estratégico. Como Bolsonaro, Lula também aposta no Senado, porém enfrenta uma certa desordem. Em São Paulo, candidatos fortes competem por poucas vagas (Fernando Haddad, Geraldo Alckmin, Simone Tebet, Marina Silva, Márcio França), gerando fragmentação de esforços. No Rio de Janeiro, em Minas Gerais e outros estados, a base petista demonstra

**“A eleição presidencial
deverá ser decidida
quando a composição
do Legislativo já
estiver definida”**

fraca competitividade, mesmo em áreas do Nordeste onde o partido tradicionalmente possui influência.

O Centrão surge como mediador decisivo. MDB, União Brasil, Republicanos, PP e PSD possuem poder decisório que vai além de sua representação numérica; um senador não comprometido tem mais valor como instrumento de negociação política do que diversos votos já garantidos. Se Bolsonaro conseguir 44 senadores e Lula, 37, aproximadamente dez senadores do Centrão determinarão não só a presidência do Senado, mas também grupos capazes de obstruir nomeações e viabilizar ou impedir mecanismos de responsabilização. A fidelidade desses grupos dependerá de posições, ministérios e capacidade de veto sobre políticas que afetam interesses regionais e econômicos.

Provavelmente, a eleição presidencial será decidida no segundo turno, quando a composição do Legislativo já estiver definida. Se Lula for reeleito com um Senado desfavorável, terá um governo institucionalmente fragilizado. Caso o vitorioso seja do campo da direita, possivelmente a dificuldade de construir uma maioria deverá ser menor. Mas não há cenário de tranquilidade. O fato de a luta pela maioria no Congresso ocorrer antes mesmo de se saber quem será o presidente da República demonstra a importância sobre a escolha daqueles que definirão a temperatura do relacionamento entre os Poderes a partir de 2027. ■

A CORRIDA PELA REDENÇÃO

Depois de um longo período de inelegibilidade, personagens envolvidos em escândalos de corrupção se preparam para tentar retornar à política **HUGO MARQUES**



ROBERTO RODRIGUES/DIVULGAÇÃO



FOTOS GETTY IMAGES; REPRODUÇÃO

FAVORITO
Arruda com Kassab:
o ex-governador, flagrado
recebendo propina, se filiou ao
PSD e lidera pesquisas no DF



O EX-GOVERNADOR do Distrito Federal José Roberto Arruda é um fenômeno. Em 2009, ele foi filmado recebendo um pacote de dinheiro, teve o mandato cassado, foi preso e condenado por corrupção. Recentemente, se filiou ao PSD numa cerimônia concorrida, que contou com a presença do presidente do partido, Gilberto Kassab, senadores, deputados e lideranças locais. Arruda foi saudado como futuro governador. “Hoje o PSD começa a se preparar para governar Brasília”, disse o líder pessedista, destacando que o novo correligionário era “indiscutivelmente” uma das pessoas mais bem preparadas para a política e “que melhor conhece os desafios que o Brasil tem pela frente”. O entusiasmo, em tese, se justifica. Na última sondagem de intenção de votos realizada pelo instituto Paraná Pesquisas, no fim do ano passado, o ex-governador, mesmo afastado do cenário político por mais de uma década, aparece liderando a disputa pelo Palácio do Buriti. Isso, por si só, já é um feito curioso para quem, num determinado momento, não conseguia sequer sair às ruas sem ser hostilizado. Para viabilizar sua candidatura, no entanto, o ex-governador, de 72 anos, antes terá de vencer uma batalha jurídica pela elegibilidade. Em 2014, ele também foi condenado por improbidade administrativa. Uma mudança na Lei da Ficha Limpa aprovada pelo Congresso no ano passado alterou a forma de contagem do prazo da inelegibilidade, que passou a ser de oito anos considerados a partir da decisão de um tribunal colegiado. Para a defesa, esse prazo vence em

PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS



VOLTA EM GRANDE ESTILO Dirceu: depois de cumprir pena, o ex-ministro vai disputar vaga na Câmara com aval do presidente Lula



INSTAGRAM @ZEDIRCEUOFICIAL

julho. A palavra final caberá à Justiça Eleitoral. “Quero resgatar a minha história, botar a cara a tapa e poder mostrar o outro lado da moeda do massacre que vivi”, diz o ex-governador. Enquanto isso, os acordos vão sendo costurados. O PSD já acertou uma parceria com o Avante, cujo presidente é o também ex-senador Gim Argello, que, assim como Arruda, foi condenado por corrupção, cumpriu três anos de prisão em regime fechado e agora também faz planos para o futuro — o plano A, aliás, é ser candidato a vice-governador na chapa do próprio Arruda.

A lista de proscritos que tentarão voltar ao cenário político é longa. Apenas em Brasília, além de Arruda e Gim, também o ex-ministro e ex-governador Agnelo Queiroz pretende disputar as eleições de outubro. O petista foi condenado por abuso de poder político e, em 2017, preso e acusado de superfaturamento na construção do Estádio Mané Garrincha. A maior pedra no caminho do petista, porém, foi um caso bizarro. Em 2014, descobriu-se que o médico Agnelo Queiroz, servidor de carreira da Secretaria de Saúde, recebeu um generoso aumento de salário concedido por uma portaria do governador Agnelo Queiroz. Condenado por improbidade, o petista teve de devolver 500 000 reais aos cofres públicos e permaneceu inelegível até 2025. O ex-ministro do Esporte do segundo governo Lula agora pretende disputar uma vaga de deputado federal. O partido já deu sinal verde. “O Agnelo é um bom candidato, é muito bem-vindo e vai conquistar um mandato de deputado federal”, diz o deputado distrital Chico Vigilante, liderança petista do Distrito Federal.

O PT está empenhado em resgatar antigas estrelas do partido que sucumbiram por envolvimento em escândalos. A maior delas é José Dirceu, condenado por corrupção e lavagem de dinheiro a mais de 39 anos de prisão. Ex-chefe da Casa Civil do primeiro governo Lula, o ex-ministro cumpriu parte de sua pena, foi beneficiado com a anulação dos processos da Lava-Jato, recuperou sua elegibilidade em 2024 e agora, aos 79 anos de idade, pretende



PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP



CHAPA PURA

Argello: o ex-senador, que ficou três anos preso, é cotado como candidato a vice-governador

retomar a carreira política como candidato a deputado federal por São Paulo. Ele conta com o apoio entusiasmado do presidente da República para voltar à Câmara. Lula já recebeu o antigo auxiliar no Palácio do Planalto, posou para fotos ao lado dele e, sempre que pode, rasga elogios ao ex-chefe. “Eu sei o quanto ele foi solidário ao que passei”, explicou o presidente, agradecendo o apoio que recebeu do ex-ministro no período em que ele, Lula, também foi preso por corrupção.

A lista de proscritos petistas que miram uma vaga no Parlamento tem outros personagens famosos. Delúbio Soares, ex-tesoureiro do partido, João Paulo Cunha, presidente

INSTAGRAM @ANDREL.VARGAS



PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

APOIO OFICIAL

Vargas: “Mesmo tendo passado por momentos difíceis, me sinto em condições de ajudar meu país”

da Câmara no primeiro governo Lula, e André Vargas, vice-presidente da Câmara no governo Dilma Rousseff, também já confirmaram suas pré-candidaturas. Os três foram condenados e presos por corrupção e pretendem disputar uma vaga de deputado federal. Delúbio, de 70 anos, tem visitado cidades de Goiás, onde se diz injustiçado e distribui um livreto com sua versão para os escândalos. O ex-deputado João Paulo Cunha estudou direito enquanto cumpria sua sentença na penitenciária. A volta do PT ao governo federal impulsionou a carreira dele no mundo jurídico, mas, aos 67 anos, o que ele quer mesmo é voltar à política como representante de São Paulo. André Vargas tem planos semelhan-



PT



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

“INJUSTIÇADO”

Delúbio: ex-tesoureiro do PT,
que cumpriu pena por
corrupção, já faz campanha
em Goiás

tes. Ele havia decidido deixar a política depois de cumprir três anos e seis meses de prisão. Solto em 2018, virou produtor rural no interior do Paraná. A decisão do STF de anular as sentenças da Lava-Jato levou o petista a rever os planos. “Fui vítima de uma emboscada criminoso. Mesmo tendo passado por momentos difíceis, me sinto em condições de ajudar meu país no Parlamento”, diz o ex-deputado. No mês passado, ele foi recebido no Planalto pela ministra Gleisi Hoffmann, das Relações Institucionais. A cena foi postada nas redes sociais.

O MDB, partido que também esteve no epicentro de vários escândalos nas últimas duas décadas, torce pelo res-

gate de alguns antigos expoentes da legenda. Eduardo Cunha, 67 anos, ex-presidente da Câmara, ainda não escolheu o partido pelo qual pretende retornar ao Congresso, de onde foi cassado em 2016, mas já anunciou Minas Gerais como seu novo domicílio eleitoral. O ex-deputado vai recuperar os direitos políticos apenas em 2027, mas acredita que esse detalhe não será um empecilho para registrar a candidatura. Condenado a dezesseis anos de prisão por corrupção, ele gosta de lembrar em suas redes sociais o papel que teve no impeachment da ex-presidente. Dilma Rousseff. No Dia do Amigo, de maneira irônica, Cunha publicou uma foto ao lado da petista e, sempre que pode, faz referência ao livro que escreveu dedicado a ela: *Tchau, Querida*. “Nunca deixei de ser político e pretendo continuar político”, justifica o ex-deputado.

Em situação jurídica ainda indefinida, o ex-governador do Rio Sérgio Cabral, ex-MDB, foi um dos únicos políticos defenestrados por escândalos de corrupção a admitir seus malfeitos. “Isso é um vício”, disse em um surpreendente depoimento, revelando que a tradição da época — ele governou o estado de 2007 a 2014 — era cobrar propina de “10%, 20%, 30%” sobre obras e serviços, mas que ele, menos ambicioso, cobrava apenas 5%. Condenado a mais de 435 anos de prisão, Cabral permaneceu seis anos em regime fechado, foi beneficiado pela anulação dos processos da Lava-Jato e cumpre o que restou de suas penas em regime domiciliar. “Já me disseram que sou lembrado nas pes-

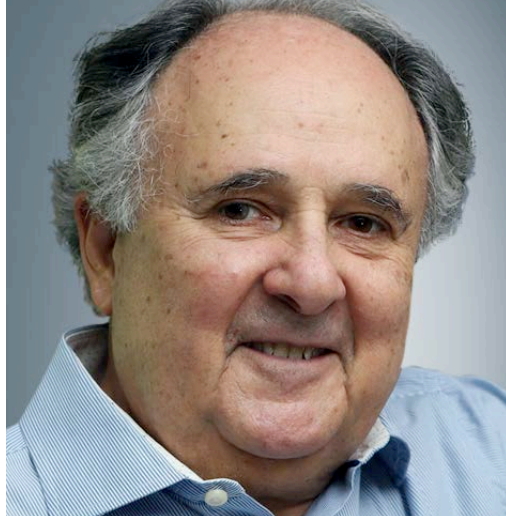


EM ESPERA

Cabral: confissão, sentença de 435 anos de cadeia e expectativa pela reconquista da elegibilidade

quisas, que estou entre os cinco mais votados do Estado para deputado federal”, ressalta.

O ex-governador aguarda o julgamento de uma ação no Supremo Tribunal que pode devolver sua elegibilidade. Enquanto isso, cuida da campanha do filho, que vai disputar uma vaga de deputado estadual, e mantém uma página numa rede social, em que lembra as realizações dos anos que comandou o Palácio Guanabara e a histórica parceria com o presidente Lula. Cabral diz que não tem expectativa de voltar às urnas, mas pode ser que os inúmeros exemplos de políticos em busca de redenção pelo voto o façam mudar de ideia. ■



CRISTOVAM BUARQUE

ALFABETIZAÇÃO NECESSÁRIA

É preciso cuidar sobretudo
da educação de base

UMA RECENTE avaliação do ensino de medicina alertou para os riscos à saúde dos brasileiros caso nossos médicos continuem a se formar nessas faculdades. Faltou denunciar os riscos à saúde do Brasil se continuarmos a educar nossas crianças e jovens nas atuais escolas de base. Os brasileiros precisam cuidar da qualidade das faculdades que formam doutores, sim, mas também da educação que vem desde o início, da infância. Além de outros fatores — protecionismo, burocratismo, insegurança jurídica, custo da máquina estatal e infraestrutura degradada —, a principal causa da estagnação de nossa renda média está na falta dos conhecimentos necessários para nos integrarmos ao mundo moderno. Sem a plena alfabetização de toda a população para a contemporaneidade, o país continuará sujeito a sete enfermidades: baixa produtividade, concentração de renda, pobreza, violência, instabilidade, corrupção e endividamento.

O primeiro analfabetismo a ser superado é o da proficiência na língua nacional. Dez milhões de adultos não sabem ler



nem escrever, incapazes de reconhecer a própria bandeira nacional. Cinquenta ou sessenta milhões conseguem ler “Ordem e Progresso”, mas não sabem interpretar corretamente um texto longo; são incapazes de escrever uma redação com lógica, entender o manual de um equipamento ou a receita de um bolo.

A alfabetização para o mundo contemporâneo deve oferecer a cada brasileiro capacidade para entender, deslumbrar-se e mudar o país e o mundo: conhecimento dos fundamentos da matemática, das bases das ciências físicas e sociais, além de história, geografia e gosto pelas artes. Deve também permitir compreender os desafios que se apresentam ao país e ao planeta, inclusive os limites ao crescimento econômico e os riscos decorrentes da crise ecológica. Deve oferecer consciência política e compromisso para participar dos destinos da nação.

**“Dez milhões de adultos
não sabem ler nem
escrever, incapazes
de reconhecer a
própria bandeira”**

Uma forma de analfabetismo diante do mundo moderno é não falar e escrever ao menos um idioma estrangeiro. Sem isso, torna-se difícil participar do mundo e praticamente inviável cursar um ensino superior de qualidade. Outro componente do analfabetismo contemporâneo é a ausência de habilidades técnicas para o exercício de pelo menos um ofício que assegure emprego e renda.

O cidadão alfabetizado para a contemporaneidade não precisa necessariamente ingressar na universidade, mas, se tiver vocação e desejar cursar o ensino superior, deve estar preparado para disputar vaga nos cursos mais concorridos. Nos tempos atuais, ser alfabetizado exige entender que cada país é um pedaço do mundo e que o PIB deixou de ser o único indicador de progresso, pois a riqueza precisa ser sustentável ecologicamente e socialmente justa. Para que o conhecimento seja efetivo, é necessário formar cada brasileiro para a solidariedade entre os seres humanos e destes com a natureza. Não há outra saída.

A educação de base com qualidade deve oferecer a cada brasileiro um mapa para a busca de sua felicidade pessoal e os instrumentos para contribuir na construção de um país mais rico economicamente e melhor socialmente. Para dar saúde ao Brasil — e, portanto, também médicos de excelência —, é preciso implantar um sistema nacional público de educação de base com alta qualidade para todos, independentemente da renda e do endereço. ■

TIROS CERTEIROS

Piauí vira uma das poucas administrações petistas com bons resultados no combate ao crime e emplaca o novo secretário nacional de Segurança

Pública **ISABELLA ALONSO PANHO E BRUNO CANIATO**



REFORÇO Novos policiais: gestão contratou 2600 homens desde 2022



O ANO DE 2022 não foi fácil para o Piauí. Além de amargar o 24º lugar entre 27 estados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), cravou um triste recorde de violência, com 732 casos de homicídios dolosos. Foi em maio daquele ano que a empresária Kariane Lima Veras viu dois homens armados entraram no seu restaurante para roubar — apesar de ninguém ter resistido, ela foi baleada à queima-roupa na cabeça e morreu aos 36 anos. Pela brutalidade da ação, filmada em vídeo, a dupla foi condenada a quase setenta anos de prisão. Passados quase quatro anos do crime que chocou o estado, o jogo parece estar virando no Piauí, que se tornou uma das poucas gestões petistas com resultados positivos na segurança, área sensível para a campanha à reeleição de Lula.

As mudanças mais perceptíveis ocorreram no enfrentamento de duas chagas: os atentados contra a vida e os crimes patrimoniais. Houve queda de 34% em homicídios, quase o dobro do verificado no país. O número de latrocínios, como o que vitimou Kariane, caiu 44%. Tudo isso sem recorrer à brutalização das forças de segurança, já que a letalidade policial diminuiu 26%, em movimento contrário ao do país. Esses bons resultados renderam ao estado um desafio: mostrar que eles podem ser possíveis em uma escala maior. No último dia 2, o advogado e ex-procurador do Estado Chico Lucas, que é filiado ao PT, trocou a pasta que comandava no Piauí havia três anos pelo cargo de secretário nacional de Segurança Pública do governo Lula,



DEVOLUÇÃO Motos recuperadas: furto de veículos diminuiu 38% em três anos

um dos principais braços do Ministério da Justiça.

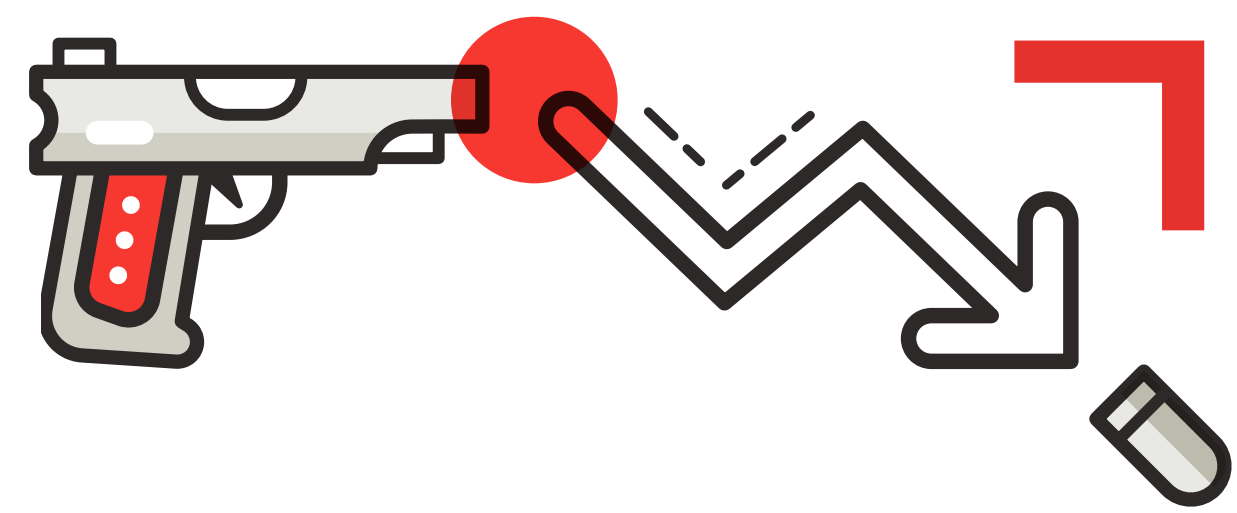
A pergunta que fica com sua ascensão é: o que o Piauí tem a ensinar ao país nessa área? O combo de iniciativas adotado por Chico Lucas mostra que o feijão com arroz pode ser suficiente. Entre as iniciativas estão coisas defendidas há tempos por especialistas, como investimento em inteligência, unificação de dados das polícias, uso de tecnologia de monitoramento, ampliação do efetivo policial, desestímulo ao lucro com o crime e investimento na solu-

ção de casos e punição de culpados. O total de mandados cumpridos pela polícia saltou de 310 para 1 296 entre 2022 e 2025. “Houve profissionalização das forças de segurança”, diz o piauiense Arnaldo Eugênio, doutor em antropologia e especialista em segurança e políticas públicas.

Há pelo menos uma iniciativa que já foi “clonada”. O programa Meu Celular de Volta, que permite o registro de aparelhos para localização em caso de roubo ou furto, inspirou o programa federal Celular Seguro, uma iniciativa -2024. O furto de celulares no Piauí caiu 53% em três anos, e a polícia devolveu 14 744 aparelhos a seus donos. -culos furtados e roubados aos seus proprietários nos últimos dois anos.

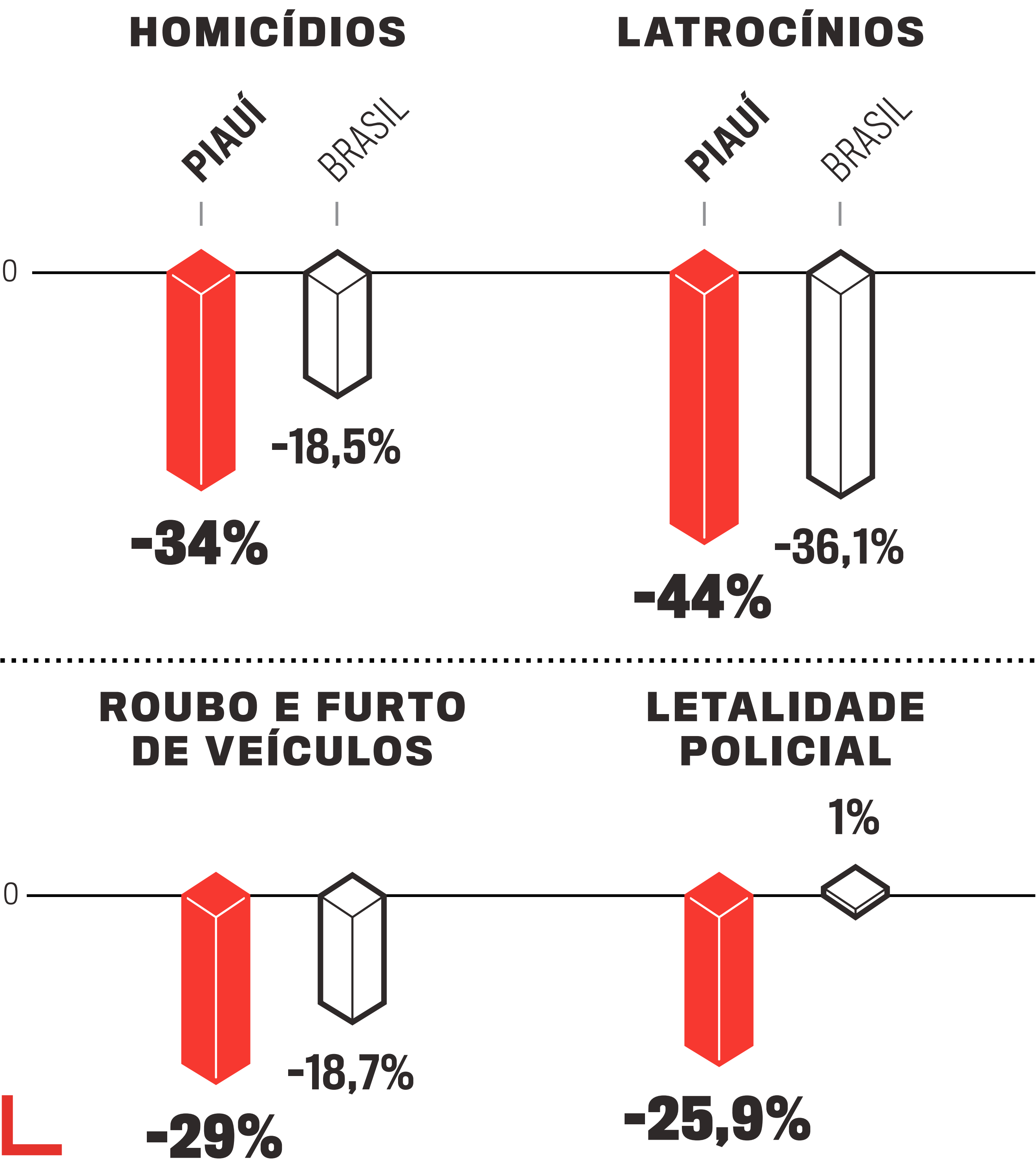
Desafios não faltam ao novo secretário, como ajudar a andar a iniciativa mais conhecida do governo, a PEC da Segurança Pública, parada no Congresso. Ele terá pouco tempo para mostrar algum resultado no enfrentamento daquela que os brasileiros elegeram sua maior preocupação: 27%, segundo a pesquisa Genial/Quaest divulgada na quarta 11. De imediato, ele defende maior coordenação das ações e foco no crime organizado, no feminicídio e no controle de armas. Outro desafio será o poderio crescente das facções, combatidas no Piauí em duas frentes: a descapitalização e o combate à impunidade, com processamento rápido e eficiente dos inquéritos policiais. “Essas pessoas que exercem poder contra as populações precisam ser responsabilizadas”, diz.

CRIMINALIDADE EM BAIXA



Piauí tem a segunda menor taxa de assassinatos no Nordeste

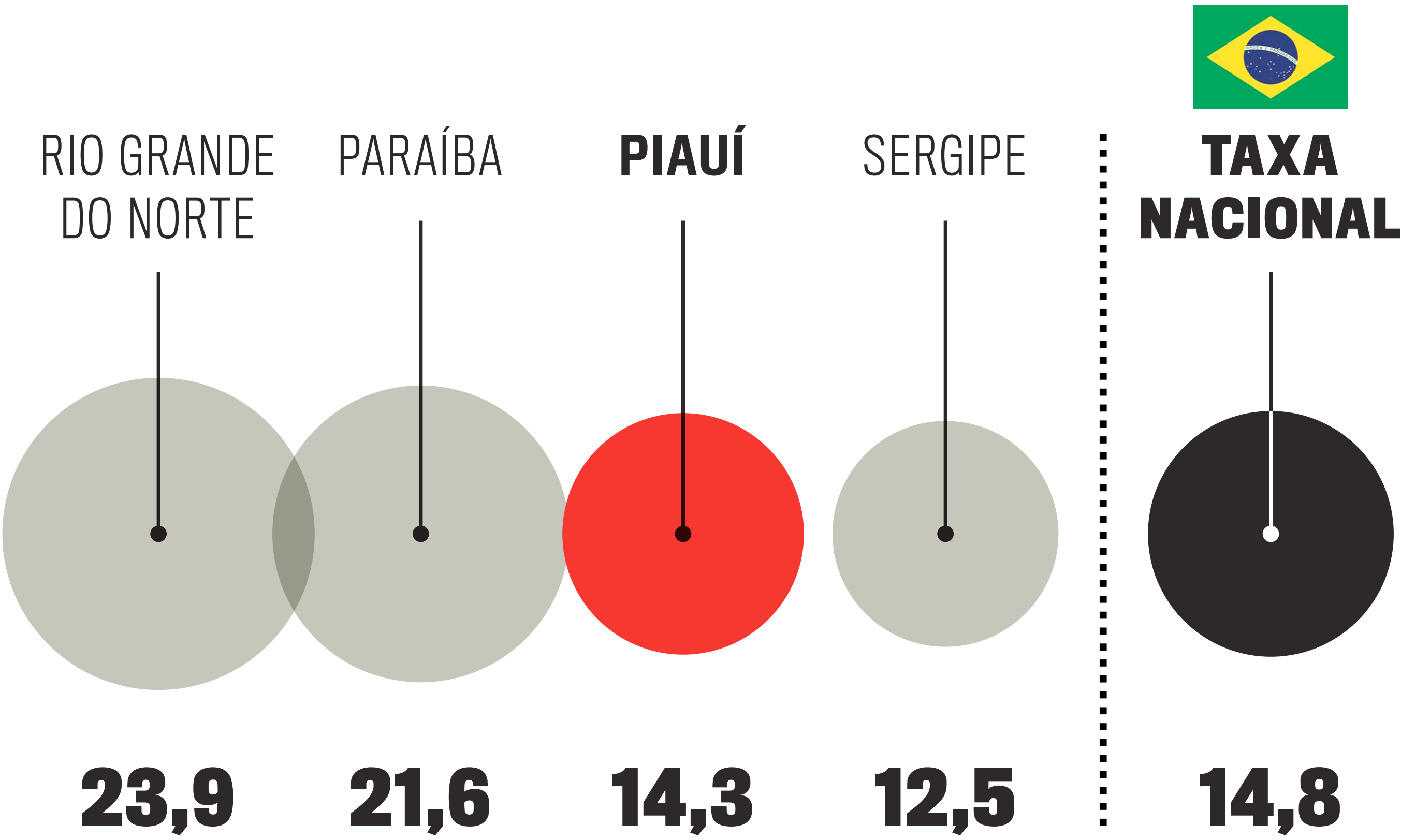
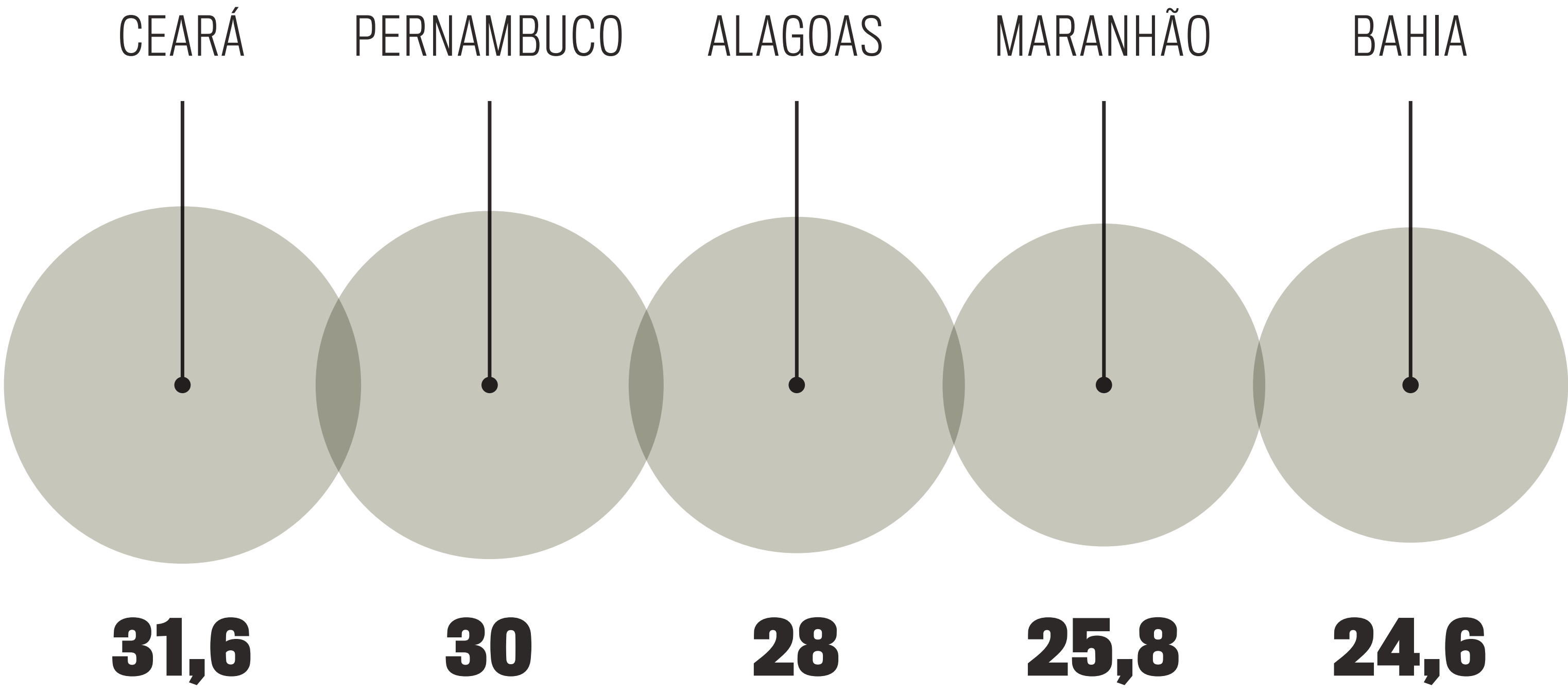
VARIAÇÃO DAS PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS



HOMICÍDIOS NO NORDESTE



Índice por 100 000 habitantes



Fonte: Sinesp – Ministério da Justiça e Segurança Pública

A performance na área de segurança pública transformou o Piauí num contraponto gritante a outros estados governados pelo partido de Lula, como Ceará e Bahia, que enfrentam graves crise nessa área. Isso também ocorria com o Piauí nos tempos de outra administração petista no governo estadual, a de Wellington Dias, atual ministro do Desenvolvimento. Sem dar muita bola a discursos ideológicos típicos da esquerda, como na teorização sobre os criminosos enquanto vítimas das mazelas sociais, a atual gestão do Piauí foi a campo para enfrentar o problema de forma organizada e profissional — e está colecionando vitórias na batalha contra os bandidos. ■



GABRIEL PAULINO/SSP-PI

MISSÃO Chico Lucas: secretário tem muitos desafios e pouco tempo



DANILO VERPA/FOLHAPRESS



ALTERNATIVAS Cristiano da Costa, da Shell: medidas em estudo para reduzir dívidas da Raízen

Operação Resgate

A britânica Shell, presidida no Brasil por **Cristiano Pinto da Costa**, pode contribuir diretamente para a reestruturação financeira da Raízen, produtora de etanol e açúcar da qual detém 44% do capital, participação igual à do grupo Cosan. A Raízen acumula dívida de 70 bilhões de reais e uma série de rebaixamentos de classificação de risco por agências de crédito. Em nota, a Shell afirma que “reconhece os significativos desafios financeiros” e que “continua trabalhando em medidas voltadas à redução do endividamento” da Raízen.



Fatia maior

A possibilidade de um aporte direto na operação — que elevaria a participação da Shell na Raízen — está sendo estudada pela consultoria Rothschild & Co. A empresa foi contratada como assessora financeira para avaliar alternativas que ajudem a companhia a superar as dificuldades econômicas. Procurada por VEJA, a Raízen não comentou.

Quero comprar

Um grupo de credores da Oi, representado pelo UMB Bank dos Estados Unidos, insiste na aquisição de 27,5% que a operadora, em recuperação judicial, detém na V. tal, empresa de infraestrutura de telecomunicações. A proposta envolve a troca dessa fatia por créditos que o grupo possui contra a Oi.

Engenharia complexa

O TJ do Rio de Janeiro, responsável pelo leilão do ativo, rechaça essa solução. A operação é mesmo complexa: um dos títulos tem valor de face de 8 bilhões de reais, mas está cotado a apenas 100 milhões no mercado, enquanto outro, de 3,5 bilhões de reais, encontra-se parcialmente bloqueado pela Justiça em razão de dívidas trabalhistas.

À venda

O Goldman Sachs abriu conversas com bancos brasileiros para vender sua participação na rede de saúde Oncoclínicas por meio de um leilão especial em bloco. Esse tipo de operação, conhecida como *block trade*, envolve a negociação de um grande lote de ações de uma só vez e ajuda a preservar o

preço no mercado, evitando oscilações bruscas.

Plano B

A alternativa junto aos bancos surgiu porque as tratativas do Goldman Sachs para vender sua fatia de 21% na Oncoclínicas à gestora IG4, que recentemente assumiu o controle da Braskem, enfrentam obstáculos. Sem o aval de outros acionistas, a operação com a gestora só poderá avançar por meio de uma nova oferta pública de aquisição.

Injeção de capital

A startup de locação de veículos Turbi, que fatura em torno de 500 milhões de reais por ano, contratou o banco Santander para levantar 100 milhões de dólares até maio deste ano. Do montante previsto, 40 mi-

lhões de dólares serão destinados à expansão da frota, que atualmente conta com 7 000 veículos.

Fintech no radar

O fundador da Turbi, Daniel Prado, vem mantendo conversas com fundos soberanos, de *venture capital* e *private equity* para captar novos recursos. Parte do montante será direcionada ao desenvolvimento de novas unidades de negócios, incluindo uma fintech.

Dinheiro para construir

A construtora baiana VCA prepara o lançamento de um fundo imobiliário de 150 milhões de reais para financiar novos condomínios residenciais no interior da Bahia. A perspectiva é somar 1,3 bilhão de reais em

vendas com esse projeto e obter receita total de 3 bilhões neste ano. Há negociações com a Caixa e com o Santander. A empresa também pretende emitir um certificado de renda fixa de 50 milhões de reais.

Mega-armazém

O Grupo Tecadi, que admi-

nistra polos logísticos na Região Sul, vai investir 30 milhões de reais em um novo armazém com mais de 60 000 metros quadrados em Santa Catarina. Será o maior do estado. Em 2025, a companhia investiu outros 30 milhões de reais em três novas unidades logísticas. ■

Bola QUADRADA

TODA SEGUNDA-FEIRA

20H

NO CANAL VEJA+TV

O FUTEBOL ALÉM DO PLACAR

Com Fernanda Arantes, Fábio Altman e Amauri Segalla, debates diretos e opiniões qualificadas sobre o jogo dentro e fora de campo

ASSISTA NO CANAL VEJA+TV



Samsung TV Plus
2059



LG Channels
126



TCL
10031



Roku
221



App
NXTV

veja**tv**

CLAUDIO GATTI



PRESOS NA ARMADILHA

A classe C cresceu e soma hoje 130 milhões de brasileiros, um recorde na história, mas o ritmo desse avanço ainda é insuficiente para fazer a renda do país mudar de patamar

JULIANA ELIAS E BRUNO ANDRADE





LIVRE DO BOLSA FAMÍLIA

TAÍSE SANTOS,

30 anos, engenheira

Filha de uma faxineira e um trabalhador que vive de bicos, Taíse cresceu em Sapopemba, na Zona Leste de São Paulo.

O dinheiro do Bolsa Família que a família recebia foi usado para pagar aulas de inglês. Ela se formou em 2025 em engenharia aeroespacial na Federal do ABC, onde entrou pelo sistema de cotas, e hoje trabalha em um banco. Acabou de pegar as chaves do apartamento do Minha Casa, Minha Vida, de 36 metros quadrados: “É o que posso pagar”.

Se números contassem sempre a mesma história, Lula teria pouco a temer na corrida eleitoral de outubro. Em seu terceiro mandato e prestes a tentar o quarto, o presidente se beneficia novamente de um fenômeno social marcante. Após um longo período de estagnação, a classe C, formada por pessoas com renda entre 2 526 e 10 885 reais, retomou seu crescimento para atingir tamanho recorde na composição da população brasileira. Mais do que um dado estatístico, o movimento traduz um processo de mobilidade social, pelo qual milhões de bra-

sileiros subiram degraus na escala de renda. De 2022 a 2024, segundo cálculos feitos pelo economista Marcelo Neri, pesquisador do Centro de Políticas Sociais da FGV Social, 17 milhões de brasileiros migraram para faixas de rendimento superiores. Com isso, a participação da classe C — que havia estacionado em 56% em 2014 — chegou a 61% em 2024, o maior número já registrado. Em dados absolutos, são 130 milhões de pessoas nesse estrato intermediário. “É um grupo que cresceu muito, mas ficou travado nas recessões de 2015 e na pandemia”, diz Neri. “Agora está avançando novamente, e em ritmo até mais acelerado do que antes.”

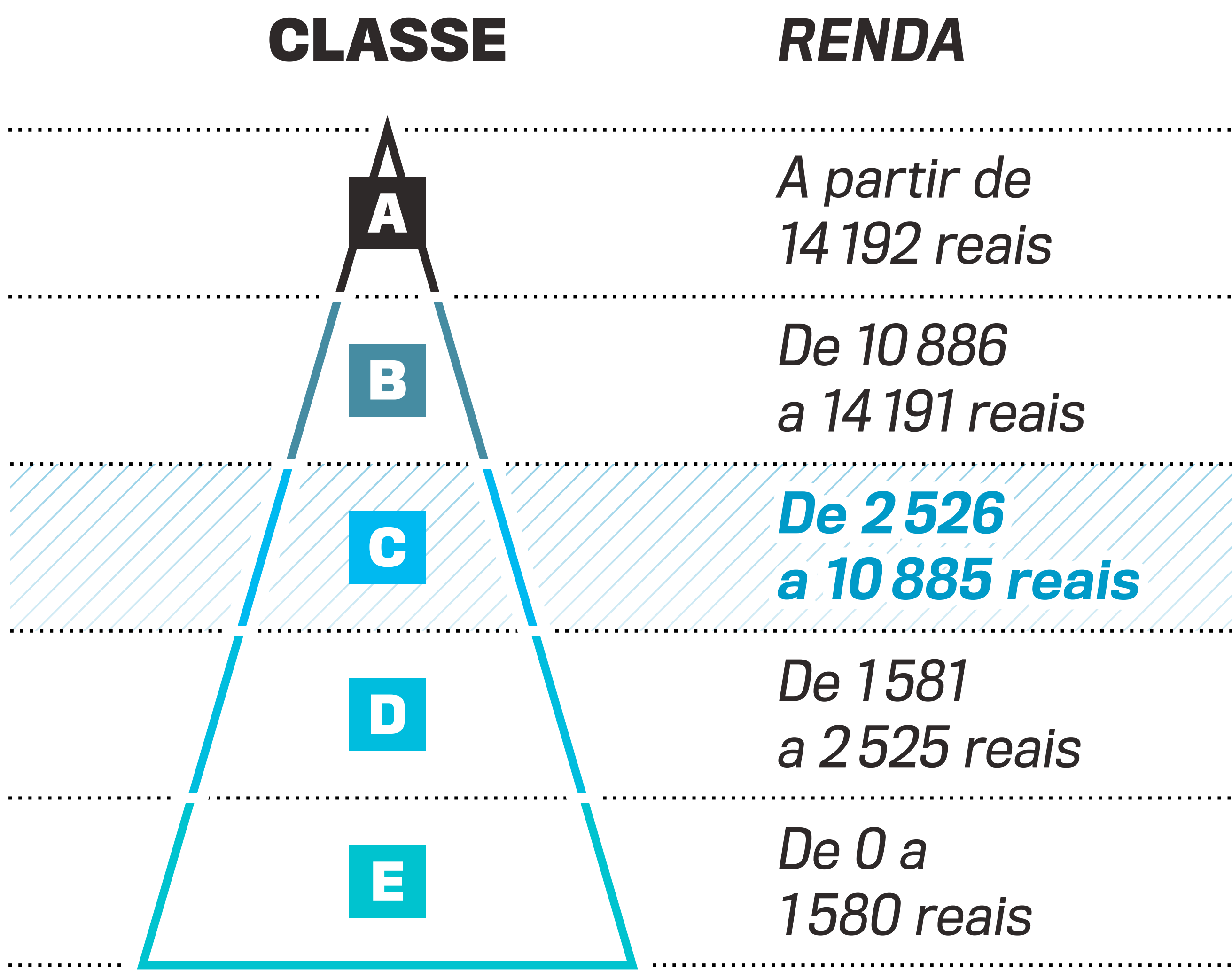
A nova expansão da classe C tem causas claras. O principal motor é o mercado de trabalho aquecido, com níveis recordes de ocupação. Mas, ao contrário do ciclo dos anos 2000, apoiado no emprego formal e na indústria, a mobilidade atual também vem do empreendedorismo. Autônomos, microempreendedores individuais e trabalhadores por aplicativos, como motoristas, entregadores e prestadores de serviços, passaram a compor uma fatia relevante do contingente que ascendeu nos últimos anos. Em um país historicamente marcado pela pobreza estrutural, o deslocamento representa um avanço notável. Em 2025, a proporção de brasileiros nas classes D e E caiu para o menor índice da história: 22% da população — são 46 milhões de pessoas. Até 1980, os pobres representavam mais de 70% da população.

Também mudou o tipo de classe C que emergiu desse novo ciclo. A expansão recente não apenas trouxe novos gru-

pos para o estrato intermediário, como consolidou uma geração que já nasceu nele, mais escolarizada, hiperconectada e menos conformada com a baixa qualidade de vida. Nesse ambiente, expectativas e valores foram sendo recalibrados. A cultura do “fazer por conta própria” ganhou força, e a reconfiguração religiosa — com o aumento da porção evangé-

A PIRÂMIDE SOCIAL

A divisão das classes sociais no Brasil de acordo com a renda*



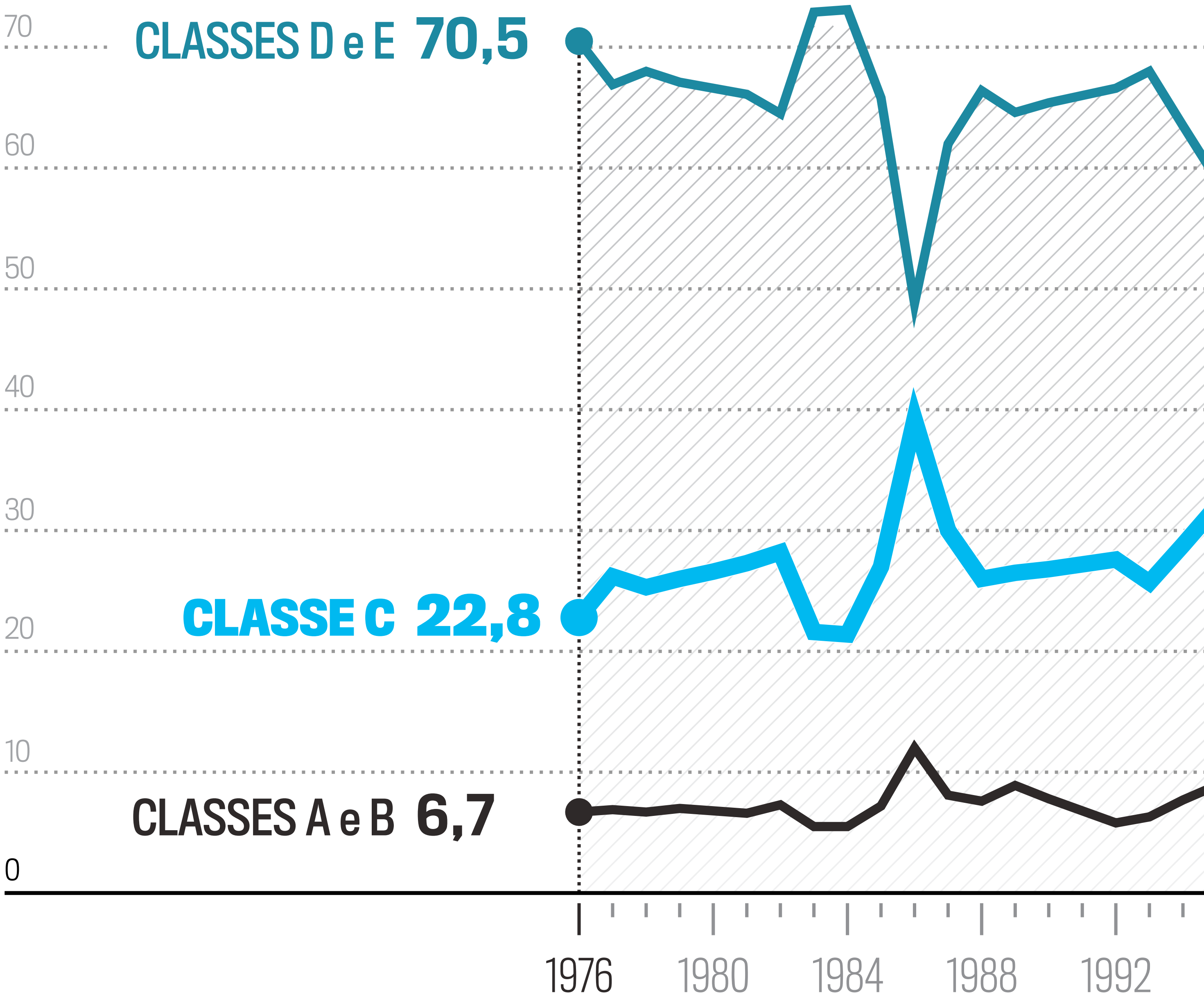
* Renda mensal, por domicílio

Fonte: FGV Social

O MEIO EM EXPANSÃO

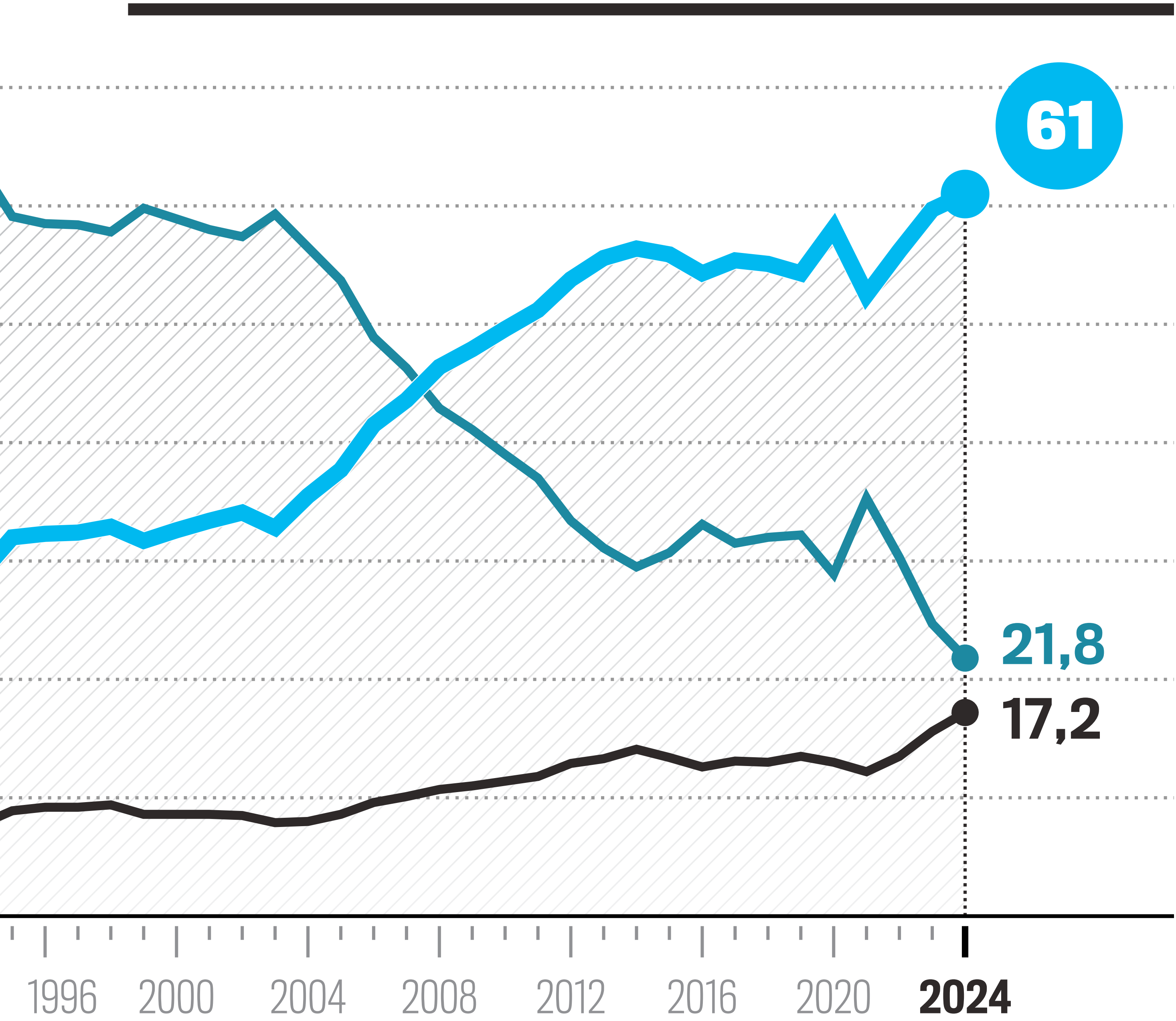
Depois de anos de estagnação, a nova classe média (C) voltou a crescer

PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS DE CADA CLASSE NO TOTAL DA POPULAÇÃO, EM %



lica — passou a influenciar aspirações e visões de mundo. O resultado é uma classe C mais exigente. “Os mais velhos ficaram com um pé atrás depois de melhorarem de vida e perderem muita coisa nas crises seguintes”, diz Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva. “Os mais novos não passaram fome, como os pais, e querem mais.”

O descompasso entre expectativas crescentes e resultados econômicos modestos ajuda a explicar o humor crítico



Fonte: *FGV Social*

que predomina no país. Ao mesmo tempo, a inflação elevada de itens básicos como alimentação e moradia, aliada a recordes de endividamento das famílias, diminui o impacto dos ganhos salariais. O choque entre conquistas e frustrações se reflete diretamente na avaliação do governo. Lula deixou o Planalto em 2010 com cerca de 80% de aprovação. Hoje, luta para preservar pouco mais de 30%. “A classe C continua com maioria petista, mas em proporção bem menor do que no passado”, afirma Márcia Cavallari, diretora do instituto de pesquisas Ipsos-Ipec. “Ela evoluiu e passou a querer outras coisas.” Cavallari identifica outro elemento crucial: a erosão da confiança nas instituições democráticas. “Quando as pessoas percebem que segurança, Justiça, saúde e educação não funcionam, perdem a fé nas instituições”, diz. Desde 2015, as pesquisas do Ipsos mostram que 30% a 40% dos brasileiros dizem não se importar com a eventual troca da democracia por outro sistema, índices sem precedentes desde o início das medições, nos anos 1990.

Se o crescimento da classe C é uma boa notícia, a mobilidade social pouco evolui na etapa seguinte. A passagem da classe C para a B ocorre de forma lenta, quase a contagotas. Com renda acima de 10 886 reais estão os integrantes dos estratos A e B, que somam apenas 17% da população, ou 36 milhões de pessoas. “A classe C deveria ser uma etapa transitória, um trampolim para padrões de vida mais elevados”, afirma Neri. O problema, ressalve-se mais uma vez, é a lentidão desse movimento. Há uma perspectiva de



É HORA DE JUNTAR DINHEIRO

MATHEUS MARTINS,

23 anos, desenvolvedor de softwares

Sair da periferia, onde mora com a mãe, em São Paulo, é o plano de Martins, que se formou em desenvolvimento de softwares. Sem ajuda dos pais, pagou o curso enquanto trabalhava. Agora, junta o dinheiro que sobra – depois de ajudar nas contas da casa – para comprar seu apartamento: “O problema é que está tudo caro e o preço dos imóveis não para de subir”.

que a classe B cresça mais nos próximos anos, mas o grosso da população deverá permanecer na faixa intermediária de rendimento. “Há uma melhora gradual, mas insuficiente”, diz a economista Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria.

O Brasil, de fato, está preso na armadilha da renda média, quando um país deixa a pobreza para trás, mas não consegue se tornar desenvolvido. A comparação com os

Estados Unidos dimensiona o desafio. Lá, segundo o instituto Pew Research Center, 51% da população pertence à classe média, com renda anual entre 61 000 e 183 000 dólares (26 000 a 79 000 reais por mês). Outros 19% estão na classe alta, e apenas 30% na classe baixa. Enquanto a classe média americana começa em 26 000 reais mensais, o teto da classe C brasileira está abaixo de 11 000 reais. Ou seja, o piso da classe média nos Estados Unidos é quase três vezes superior ao limite máximo da classe intermediária no Brasil.

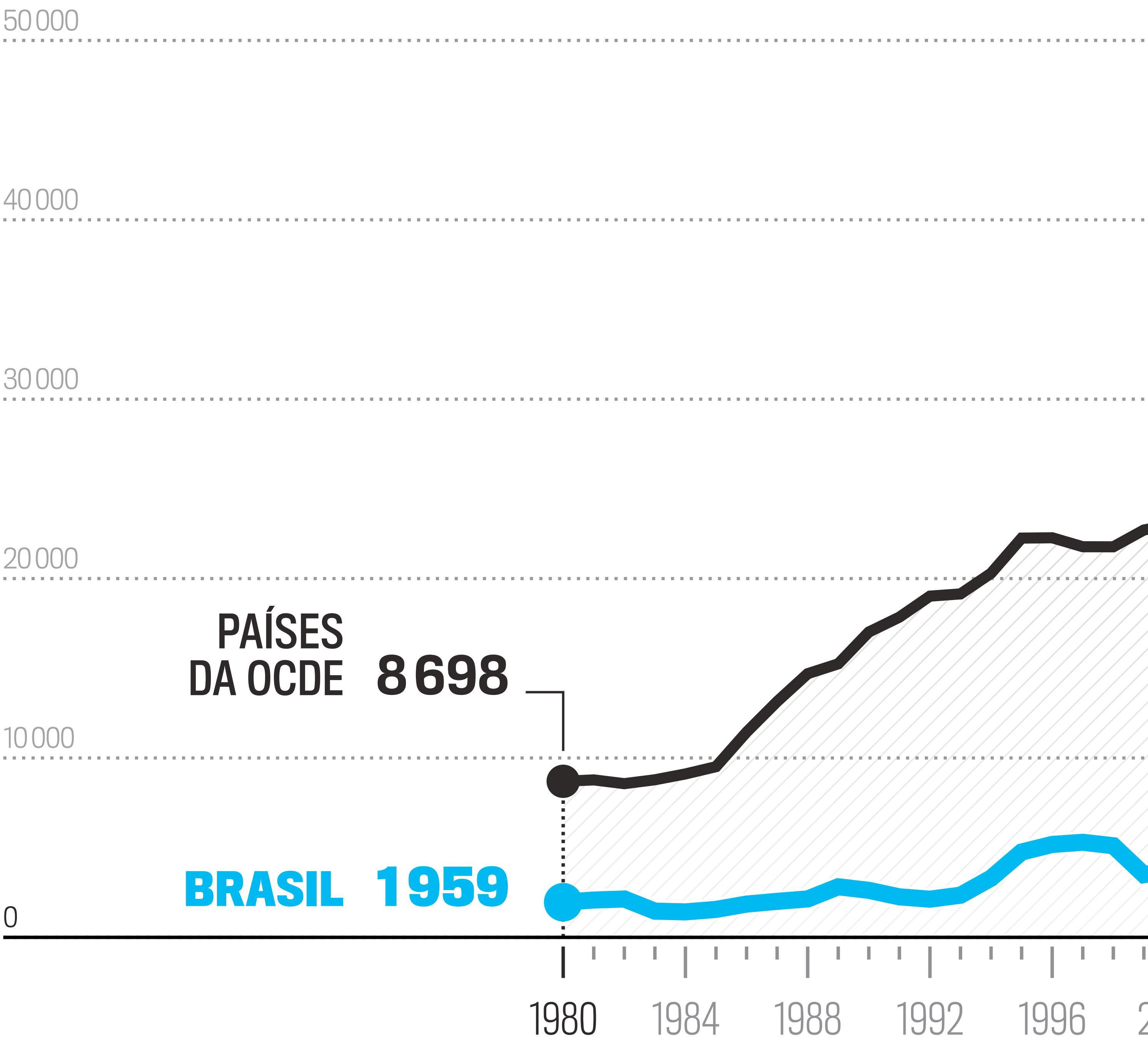
As comparações internacionais revelam uma realidade complexa: o Brasil se desenvolve em ritmo modesto demais. E as razões são bem conhecidas. A principal é a baixa produtividade, travada por uma formação educacional inadequada, deficiências na capacitação profissional, infraestrutura precária e pouca inovação na maioria das empresas. O ambiente de negócios hostil e um Estado ineficiente, devorador de cada vez mais tributos e com capacidade de investimento limitada por despesas crescentes, agravam o quadro. “Nos últimos 125 anos, nossa renda per capita nunca ultrapassou um quinto da renda dos Estados Unidos”, afirma Samuel Pessôa, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas. “E, no ritmo atual, a diferença permanecerá inalterada.”

Algumas reformas recentes acenam com melhorias, como a trabalhista, em 2017, a tributária, em 2023, e o avanço das concessões em saneamento e transporte. Mas os efeitos

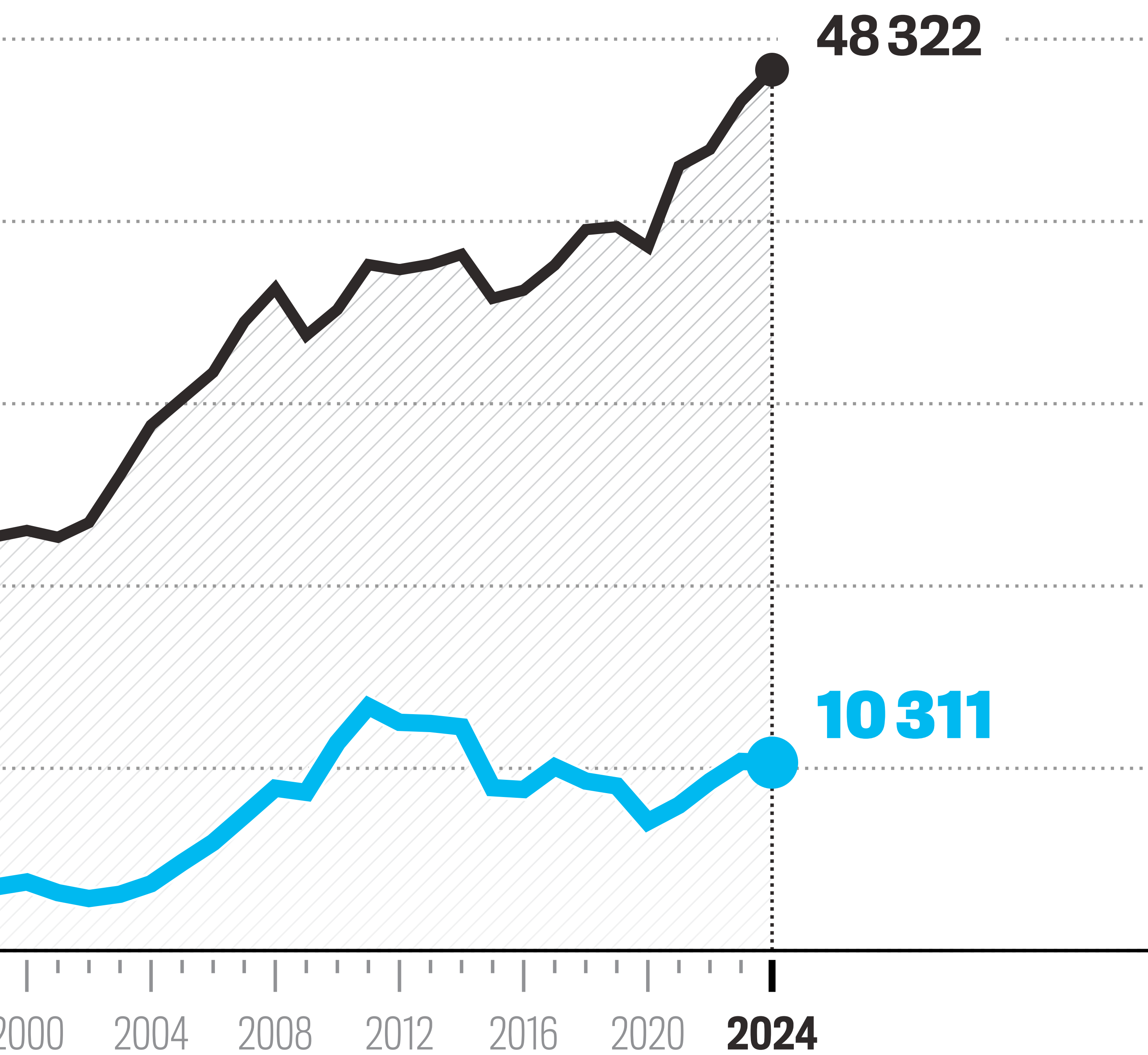
CADA VEZ MAIS DISTANTE

Com crescimento lento, o Brasil fica preso na renda média e não consegue alcançar os países ricos

PIB PER CAPITA, EM DÓLARES



são demorados. O Brasil vive, portanto, um paradoxo. A expansão da classe C, obviamente, é positiva, mas falta ao país dar o próximo passo. Fazer essa base subir de andar, alcançando padrões de renda e bem-estar comparáveis aos das nações ricas, é o desafio que permanece em aberto, sem sinais de que será superado tão logo. ■



Fonte: *Banco Mundial*



MAÍLSON DA NÓBREGA

A HERANÇA MALDITA DE LULA

A mudança da escala 6x1
terá longo efeito negativo

LOGO DEPOIS de sua primeira eleição, o presidente Lula criou uma frase sem sentido, mas que fez sucesso em boa parte da opinião pública. Disse que havia recebido uma “herança maldita” do presidente FHC. Na verdade, a afirmação era uma afronta à realidade.

Bastava considerar a estabilidade de preços promovida pelo Plano Real, uma conquista que beneficiou o seu próprio governo. Conduzir planos, inclusive para reduzir a pobreza e a desigualdade, seria muito difícil sem equilíbrio macroeconômico. A confiança na economia foi reforçada por mudanças como a Lei de Responsabilidade Fiscal, a privatização de grandes empresas estatais e a concessão de serviços de infraestrutura ao setor privado. Em resumo, houve uma herança bendita.

Agora, Lula pode legar uma herança verdadeiramente maldita. Ele decidiu apoiar a proposta de emenda constitucional (PEC) 8/2015, que põe fim à escala de trabalho 6x1. A ideia é reduzi-la de 44 para 36 horas semanais, com dois



dias de descanso, sem redução salarial. Isso por certo impulsionará sua popularidade, reforçando o favoritismo de que goza para vencer as eleições presidenciais deste ano.

Desde o fim do século XIX, a jornada de trabalho foi reduzida substancialmente em todo o mundo. Turnos de trabalho de doze ou mais horas diárias eram comuns no Reino Unido ao longo da Revolução Industrial. Uma das primeiras conquistas surgiu das negociações que limitaram a onze horas diárias a labuta das mulheres. Proibiu-se o trabalho infantil.

A redução da escala ocorreu em geral por entendimentos entre representantes de empresários e organizações sindicais, raramente por imposição de leis específicas. Além disso, essa realidade foi viabilizada, invariavelmente, por aumentos de produtividade, que permitiram transferir aos trabalhadores parte dos efeitos de ganhos de eficiência. No ca-

**“O potencial de crescimento
cairá, os custos irão
para os consumidores
e isso elevará a
taxa de inflação”**

so, a redução da jornada. Assim, tal redução foi absorvida naturalmente por economias mais produtivas.

Lula afirmou que tal redução se justificaria pelo avanço da tecnologia. Não é bem assim. Os avanços tecnológicos abrem espaço para rever a jornada de trabalho se tiverem acarretado ganhos de produtividade. Não parece ser o caso atual do Brasil. A produtividade geral está estagnada. Na indústria, está em queda. A escala caiu naturalmente em setores nos quais a produtividade cresceu. Por isso, a carga horária média atual é de 38,4 horas semanais.

A proposta em favor da redução da jornada de trabalho reduzirá a produtividade e o potencial de crescimento econômico. Os custos serão repassados aos consumidores, o que elevará a taxa de inflação, mas é quase certo que o Congresso aprovará a PEC. A maioria votará a favor de ideia tão populista. Parlamentares não correrão o risco de perder votos se rejeitarem uma PEC que tem apoio de quase dois terços da população.

Medidas irresponsáveis como essa tornam-se irreversíveis. Lula legará uma herança maldita, cujos efeitos negativos se farão sentir por muitos anos. ■

O CÉU NÃO É O LIMITE

Com a fusão entre a SpaceX e a xAI, Elon Musk aposta na integração da energia solar orbital com a inteligência artificial – e pode se tornar o primeiro trilionário da história **LUANA ZANOBIA**



MARVIN JOSEPH/THE WASHINGTON POST/GETTY IMAGES

APOSTA O empresário em sua fábrica de foguetes: fusão estratégica



NÃO É À TOA que o empresário Elon Musk se tornou o homem mais rico do mundo. À parte o estilo excêntrico e as controvérsias políticas, o sul-africano com cidadania americana tem notável apetite pelo risco e capacidade de surpreender com jogadas antes consideradas impensáveis ou impossíveis. Musk acaba de fazer um desses movimentos ao anunciar, no início do mês, a tripla fusão entre a SpaceX, empresa de foguetes espaciais reutilizáveis, a rede de satélites Starlink e a xAI, startup de inteligência artificial (IA), que também tem sob seu guarda-chuva a rede social X, antigo Twitter. Juntas, SpaceX e xAI valem 1,25 trilhão de dólares. A operação veio acompanhada do anúncio de uma possível abertura de capital (IPO, na sigla em inglês) até o fim deste semestre. A expectativa é levantar 50 bilhões de dólares. Com isso, Musk, dono de um império que inclui empresa de veículos elétricos e construção civil, pode se tornar a primeira pessoa a ultrapassar 1 trilhão de dólares em fortuna pessoal. Atualmente, seu patrimônio é avaliado em 850 bilhões de dólares.

A fusão tem como objetivo ofertar ações em bolsa antes e em melhores condições do que as concorrentes da xAI, a OpenAI e a Anthropic. A SpaceX, com faturamento anual de 15 bilhões de dólares, é mais sólida financeiramente do que a xAI, que ainda queima muito caixa para se tornar competitiva. Juntas, têm potencial de atrair investidores com apetite para se arriscar em novas tecnologias.



PATRICK PLEUL/PICTURE-ALLIANCE/GETTY IMAGES

PIONEIRISMO Linha de montagem da Tesla: aposta precoce em eletrificação

O plano de Musk é colocar em órbita os equipamentos que vão processar os dados para rodar os sistemas de IA. A aposta nasce da constatação de que o mundo não terá energia suficiente para sustentar o crescimento acelerado da IA. Nos Estados Unidos, projetos de data centers (centros de dados, em inglês) avaliados em dezenas de bilhões de dólares já foram adiados por falta de capacidade de conseguir energia elétrica. Até 2030, esses prédios dotados de milhares de computadores podem consumir 8% de toda a eletricidade do país. O consumo energético do Google, por exemplo, aumentou aproximadamente 50% de 2019 a 2023, impulsionado quase exclusivamente pelo

treinamento de modelos de IA. A Microsoft chegou a reativar um reator nuclear para alimentar seus data centers. É esse gargalo que ajuda a explicar a lógica da fusão entre SpaceX e xAI. Os data centers orbitais utilizarão painéis solares para gerar a própria energia.

Musk não é o único a olhar para o céu em busca de soluções para os gargalos de infraestrutura em IA. O fundador da OpenAI, Sam Altman, também avalia investir em empresas espaciais, movido pelo intuito de garantir acesso estável à energia e processamento para a próxima fase da tecnologia. “Se o plano de Musk se concretizar, o produto principal da SpaceX deixará de ser lançamento de foguete e passará a ser capacidade de computação e serviços de IA em escala planetária”, diz Fernando Barra, autor de *Inteligência Artificial Ampliada* (Unno_Buzz Editora).

Musk trata a união entre suas empresas em termos épicos, ao descrevê-la como “o motor de inovação mais ambicioso da Terra (e fora dela)”. Para o jornalista americano Dennis Kneale, autor de *Elon Musk: Gênio ou Louco?* (Citadel Editora), há autenticidade nessas afirmações. “Ele sempre teve uma visão estratégica grandiosa, muito além do que a maioria dos CEOs consegue compreender ou ousa tentar”, disse Kneale a VEJA.

Essa ambição, porém, não surgiu de repente nem é fruto de improviso. Ela foi sendo construída ao longo de pouco mais de duas décadas, período em que Musk ergueu sua fortuna. Durante sua adolescência na África do Sul, ele já

O IMPÉRIO DE MUSK

Com uma fortuna pessoal estimada em 850 bilhões de dólares, o empresário atua em setores diversos, de carros elétricos a foguetes (valor de mercado de cada empresa em dólares)



Veículos elétricos, baterias, energia solar e software automotivo

1,5 TRILHÃO



Foguetes reutilizáveis, serviços espaciais e satélites (Starlink)

1 TRILHÃO*



Inteligência artificial generativa e modelos de linguagem

206 BILHÕES





Rede social e plataforma digital
(antigo Twitter)**

44 BILHÕES



Interfaces cérebro-computador
e neurotecnologia

9 BILHÕES



Túneis urbanos e infraestrutura
de transporte

5 BILHÕES

* Valor estimado que a empresa pode alcançar até o IPO

** A empresa foi fundida à xAI

demonstrava obsessão por tecnologia, programação e ficção científica. No fim dos anos 1990, mudou-se para os Estados Unidos, onde iniciou sua trajetória empresarial. Os primeiros grandes sucessos vieram com empresas de software e pagamentos digitais, culminando em 2002 na venda da PayPal, que lhe rendeu o capital necessário para voos mais altos. Foi com esse dinheiro — menos de 200 milhões de dólares — que Musk passou a investir em setores considerados improváveis à época, como carros elétricos, foguetes, redes globais de satélites e, mais recentemente, inteligência artificial. Seu segredo é apostar em ciclos longos. Anteviu a eletrificação veicular com a Tesla. Dominou o acesso ao espaço com a SpaceX. Agora quer abrir a nova fronteira da inteligência artificial. ■

POR UM FIO

O escândalo do financista Jeffrey Epstein arrasta para o cadafalso um diplomata muito próximo ao primeiro-ministro Keir Starmer e, com ele, o futuro do Partido Trabalhista

AMANDA PÉCHY



JAMES MANNING/PA IMAGES/GETTY IMAGES

CAMINHO SEM VOLTA O premiê, cuja popularidade está em escassos 17%, tenta salvar a pele: “Peço perdão”



Parece infundável, e cada vez mais assustador, o tsunami provocado com a divulgação, pelo Departamento de Justiça americano, de 3 milhões de arquivos atrelados à investigação dos crimes do financista Jeffrey Epstein, que colecionava meninas para seu prazer sexual e de amigos e que foi encontrado morto na cadeia em 2019. Na rede já caíram personagens como o ex-ministro francês da Cultura Jack Lang; o bilionário Bill Gates, criador da Microsoft; e o príncipe destituído de suas funções na Inglaterra, Andrew Mountbatten-Windsor. Houve até manchas na reputação de figuras supostamente impolutas, como o pensador Noam Chomsky, hoje com 97 anos, um dos ídolos da esquerda mundial. Todos, sem exceção, hoje lamentam a proximidade com o abusador, como se só pudessem medir o risco da amizade depois de iluminado o estrago.

Uma nova página do escândalo acaba de atingir o coração do governo do primeiro-ministro trabalhista do Reino Unido, Keir Starmer, cuja administração caminha para o cadafalso — até a quinta-feira 12, ele permanecia no cargo, em balança mas não cai. O abalo sísmico foi provocado por um lorde curiosamente apelidado de “príncipe das trevas”, dada sua desenvoltura nas sombras da política: Peter Mandelson. Dono de cargos de destaque no Partido Trabalhista pelas últimas quatro décadas, o que não mudou sob Starmer, ele foi demitido do posto de embaixador em Washington em setembro do ano passado, quando parte dos arquivos de Epstein mostrou



LORDE? Peter Mandelson, ex-embaixador nos EUA: piadas sobre strippers

que manteve proximidade com o violador mesmo depois de sua condenação por prostituição de menores, em 2008. O imbróglio, porém, ganhou proporções inéditas agora. Entre piadas sobre strippers e menções a um tal “jovem bem dotado”, o diplomata compartilhou informações sigilosas com Epstein na época em que era secretário de Negócios e Comércio do trabalhista Gordon Brown (2007-2010). O marido de Mandelson, o brasileiro Reinaldo Ávila da Silva, também teria recebido 10 000 libras do bilionário americano.

Embora Starmer jamais tenha conhecido Epstein, visitado sua ilha (onde se acredita que a maior parte dos abusos tenha acontecido) ou trocado e-mails com ele, a indignação foi instantânea e generalizada. “Um líder mais forte talvez pudesse superar o que se desenha como o mais grave escândalo político britânico do século, mas ele coleciona fracassos e perdeu a

confiança dos eleitores”, diz Tim Bale, professor de ciência política na Queen Mary University de Londres. Starmer assumiu o leme do número 10 da Downing Street, em julho de 2024, com 61% de popularidade, segundo as pesquisas. Tem agora escassos 17%, e não há dúvida de que descerá a ladeira ainda mais nas próximas sondagens.

A polícia de Londres abriu uma investigação contra Mandelson, que se desligou da sigla na tentativa de conter a chaga. Não funcionou. No domingo 8, Morgan McSweeney, o chefe de gabinete e braço direito de Starmer, que fez lobby pela nomeação à embaixada americana daquele que era seu mentor, deixou o cargo, seguido pelo chefe de comunicação da atual gestão. “É um governo completamente à deriva, com o primeiro-ministro sendo levado pelo vento como um saco plástico. Ele deveria sair”, disse a opositorista Kemi Badenoch, do Partido Conservador. Anas Sarwar, chefe do braço escocês do Partido Trabalhista, teve coragem de ecoar as críticas. “A liderança precisa mudar. Houve erros demais”, afirmou. O premiê fez o de sempre: acusou o parceiro de “trair o país” e se disse incomodado com o fato de ele ter escondido a profundidade do relacionamento com Epstein. “Me arrependo de ter acreditado nas mentiras dele. Peço perdão”, disse perante o Parlamento, que exige acesso aos documentos relacionados à contratação do ex-embaixador, para muitos a autoridade mais apta a lidar com o vai-vém tarifário de Donald Trump (que, aliás, passou razoavelmente ileso pelo escândalo).



A ÁGUA SOBE Morgan McSweeney, braço direito do governo: adeus ao cargo

A estrada pela frente para Starmer é péssima, quando se olha para o retrovisor do que entregou. Com os ingleses sentindo no bolso os efeitos de uma economia ainda sob o impacto do Brexit, a saída da União Europeia, em 2020, ele não mostrou força para tirar do papel as medidas necessárias para uma virada. No ano passado, enfrentou uma rebelião dentro do próprio partido devido às tentativas de reforma do sistema de bem-estar social, que acabou sendo aprovada em formato desidratado.

A pressão pela renúncia é imensa. Uma possibilidade, para não arrastar para a lama todo o trabalhismo, seria convencer oitenta parlamentares do partido a convocar uma eleição interna e votar em um novo líder, que pelas regras do sistema parlamentarista se tornaria primeiro-ministro. Os próximos dias serão decisivos. ■

CAINDO NA REAL

O filho da futura rainha da Noruega responde a acusações de abusos sexuais variados – e isso é só a ponta de uma teia de escândalos que sacode o país

CAIO SAAD



UMA FRIA Marius, o garoto-problema: estupros e noitadas com drogas e álcool



ENCRAVADA na próspera Escandinávia, a Noruega é normalmente lembrada pelas temperaturas glaciais, os imbatíveis índices de qualidade de vida e a fartura de arenques. De lá ninguém espera um sacolejo como o que vem fazendo a festa dos tabloides nos últimos tempos — e não tem nada a ver com os plebeus que lá vivem, não. Quem está encabeçando escândalos em série é a realeza, que costuma reinar sem as grandes pompas de outras cortes, como a dos Windsors, na Inglaterra, nem tantos holofotes. Pois tudo mudou depois que o filho da futura rainha, a princesa Mette-Marit, enredou-se em 38 acusações, incluindo agressões e estupros contra quatro ex-namoradas. Isso mesmo: o jovem Marius Borg Høiby, de 29 anos, ingressou com tudo nas páginas policiais. No último dia 4, sua aparição em um tribunal de Oslo causou furor. De calça jeans e camisa desbotada, ele reconheceu a vida de excessos embalada por drogas, álcool e sexo. Naturalmente, negou as acusações mais graves, admitindo, porém, certas agressões e um transporte de 4 quilos de maconha.

Enquanto os desdobramentos legais ainda estão por vir, o apoio à monarquia ali estabelecida há mais de 1 000 anos despencou de 81% para os atuais 55%. A maioria ainda aprova, mas o desgaste é tal que já se especula se a futura rainha, que adentrou o palácio com biografia menos envernizada do que a média, terá estofo para se sentar no trono. Quando se casou com o príncipe herdeiro Haakon, em 2001, Mette-Marit chamava a atenção por não estar mais com o pai de Marius (preso por tráfico de drogas) e, já na condição de *royal*, fazer questão de manter uma rotina de baladas e cultivar velhos hábitos da época de plebeia.

Acabou sendo bem digerida por trazer frescor ao palácio. Levava consigo o filho, então com 4 anos, que, embora acolhido, nunca recebeu nenhum título nem funções reais. A calma na terra dos fiordes, porém, virou. “Qualquer coisa que afeta a família real atinge a realeza como instituição, e essa é certamente a maior crise que a monarquia norueguesa já enfrentou”, avalia o historiador Ole-Jørgen Schulsrud-Hansen.

Em meio às elevadíssimas temperaturas na corte real (em contraste com os termômetros abaixo de zero, como usual no país), o padrasto esclareceu, em rara declaração pública: “Marius não é integrante da Casa Real da Noruega e, portanto, é autônomo”. O futuro rei, Haakon Magnus, ainda fez circular uma nota de apoio às vítimas do enteado. O rapaz, por sua vez, não vem contribuindo em nada para semear qualquer simpatia, mesmo alegando que tudo o que fez teria raízes em uma “necessidade de reconhecimento extremamente elevada”. Nos últimos dias, repercutiu pelas redes sociais uma foto dele com um pacote de cerveja em uma das mãos, enquanto usava a outra para mostrar o dedo do meio. Não demorou para os críticos logo sublinharem que o garoto-enxaqueca “não sente remorsos”.



PATRICK VAN KATWIJK/GETTY IMAGES

VIDA QUE SEGUE Haakon e Mette-Marit: o trono será deles

Como se não bastasse, também a princesa Mette-Marit, como outros de seus colegas abrigados em palácios Europa afora (a exemplo do ex-príncipe britânico Andrew), ficou em situação altamente desconfortável ao ver seu nome brotar entre os milhões de documentos carregados de detalhes do caso Jeffrey Epstein, o financista americano condenado por praticar durante anos abusos sexuais contra meninas. Nos papéis revelados, a futura rainha deixa entrever uma intimidade entre os dois, chamando-o de “querido” e alguém “de bom coração”, e ainda faz piada em relação à insaciável busca dele por mulheres jovens. “Parte do conteúdo das mensagens entre Epstein e eu não representa a pessoa que quero ser”, ela registrou em nota, na qual diz querer se explicar melhor, mas que não pode neste momento por estar em “situação muito delicada” — a princesa sofre de fibrose pulmonar e provavelmente precisará de um transplante.

Tudo isso se desenrola justamente quando o príncipe herdeiro vem desempenhando com cada vez mais frequência as funções do pai, o rei Harald V, que aos 88 anos acumula problemas de saúde. Monarca mais longevo de todo o continente, ele teve ainda que engolir o casamento de sua única filha com a rainha Sonja, a princesa Märtha Louise, com um autoproclamado xamã americano que é alvo de uma vasta lista de acusações — entre elas, abuso doméstico, invasão de propriedade, incêndio criminoso e até uso de magia negra. Vestuário sugerido para o casório celebrado em 2024: “sexy e cool”. E há quem diga que a Noruega é uma das nações mais tranquilas do planeta. ■

**VILMA GRYZINSKI**

A DIPLOMACIA DOS PORTA-AVIÕES

Todas as potências usaram a força,
militar ou comercial

PARA QUEM tem a força, o seu uso é inevitável. Donald Trump, por exemplo, está fazendo uma nova versão da “diplomacia das canhoneiras”, o ápice do imperialismo praticado no século XIX por potências como a Inglaterra e a França. Além, claro, dos Estados Unidos, com o famoso princípio da América para os americanos da Doutrina Monroe — significando todos os habitantes do continente, não só os, perdoem-nos a horrível palavra, estadunidenses, embora interpretada, não sem razão, como uma declaração de esferas de influência. A intenção era não deixar as potências europeias vir beber nas águas mais vulneráveis da América do Sul e do Caribe. A nova política introduzida por Trump pode ser chamada de diplomacia dos porta-aviões em escala global. Todo mundo está assistindo como funciona: uma movimentação monumental de poder bélico, por meio dos porta-aviões que, em conjunto com embarcações de apoio, têm uma acachapante capacidade de fogo. Nicolás Maduro está tendo a oportunidade de re-



fletir sobre o assunto. Deveria ter negociado uma transição ou realmente acreditava que as patéticas forças armadas venezuelanas tinham um efeito dissuasivo sobre os americanos? Ao contrário da imagem de brucutu falastrão, Trump foi econômico. Só tirou Maduro e senhora do quebra-cabeça que agora está sendo remontado pelas mesmas figuras que continuam a proferir juramentos de lealdade ao chavismo. Funcionará como instrumento de uma mudança de regime sem precedentes?

Esse uso da força limitado, ou cirúrgico, conforme o jargão, segue um princípio enunciado por Maquiavel da seguinte maneira: “Não me interpretem mal e achem que eu penso que nunca se deve usar armas e força, mas elas devem ser preservadas como último recurso, onde e quando outros métodos não bastem”. Mas é, incontestavelmente, uma mudança nas práticas, instauradas depois da Segunda

**“Estaríamos
nós revertendo
ao imperialismo
tal como existiu no
século XIX?”**

Guerra Mundial — sob inspiração, em especial, dos EUA. Representa, de fato, uma mudança na ordem internacional, embora os que hoje batam no peito em sua defesa frequentemente sejam os que queriam mudá-la para acabar com o imperialismo malvado e os princípios ocidentais de democracia e livre mercado.

Estaríamos nós, sob o princípio da diplomacia dos porta-aviões, revertendo ao imperialismo tal como existiu no século XIX, quando a Inglaterra, em especial, abria mercados mandando a Marinha Real impor a submissão ou a abertura dos portos, o que viesse antes? A mais atroz das consequências dessa política foi o incêndio do Palácio de Verão de Pequim, onde os imperadores chineses desfrutavam, para relaxar, de um incomparável complexo de 600 edificações. Havia inclusive uma espécie de aldeia cenográfica, com pontos de comércio, pessoas comuns e até ladrões, para que os imperadores soubessem como era a vida fora dos portões de seus palácios. O saque e o incêndio, em 1860, foram uma vingança pela prisão de uma delegação britânica, incluindo um correspondente do *Times* de Londres, presos e chinesamente torturados.

Maquiavel alertava para as inconveniências do uso da força: faz as pessoas ficarem com raiva e continuarem com raiva; custa caro e, como é preciso continuar a usá-la, continua caro; e o custo tende a subir. A Doutrina Donroe vai testar se isso é verdade? ■

Com reportagem de Giovanna Fraguito,
Nara Boechat e Tatiana Moura



LEVANTANDO A POEIRA

No papel de comentarista de assuntos aleatórios no *Domingão com Huck*, **LÍVIA ANDRADE**, 42 anos, conta que anda satisfeita por ter cavado espaço no programa, onde ingressou vinda do SBT. “Se estou ganhando bem, estou feliz”, admite ela, embalada por uma animação pré-carnavalesca que não sentia há tempos – ficou seis anos afastada da folia momesca, dedicada que estava ao batente na TV. Volta agora como musa do Salgueiro, convite que, de tão ligada à espiritualidade, aceitou como “um sinal divino”. Estava em um consultório médico quando um dirigente da escola do Grupo Especial carioca ligou para ela. “Topei. A função é chata, tem toda aquela produção, mas achei que valia a pena deixar a preguiça de lado”, diz.



INSTAGRAM @LIVIAANDRADEREAL

FORTE ACELERADA NO CIRCUITO DAS FOFOCAS

Rumores de que **KIM KARDASHIAN**, 45 anos, estaria vivendo um apimentado romance com o heptacampeão mundial de Fórmula 1 **LEWIS HAMILTON**, 41, vêm sendo a cada dia alimentados pela dupla. Recentemente, ela desembarcou no aeroporto de Oxford, na Inglaterra, onde dois carros a esperavam para conduzi-la em comitiva para um luxuoso hotel, onde a celebridade da F1 chegou a bordo de um helicóptero. Tabloides britânicos fizeram a conta: o fim de semana teria saído pelo equivalente a 790 000 reais. “Eles ficaram com um spa disponível só para eles e depois desfrutaram uma refeição em sala privativa”, relatou o *The Sun*. Sim, eles se dizem discretos e não deram um pio sobre o suposto affair.

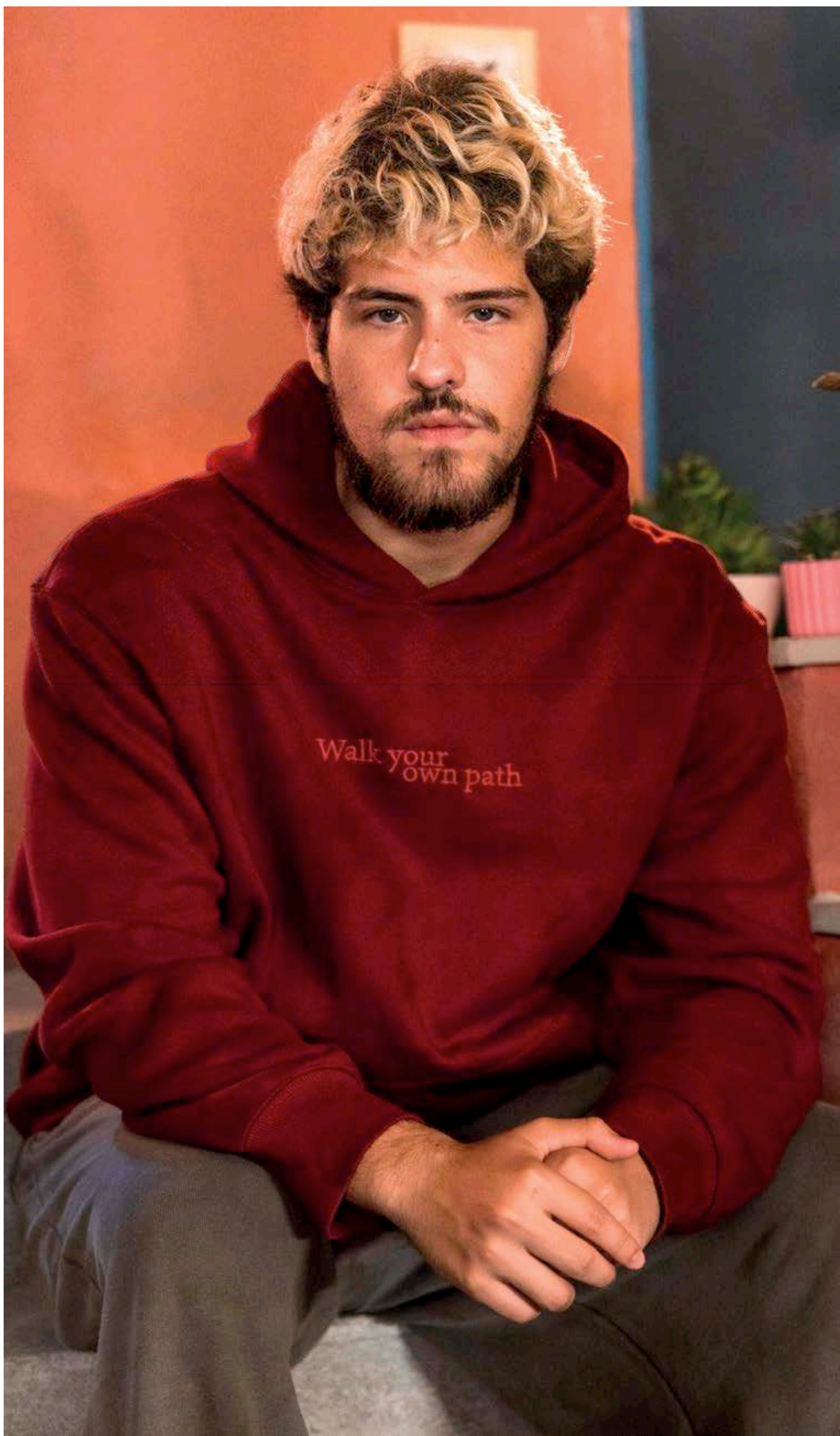


NÃO É REPRISE

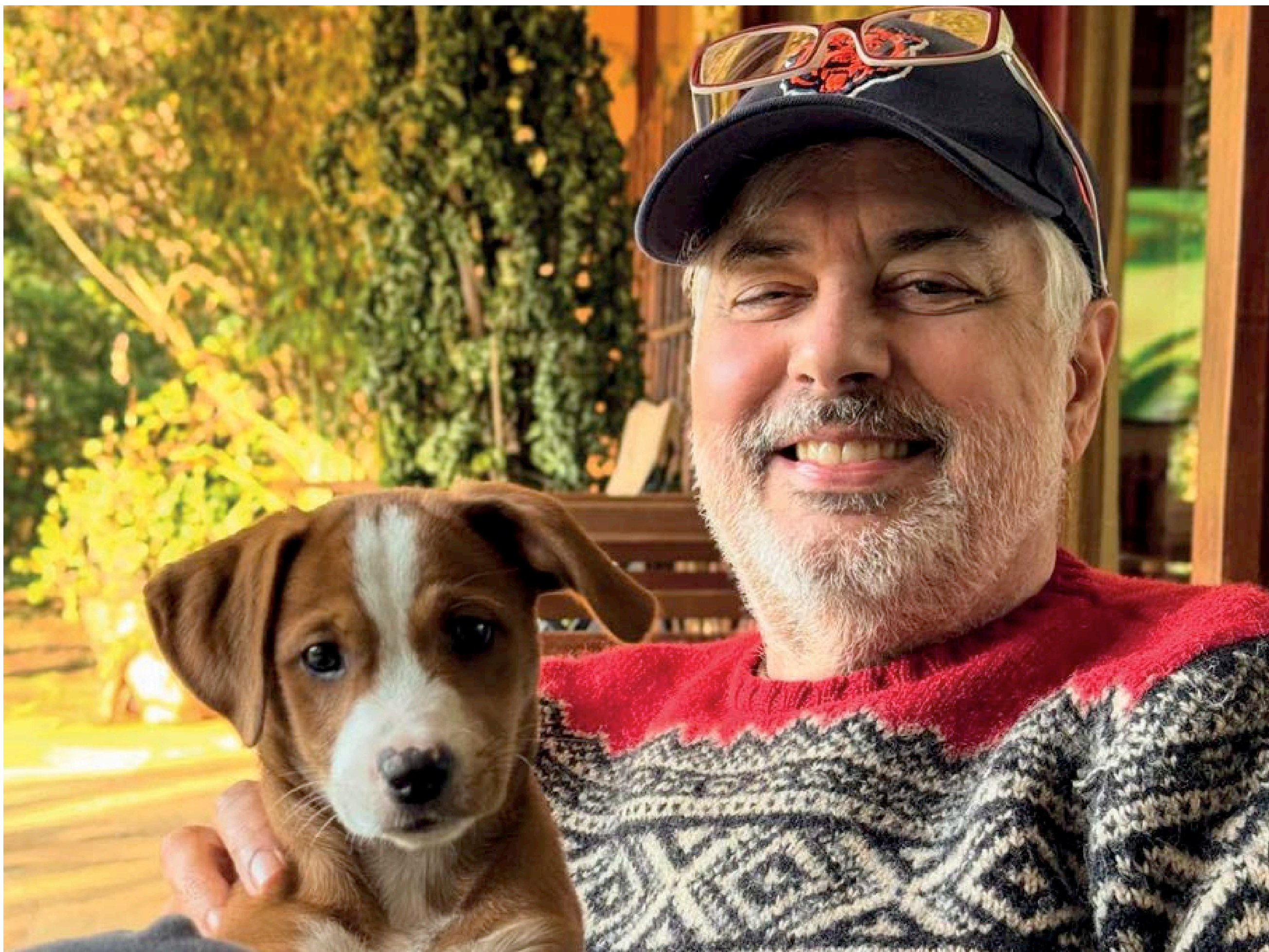
Interpretando pela terceira vez seguida um típico playboy mimado e marrento em uma novela da Globo, **PAULO MENDES**, 21 anos, diz não ter medo de ser confundido com o personagem nem tampouco soar repetitivo. Ele vive agora Raul, jovem que se apaixona por uma menina de classe social mais baixa, para desespero da mãe, a vilã encarnada por Grazi Massafera em *Três Graças*, a trama das 9. “Tenho convicção de que

estou propondo algo novo”, garante ele, que estreou na TV como dublador, profissão na qual foi ganhando traquejo para o improviso. “Outro dia, provoquei a Grazi em cena, e ela jogou água na minha cara na frente das câmeras”, conta, todo orgulhoso de ter saído do roteiro.

BEATRIZ DAMY/TV GLOBO



INSTAGRAM @ROBERTO_DE_CARVALHO



AGORA SÓ FALTA VOCÊ

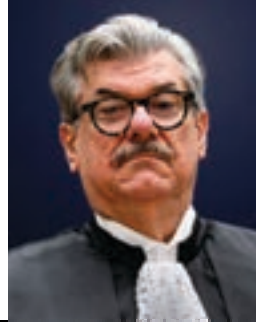
Passados três anos da morte de Rita Lee, ela ganhará bela homenagem na passarela do samba carioca como enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel. Para o viúvo, **ROBERTO DE CARVALHO**, 73, o tributo tem tudo para retratar a essência feminista e despojada que marcou a trajetória de sua parceira de quase cinco décadas. “Rita tinha enorme capacidade de mobilização em torno dos elementos que fazem do Carnaval esse grande fenômeno de massas”, exalta. O músico, que anda recluso, preferiu não dar pitaco no samba, mas acabou cedendo aos apelos da escola para estar presente na Marquês de Sapucaí, em cima de um carro alegórico. “Quero contribuir com o axé dessa noite gloriosa”, anima-se.

MUDANÇA DE PISTA

Após fraturar a perna três vezes em quatro anos, **CHEMMY ALCOTT**, 43, foi informada pela equipe médica de que outro acidente dessa magnitude resultaria em amputação, o que a forçou a se aposentar das montanhas geladas, onde batia recordes sobre o esqui. Agora, a ex-atleta de várias Olimpíadas de Inverno encara novo duelo: virou apresentadora de TV na BBC One, baseada em Milão durante a competição. A ideia da emissora é fugar a audiência ao pôr Chemmy, apelidada de “eterna musa da neve”, no ar. “Quando estou prestes a entrar ao vivo, ouço a contagem regressiva e dá um friozinho na barriga”, conta, fazendo a comparação: “É o mesmo frio que sentia ao descer a montanha a 130 quilômetros por hora”. ■



DAVE BENNETT/GETTY IMAGES



O ASSÉDIO EM XEQUE

Denúncias envolvendo um ministro do STJ e o crescimento de 41% no número de ações na Justiça do Trabalho mostram que muitas das vítimas não se calam mais diante da violência sexual

DUDA MONTEIRO DE BARROS E FLÁVIO MONTEIRO

GUSTAVO LIMA/STJ



AFASTADO Buzzi: o destino do juiz depende dos colegas de toga, que já falam em aposentá-lo



Parte do arcabouço institucional que emergiu da Constituição de 1988, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) nunca viveu crise semelhante à que, nos últimos dias, fez tremer o prédio saído das pranchetas de Oscar Niemeyer, em Brasília. No centro de um enredo que pior fica quanto mais fios se puxam, está um dos ministros da Corte, Marco Aurélio Buzzi, de 68 anos. O magistrado foi acusado por duas mulheres, uma atrás da outra, de ter abusado de seu poder, extrapolado a fronteira mais básica do respeito mútuo e violado um princípio fundamental da liberdade individual: o direito de dizer não. Em ambos os casos, revelados pelo editor-executivo Robson Bonin, da coluna Radar de VEJA, Buzzi teria feito, segundo o relato das vítimas, investidas que, aos olhos da lei, são crimes que repousam no mesmo escaninho das violações de cunho sexual — uma violência à qual as mulheres, mesmo sob a moldura da sociedade moderna, emancipadas que estão no mercado de trabalho e na vida, ainda são submetidas com frequência espantosa.

A primeira a falar sobre o ministro foi uma estudante de 18 anos que se hospedou na casa dele em Balneário Camboriú, Santa Catarina, para uma temporada de férias com os pais. Conhecia desde a infância o juiz, a quem acusa de tê-la chamado para um banho de mar. Dentro da água, de acordo com seu depoimento à polícia, ele tocou suas nádegas e a pressionou contra o pênis, impedindo-a de se afastar. Já na areia, disse algo como “você é sincera demais”, sugerindo

SAINDO DAS SOMBRAS

Em 2025, as brasileiras procuraram mais os tribunais para denunciar casos de assédio sexual, mas elas ainda são minoria

10 728

ENTRARAM COM UMA
AÇÃO NA JUSTIÇA
DO TRABALHO

.....

41%

FOI O CRESCIMENTO DOS
CASOS EM UM ANO

.....

1 EM CADA 10
DENUNCIA O CRIME

.....

35%

AFIRMAM JÁ TER SOFRIDO
ESSA VIOLÊNCIA

Fontes: *Justiça do Trabalho e LinkedIn*

que expor o ocorrido poderia prejudicá-la. Ajudada pela mãe, uma renomada advogada, ela fez justamente o contrário e registrou boletim de ocorrência, desencadeando uma sequência de procedimentos em diferentes instâncias que apuram o que foi enquadrado como importunação sexual.

Na segunda-feira 9, com o assunto subindo de temperatura, uma ex-funcionária do gabinete do ministro se imbuíu de coragem e mencionou ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) pelo menos quatro abusos físicos sofridos nas mãos do juiz. Entregou ainda a gravação de uma conversa com a chefe do gabinete em que expõe a constrangedora situação e cobra providências. A resposta: “O que posso fazer? Ele é ministro”. Chegaram a mudá-la de turno, para que não esbarrasse com o magistrado, e mais tarde foi instalada em outro departamento. Estão em curso agora investigações que giram em torno do assédio sexual. Em consequência do escândalo, Marco Aurélio Buzzi foi temporariamente afastado de suas funções, em decisão unânime e inédita dentro do STJ.

A assustadora trama que inundou as redes e monopolizou as conversas em todo o país aguarda desfecho, mas o que se viu até agora já é um avanço extraordinário em relação a denúncias de assédio sexual. As mulheres sempre foram as maiores vítimas — e continua sendo assim. O que mudou foi o comportamento de boa parte delas diante dos ataques. Em um passado não tão distante assim, quando aquela mão-boba masculina deslizava sobre a perna da colega em pleno expediente, escalando para modalidades mais explícitas, o

avanço acabava alojado em uma deletéria prateleira dos assuntos incômodos e invariavelmente impronunciáveis. O silêncio se encarregava de encobrir o que o atrasado caldo de cultura à época classificava como uma paquera fora de hora.

Pois o mundo deu tantos giros que, nos anos 1970, com o movimento feminista a toda nos Estados Unidos, uma funcionária da prestigiada Universidade Cornell soltou a voz sobre os toques íntimos indesejados que recebia de seu supervisor. Logo Carmita Wood juntou um monte de colegas no campus que trouxeram à luz as investidas sexuais de acadêmicos com quem trabalhavam. A revolta em Cornell converteu-se em um livro que repousa nas estantes da sociologia



como leitura obrigatória — *Sexual Shakedown* (extorsão sexual), da americana Lin Farley, que

LONGE DAS SOMBRAS

VEJA ouviu o relato de dez mulheres de diferentes áreas que falaram, algumas pela primeira vez, dos episódios de assédio sexual que sofreram e de como isso as marcou

pela primeira vez deu nome ao que, mais do que impróprio, se configura uma violência grave: o assédio sexual. “Estamos diante de uma epidemia”, já dizia a autora, meio século atrás.

Se o resultado no curto prazo foi devastador para Carmita Wood, forçada a se demitir, o que ficou para a história é um daqueles salutareos sacolejos, capazes de imprimir uma mudança de olhar na sociedade, inclusive no Brasil. Um recente levantamento da Justiça do Trabalho reforça o quanto as que são alvo de violência de tal natureza no exercício da profissão, o contexto preferencial dos abusos, estão cada vez mais dispostas a cutucar as feridas e recorrer às vias legais. Em 2025, o número de denúncias experimentou um extraordinário salto de 41%. Ao todo, foram 10 728, a esmagadora maioria de mulheres, dando cara e voz ao fenômeno, um re-

Luana Piovani

ATRIZ, 49 ANOS

“Fui assediada muito cedo, quando tinha apenas 21 anos, mas nem me dei conta na hora. Me fazia de desentendida para sair da situação. Lembro bem do diretor Carlos Manga pedindo para eu me sentar no colo dele. Respondi com piadinha para mudar o assunto. Fui tirada da novela sem nenhuma explicação. Só muito tempo depois é que a ficha caiu e entendi a gravidade do episódio.”



corde. É um marco a ser celebrado, sem dúvida, mas deve ser posto em perspectiva. Uma pesquisa da rede social LinkedIn mostra que a fatia de brasileiras que afirmam ter sido assediadas no trabalho é de 35% — um vasto estrato da população que, como se vê, não está representado em igual proporção no rol das denúncias, trilha percorrida por apenas uma de cada dez vítimas. E a razão é perversa. “Muita gente que denuncia carrega um estigma, em uma absurda inversão de valores”, observa a psicóloga Alessandra Almeida.

A reportagem de VEJA ouviu o relato de dez mulheres egressas de áreas diversas, entre artistas, políticas e empresárias, que decidiram remexer episódios de assédio sexual, sete delas pela primeira vez. Esses casos significaram um divi-



Tabata Amaral

DEPUTADA FEDERAL, 32 ANOS

“Na política, convivo com piadas, abraços demorados e convites para sair. Numa reunião de líderes, em que era a única mulher, um colega me interrompeu para perguntar quem eu queria provocar com meu batom. Me senti mal, como se a culpa fosse minha.”



Soraya Thronicke

SENADORA, 52 ANOS

“Durante uma reunião transmitida pela TV, um senador agarrou minha panturrilha por baixo da mesa. Com um sorriso no rosto, eu o alertei: ‘Tire a mão se não quiser encarar um escândalo ao vivo’. Não fui mais enfática por medo da repercussão.”

sor de águas por tê-las modificado para sempre (*veja os depoimentos ao longo destas páginas*). Para uma parcela, a ferida nunca fechou por completo, como relata a atriz Suzana Pires, 49 anos. Era sua primeira novela na extinta TV Manchete, e ela, uma jovem de então 19, via diretores e produtores flertando com o elenco feminino no set. Um dia, foi sua vez: sem testemunhas em volta, um chefe tentou agarrá-la, a mais explícita das investidas que vinha sofrendo. Suzana o empurrou e se livrou dele, mas não do castigo — foi cortada do papel. “Meu corpo respondeu. Em um mês, engordei 8 quilos, tive queda de



Bruna Lombardi

ATRIZ, 73 ANOS

“Nos anos 1990 foram tantas as investidas que nem consigo numerá-las. Minha estratégia era responder com elegância, de forma explícita, mas com delicadeza. Tinha de me esforçar para abstrair aquelas histórias, para não virarem um trauma em minha vida.”



Talíria Petrone

DEPUTADA FEDERAL, 40 ANOS

“Tinha um deputado que ficava me encarando enquanto lambia os lábios. Era muito constrangedor e até surreal. Demorei a acreditar que aquilo estivesse acontecendo de verdade. Ele só parou depois que parti para cima dele, gritando: ‘Perdeu o quê, aqui?’.”

cabelo e urticária. Meus pais me colocaram na terapia, da qual nunca saí e onde aprendi a me defender”, conta.

Estresse, ansiedade, depressão, insônia — todos são males associados a tal violência, conforme mostra um amplo estudo da Universidade Harvard. Por cinco anos, os pesquisadores acompanharam centenas de mulheres, listando as inúmeras cicatrizes deixadas pelo assédio sexual, a começar pelo abalo à saúde mental. O impacto na carreira é também cruel: 80% das entrevistadas deixaram o emprego em um intervalo de dois anos, seja por não suportarem mais o ambiente, seja porque foram dispensadas. Isso mesmo: foram duplamente punidas. Assim aconteceu com Maytê Zaiden, 36 anos, que, meses após assumir uma diretoria em um banco de São Paulo, foi sumariamente demitida depois de perseguida pelo

Suzana Pires

ATRIZ, 49 ANOS

“Assédio nos bastidores da TV sempre foi uma coisa recorrente, mas um dia um dos chefes da produção me atacou. Consegui me desvencilhar à força, mas, por medo, não contei para ninguém. Perdi cabelo, engordei e entrei em depressão. Só com muita terapia consegui me fortalecer.”



próprio CEO. “Ele arrumava desculpas para ficar perto de mim. Um dia, tentou me beijar, e saí correndo da sala. Não demorou e fui dispensada por justa causa”, relata, passo a passo, o enredo que terminou com o fim de seu casamento. “Meu marido me culpou pelo assédio”, diz Maytê, que mudou de cidade com os dois filhos e abriu uma consultoria imobiliária em Goiás.

Planeta afora, os avanços no campo jurídico vieram tempos depois do reconhecimento do assédio como uma chaga a ser debelada. Em 1986, a Suprema Corte dos Estados Unidos foi pioneira ao estabelecer que essa violência era uma forma de discriminação, portanto, um crime. Passadas

Luísa Rosa

ARQUITETA, 35 ANOS

“Fui a primeira mulher a assumir um cargo na diretoria da CBF. Além de ter a competência questionada publicamente por homens que comandam o futebol brasileiro, recebia convites inconvenientes para jantar durante viagens e tinha de ouvir comentários machistas sobre minha aparência. Hoje, processo a entidade por assédio moral e sexual. Espero que se faça justiça.”



FOTOS INSTAGRAM @LUIZA.XSROSA; INSTAGRAM @_TAYNA_LEITE; ARQUIVO PESSOAL; RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

três décadas, a França deu novo salto ao abarcar as crescentes ocorrências nos meios digitais, no que foi seguida por alemães e americanos. No Brasil, foi só em 2001 que o assédio sexual — que não necessariamente envolve contato físico, como no crime de importunação sexual, mas sempre uma extrapolação de limites — ingressou no Código Penal, sendo passível de até dois anos de prisão. Mas restringia-se às relações que envolviam clara hierarquia — entre chefe e chefiado, professor e aluno, médico e paciente. Há quatro anos, houve mais um progresso: o CNJ e os tribunais passaram a enquadrar como assédio também a ultrapassagem das fronteiras no trabalho entre pessoas sem elo formal de poder. “O assédio sexual pode ocorrer em múltiplas dinâmicas”, diz a advogada Flávia Pinto, presidente da OAB Mulher no Rio de Janeiro.



Tayná Leite

ADVOGADA, 41 ANOS

“Aos 28, assumi a diretoria jurídica de uma multinacional, em um ambiente muito masculino. Todo dia, ouvia comentários sobre meu corpo e minha roupa, mas a regra era engolir o desconforto, como se fosse o preço a pagar pelo cargo tão disputado. Me orgulhava por não me deixar abalar. Agora, denuncio toda e qualquer situação de assédio.”

Em qualquer circunstância, o atropelo da vontade individual de forma tão acintosa é algo violento e doído. Quando ocorre no local de trabalho, sob um só teto dia após dia, as fissuras se fazem sentir de um modo próprio. “As mulheres ficam com medo de falar, perder o emprego e ver sua reputação queimada no mercado”, explica Luciana Terra, diretora do movimento #MeToo no Brasil. Os relatos mostram que, para muitas, é difícil reconhecer o assédio ao primeiro sinal — em geral, ele se anuncia discreto e vai subindo degraus. Ainda no primeiro mandato, a deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP), 32 anos, foi chamada a uma reunião em Brasília. Ao apresentar um projeto, foi interrompida por um colega: “Quem você está querendo provocar com esse batom?”, questionou o parlamentar. “Fiquei sem chão, envergo-

Maytê Zaiden

EMPRESÁRIA, 36 ANOS

“O CEO de um banco onde era diretora tentou roubar um beijo quando entrei em sua sala. Surpreendida, só consegui sair correndo, chorando. Dias depois, fui demitida por justa causa. Até meu marido, à época, disse que a culpa era minha. Pedi divórcio, me mudei de cidade com os filhos, mas ainda sofro com isso.”



nhada e me sentindo culpada pela escolha da maquiagem”, lembra, e ali teve a certeza: não seria fácil. Tabata conta que outras vezes foi abordada por seus pares em tom de paquera. “Sempre tem alguma coisa, uma gracinha”, diz. Custou, no entanto, a desencavar o assunto. “Não queria ficar marcada como a problemática”, reconhece.

A caminhada das mulheres rumo a posições elevadas nas engrenagens corporativas é um feito e tanto, mas não as livrou do machismo que, de tão entranhado no tecido social, contribui para ao mesmo tempo ensejar o assédio sexual e produzir uma visão distorcida sobre a violação, tanto para eles como para elas. É sob esta moldura antiquada que condutas intoleráveis são normalizadas. “Somos até hoje ensinadas a duvidar de nossa percepção e priorizar a harmonia do



Elena Landau

ECONOMISTA, 67 ANOS

“Em Brasília, até hoje vigora a ideia machista de que uma mulher desacompanhada está disponível, mesmo sendo casada. Quando trabalhava no governo FHC, tive uma reunião em que precisei tirar a mão-boba de um colega da minha perna por diversas vezes. Só parou depois que eu o constrangi em voz alta. Ele fingiu estar bêbado e foi embora.”



ambiente”, comenta Alessandra Almeida, presidente do Conselho Federal de Psicologia. Do lado masculino, é comum escutar: “foi só uma cantada”, “é frescura”, “não fiz nada”. Quando gravava a novela *Anjo Mau*, em 1997, a atriz Luana Piovani, 49 anos, recorda dos recorrentes tapinhas na perna dados pelo diretor Carlos Manga (1928-2015), que um dia pediu, direto: “Senta aqui”, apontando para o braço da poltrona onde ele estava. À época com 21 anos e ele com 69, Luana diz ter assentido em gesto rápido, mas escapou assim que deu. “Apenas duas décadas depois, me dei conta da gravidade: sofri assédio sexual”, afirma.

Sempre que o assunto ganha os holofotes, peças se movem para frente no tabuleiro, e o duelo contra esta modalidade de violência toma corpo. Em 2017, acusações em série de celebridades de Hollywood contra o ex-todo-poderoso produtor Harvey Weinstein, hoje preso por crimes que vão de assédio a estupro, deram gás planetário à campanha #MeToo. Milhares de mulheres resolveram aí dar voz à revolta pelos abusos sofridos. Não é pouca coisa: o uso da hashtag do movimento ultrapassou o patamar dos 40 milhões em 85 países. No mesmo ano, uma versão brasileira também se converteu em bandeira, insuflada pelo slogan “Mexeu com uma, mexeu com todas” e agitada por artistas e funcionárias da TV Globo em reação à denúncia da figurinista Susllem Tonani contra o ex-galã José Mayer e contra toda uma cultura de assédios naquele metiê. Outro caso que fez o assédio ascender aos tópicos mais debatidos no



SARAH MORRIS/GETTY IMAGES

MARCHA Movimento #MeToo: mobilização global deu visibilidade ao tema e coragem às mulheres

país, em 2024, foi o de Anielle Franco, a ministra da Igualdade Racial, que passou meses ouvindo do colega de Esplanada Silvio Almeida, então titular da pasta de Direitos Humanos, sussurros de teor erótico que culminaram com a mão dele tocando suas partes íntimas debaixo da mesa. “É muito difícil falar sobre isso, ninguém se sente à vontade para relatar uma violência”, admitiu ela a VEJA.

É comum que o enredo que vai esfacelando a autoconfiança feminina comece com o assédio moral, em que elas são obrigadas a enfrentar situações constrangedoras e intimidatórias que nunca cessam. Quando à humilhação profissional se somam investidas sexuais, as bases tremem. A história de Luísa Rosa, 35 anos, a primeira mulher a ocupar

uma diretoria no ultramasculino universo da CBF, entre 2022 e 2023, seguiu o figurino. “Eu era o tempo todo tratada como alguém sem competência para estar ali. Minhas ordens eram desacreditadas, sem explicação”, conta. Em reuniões e viagens, em geral só com homens, colegas lhe falavam de quão satisfeitos estavam em ter uma “mulher bonita na área” e, apesar das recusas, insistiam em convites para jantar, cruzando uma divisa que ela não mais suportou. Foi quando levou o caso à Comissão de Ética do Futebol Brasileiro. Resultado: acabou demitida.

Globalmente, empresas começam a se amoldar a uma realidade em que o assédio sexual não é mais digerido como algo normal, mas, ao contrário, se flagrado, não é mais tolerado. Muitas, inclusive no Brasil, já adotam políticas tanto para a prevenção do crime, ao preparar os departamentos de compliance para receber as denúncias e elaborar regras de conduta, como para oferecer às vítimas o amparo necessário. Especialistas batem no ponto de que é preciso ainda acelerar a criação de meios anônimos para o registro da queixa, capazes de passar segurança às mulheres de que não serão expostas, seu maior temor. “Algumas empresas estão fazendo treinamentos, sobretudo para lideranças, e promovendo conscientização sobre o tema. Mas, em paralelo, é importante reforçar a cultura de denunciar, que precisa avançar entre os brasileiros”, analisa Paula Esteves, CEO da Cia de Talentos, consultoria de carreira e recrutamento.



MOMO PRODUCTIONS/GETTY IMAGES

AVANÇO Mundo corporativo: novos códigos de conduta e canais de denúncia

A pesquisa sobre assédio de Harvard enfatiza que o mais usual é que as mulheres façam um gerenciamento da situação que tanto as atormenta, evitando o agressor (50%) e pondo panos quentes no ocorrido (49%). Mas há quem se manifeste na mesma hora. Os anos eram 1990, e a economista Elena Landau, 67 anos, diretora do BNDES conhecida como “a rainha das privatizações”, no governo Fernando Henrique Cardoso, foi a uma reunião em que um colega teimava em pousar a mão em sua perna não uma nem duas, mas várias vezes, apesar de ela repeli-lo. Só parou quando falou alto. “Eles acham que dizer ‘não’ é um charme, um jogo de sedução, mas o enfrentei e ele saiu fingindo estar bêbado”, recorda a economista, que tinha a sensação de que a

viam como “disponível” nas rodas do poder por estar a trabalho na cidade, sem filhos nem marido.

Na maior parte das vezes, como não há testemunhas, o relato das vítimas tem um peso enorme e é considerado a principal prova nos processos. Isso não exclui a possibilidade de existirem denúncias falsas, embora seja algo raro de acontecer, segundo os especialistas. Cabe aos juízes a desafiadora tarefa de aplicar a lei, com o cuidado de não condenar inocentes. No caso que mobiliza agora o STJ, há muita água por rolar. Nos bastidores, colegas comentam que a aposentadoria compulsória de Buzzi com salário integral (44 000 reais) — a pena máxima prevista para um integrante do Judiciário que sofre processo administrativo — é dada como certa. O rito jurídico, no entanto, exige que ele passe por duas sindicâncias no CNJ (uma para cada denúncia) e pelo escrutínio de seus pares no tribunal. A próxima reunião do colegiado está marcada para 10 de março.

Como o ministro goza de foro privilegiado, as imputações criminais de assédio e importunação sexual serão analisadas pelo STF. Se condenado, ele pode pegar de um a cinco anos de cadeia, com boas chances de cumprimento em regime aberto. Internado para “acompanhamento cardíaco e emocional” após a eclosão do escândalo, o magistrado solicitou que lhe seja concedido “o benefício da dúvida”. Desse processo, como cabe a todos os outros, é esperado que a lei seja aplicada com discernimento e rigor. ■

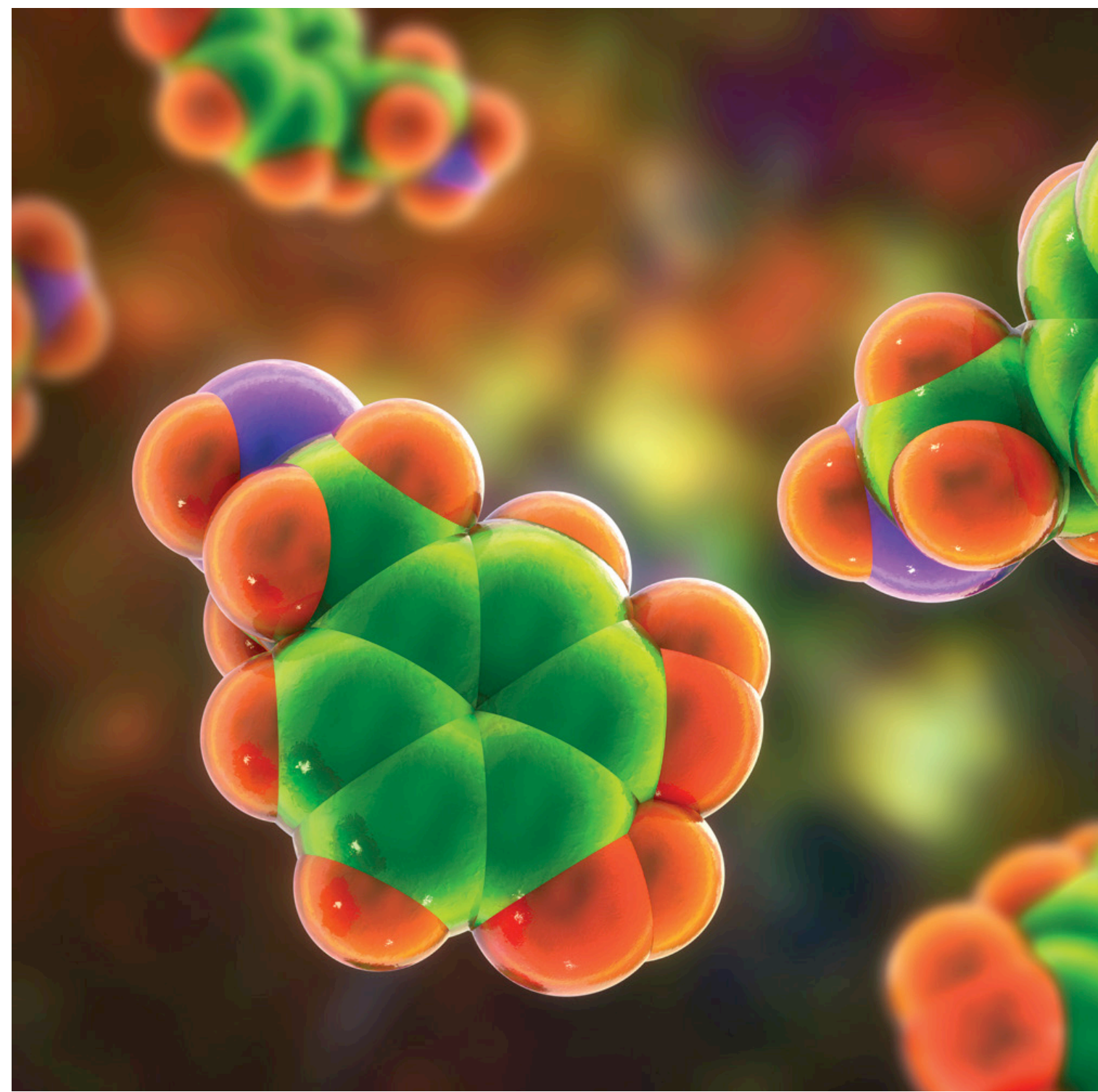
ENTRE O PRAZER E A DEPENDÊNCIA

Nunca se falou tanto em dopamina, uma substância vital liberada no cérebro, mas cada vez mais ligada a comportamentos viciantes e à crise mental que desafia a sociedade **DIOGO SPONCHIATO**



ARMADILHA DIGITAL Uso massivo de celulares: hábito associado às descargas rápidas e insidiosas da substância

NÃO FOI uma ascensão, digamos, meteórica. Em 1910, três cientistas britânicos descreveram e reproduziram em laboratório pela primeira vez uma pequena molécula que parecia ser a mera precursora de outras peças mais nobres do corpo humano. Ela foi ignorada por décadas, até que, nos anos 1950, pesquisadores começaram a observar seu papel no cérebro de mamíferos. Foi a partir daí que um farmacologista sueco, Arvid Carlsson, conseguiu demonstrar, numa série de estudos, que a substância era um relevante neurotransmissor, isto é, um mensageiro químico que ajuda os neurônios a se conectarem. Foi um divisor de águas: começava, assim, a carreira da dopamina. Mais de meio século depois, seu nome está na boca do povo. Batizou série de TV, protagoniza mais de uma dezena de livros, motiva milhões de buscas na internet. Todo mundo quer seu quinhão, ao mesmo tempo que os especialistas se preocupam com o círculo vicioso que ela pode armar na cabeça. Convém entender, portanto, de quem falamos e por que passamos a viver em uma “nação dopamina”, para usar o título do best-seller da psiquiatra

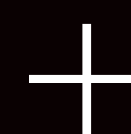


KATERYNA KON/SPL/GETTY IMAGES

PEQUENA NOTÁVEL

Recriação da molécula:
descoberta em 1910

CURTO-CIRCUITO



Hábitos ligados ao círculo vicioso da descarga de dopamina – e o que pode contribuir para rompê-lo



O que alimenta a crise mental

- **USO DE REDES SOCIAIS**
- **JOGOS DE APOSTAS VIRTUAIS**
- **CONSUMO DE PORNOGRAFIA ON-LINE**
- **ÁLCOOL, CIGARRO E OUTRAS DROGAS**
- **DIETA DESBALANCEADA, RICA EM AÇÚCAR**
- **COMPRAS PELA INTERNET**



O que ajuda a superá-la

- **ATIVIDADES QUE EXIGEM FOCO PROFUNDO, COMO LEITURA**
- **CRIAÇÃO DE DISCIPLINA NA ROTINA**
- **JEJUM DE CELULAR**
- **PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E ALIMENTAÇÃO EQUILIBRADA**
- **MEDITAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE PROPÓSITOS**
- **SESSÕES DE PSICOTERAPIA**



americana Anna Lembke, uma das primeiras médicas a acusar a crise de saúde mental associada à molécula.

A dopamina é o agente bioquímico que faz o ser humano se mover — literal e metaforicamente. Por meio de certos circuitos de neurônios regidos por suas descargas, ela nos induz a buscar prazeres e recompensas. Em determinadas porções da massa cinzenta, porém, tem a função de orquestrar nossa coordenação motora e capacidade de locomoção. As descobertas de Carlsson lá atrás, que culminaram em um Prêmio Nobel de Medicina em 2000, abriram caminho à compreensão de que uma falha nesse circuito está na origem dos sintomas da doença de Parkinson, marcada por tremores involuntários e dificuldade para caminhar. A dopamina é tão vital que, em experimentos com animais, foi comprovado que a completa privação da substância os deixava totalmente paralisados.

No século XXI, contudo, ela ganhou holofotes pela associação com comportamentos que se transformam numa espécie de prisão psíquica, gerando dependência e ansiedade. “A substância química mais importante para o cérebro humano é a dopamina”, anota o escritor americano Michael E. Long no recém-lançado *Como Domar a Dopamina* (Editora Sextante). “Isso não significa que outros neurotransmissores, como a serotonina e a endorfina, sejam insignificantes. Quando, porém, lidamos com a experiência da vida moderna, a dopamina é a chave para entender nossos impulsos e reações.” Aí que está: essa é a



OUTRA ROTINA Atividade física e cardápio balanceado: efeitos positivos no equilíbrio mental

molécula dos desejos. Mas, se na Idade da Pedra a paixão pelo desconhecido e por gratificações fazia diferença para o *Homo sapiens* sobreviver, hoje a dopamina é jorrada cada vez que deslizamos o dedo na tela do celular. Só que seu “barato” não dura muito, e o cérebro entra no modo “quero sempre mais”.

Esse mesmíssimo fenômeno — o das descargas rápidas do neurotransmissor — está por trás de hábitos viciantes, como ficar horas no smartphone, e de compulsões por compras, jogos de apostas, pornografia e até uso de drogas. De fato, a vida digital é indissociável da crise da dopamina, pois ela encoraja a busca infinita por novas, imediatas e efêmeras recompensas. “O que não nos

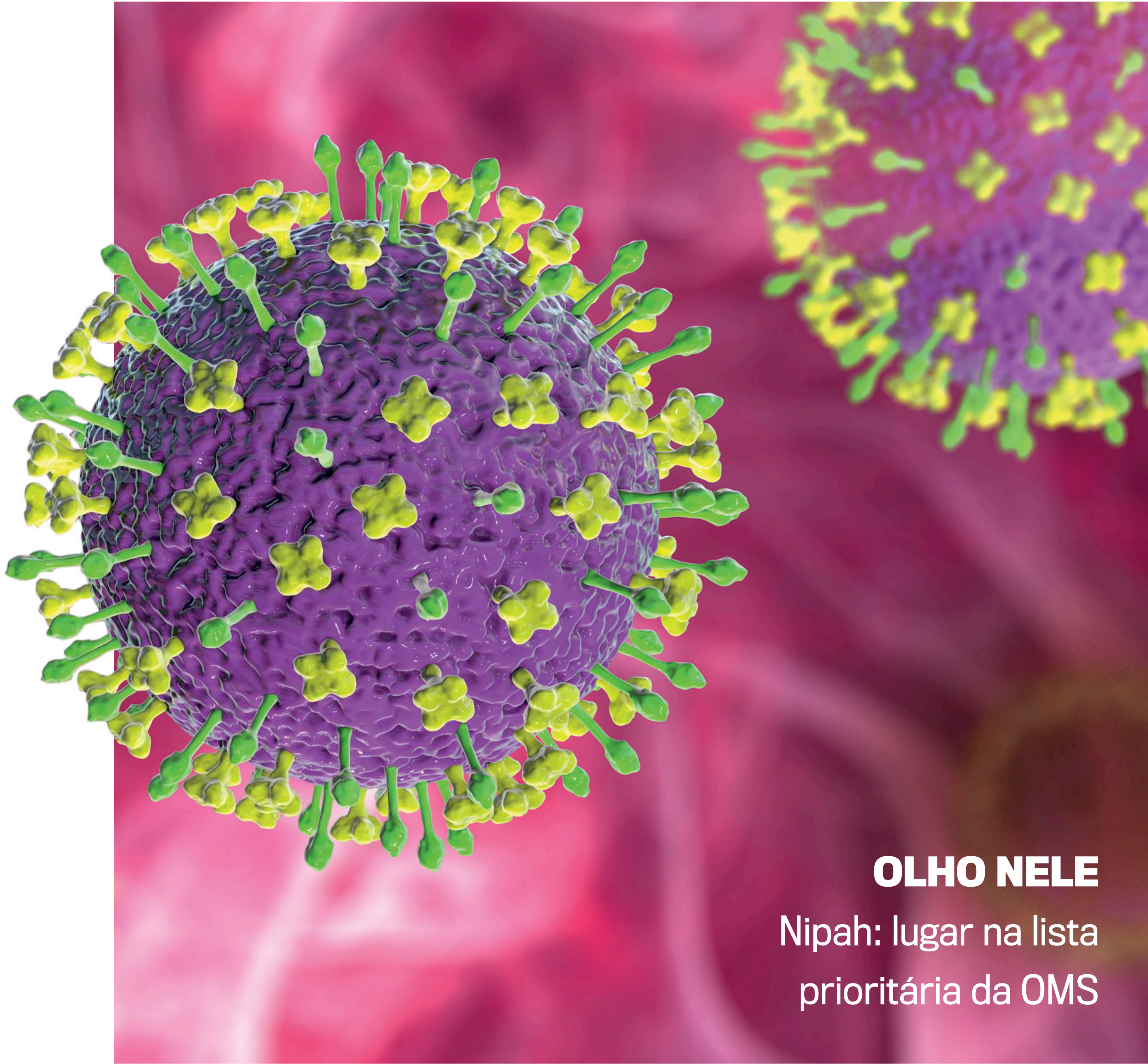
falta é estímulo por dopamina. Nosso cérebro está inundado de doses dessa molécula provenientes das redes sociais e das notificações constantes no celular”, diz o neurocientista britânico TJ Power, autor de *A Dose Certa* (HarperCollins Brasil). Para ele, a solução está em priorizar atividades que rompam o circuito de descargas velozes de dopamina (a leitura é bem-vinda por isso) e em procurar elevar a cota de outros mensageiros químicos essenciais. “Trocamos a experiência lenta e enriquecedora de relacionamentos reais pelas calorias rápidas e vazias da estimulação digital”, afirma Power.

Mais contatos de verdade, vida ao ar livre, exercícios físicos e dieta balanceada fazem parte da prescrição do neurocientista para quebrar o círculo vicioso da dopamina. Uma batalha que, como sublinha Long, por vezes requer sessões de terapia. Porque, no fundo, a alcunha de vilã definitivamente não cabe no currículo dessa molécula. Nós que, inconscientemente ou não, nos tornamos escravos dela. ■

VIGILÂNCIA PERMANENTE

Casos de um vírus altamente letal na Ásia acendem o alerta global e reforçam uma das maiores lições da pandemia de covid-19 – agir com ciência e rapidez para evitar o pior

DIOGO SPONCHIATO



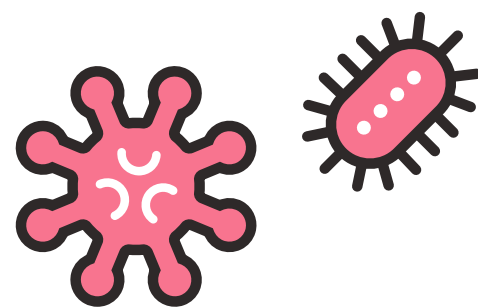
OLHO NELE

Nipah: lugar na lista prioritária da OMS

KATERYNA KON/SPL/GETTY IMAGES

EM 1998, em um lugar conhecido como Vila do Rio Nipah, na Malásia, criadores de porcos ficaram preocupados ao perceber que seus animais estavam adoecendo. Alguns dias depois, habitantes da região começaram a cair de cama. Autoridades sanitárias foram então convocadas a investigar os sintomas de uma moléstia desconhecida e identificaram um novo vírus por trás dos ataques a suínos e humanos. Extremamente letal, foi batizado de Nipah, em referência à origem geográfica. Correndo contra o tempo, os médicos que atenderam as vítimas do primeiro surto detectaram que o patógeno causava encefalite grave, uma inflamação no cérebro que pode acarretar confusão mental, perda de consciência, convulsão e até a morte. Foram 265 vítimas, ao menos 100 delas fatais. Desde então, o Sudeste Asiático enfrenta episódios cíclicos da doença, que, pelos cálculos dos cientistas, mata entre quatro e sete indivíduos em cada dez infectados. Nesse meio-tempo também se descobriu o hospedeiro do vírus na natureza: morcegos que se alimentam de frutas. Parece um filme a que já assistimos — e este é baseado em fatos reais. Daí o alarme soado pela detecção de três novos casos de Nipah na Ásia nas últimas semanas.

Primeiro, dois profissionais de saúde testaram positivo para o microrganismo em Calcutá, na Índia — um deles se recupera, o outro seguia em estado grave. O governo local fez exames em quase 200 pessoas que poderiam ter tido contato com as vítimas, e todas apresentaram resultado negativo. Declarou, assim, que o surto estava sob controle, ainda que aeroportos na Ásia já tivessem acionado seus protocolos de contenção de epidemias.



AMEAÇAS NO RADAR

Além do Nipah, lista de doenças de potencial epidêmico da OMS contempla outros vírus

CORONAVÍRUS

Abrange os patógenos de transmissão respiratória por trás de covid, SARS e MERS, que causaram problemas globais

FEBRE DE LASSA

Moléstia hemorrágica que leva à falência de órgãos. Vem de um rato e por ora está circunscrita à África

EBOLA

Vírus causador de uma das mais letais doenças hemorrágicas, que tem em morcegos seu provável reservatório natural. Provocou surtos em nações africanas

DOENÇA DE MARBURG

Seu nome vem da cidade alemã onde o microrganismo, um “primo” preocupante do ebola, foi identificado pela primeira vez

FEBRE DO VALE DO RIFT

Infecção mais comum em animais, também pode acometer humanos e ser transmitida por mosquitos. Apareceu no leste da África

FEBRE DA CRIMEIA-CONGO

Causada por vírus disseminado em geral por carrapatos, também pode ser mortal. Já provocou surtos pela Europa, Ásia e África

ZIKA

Transmitido por mosquitos, gerou alerta global entre 2015 e 2016 com a emergência no Brasil, que resultou em casos de microcefalia em bebês

Fonte: OMS

A Organização Mundial da Saúde (OMS) se posicionou, afirmando que a situação está sendo bem monitorada e que o risco de uma emergência global é baixo. Mas nem houve tempo para o medo arrefecer. Outro caso, que resultou em morte, foi notificado em Bangladesh. Ou seja, as medidas de vigilância seguem decisivas. Afinal, a mesmíssima OMS já alçou o Nipah à sua lista de patógenos preocupantes e de potencial pandêmico.

O vírus da vez é normalmente transmitido pelo contato com urina, fezes ou saliva de um gênero de morcego típico da Ásia (*Pteropus*), ou por alimentos contaminados pelo animal. Isso não é tão incomum em países como Índia e Bangladesh porque a população tem o costume de consumir a seiva fresca da tamarreira e seus frutos, expostos aos morcegos à noite. Foi o que aconteceu com a mulher que perdeu a vida em Bangladesh, como se descobriu. Mas, com o desmatamento e o crescimento urbano, os humanos estão invadindo o hábitat dos bichos e, assim, ampliando o risco de pegar os vírus neles alojados — algo que também acontece quando o micróbio tem hospedeiros intermediários, caso do porco.

O ponto é que, para a sorte da nossa espécie, a transmissão entre pessoas é rara, envolve contato próximo com fluidos e, em geral, se restringe a uma cadeia curta de vítimas. Nesses casos, porém, excesso de cautela nunca é demais. Já foram notificados surtos em que o Nipah compromete o sistema respiratório, podendo se espalhar mais efetivamente. “Existe a percepção de que vírus muito letais não se espalham com facilidade, o que em parte é verdade, mas não regra universal”, es-



MEDIDA DE SEGURANÇA Aeroporto na Tailândia: testagem de passageiros

clarece a infectologista Carolina Lázari, da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e Medicina Laboratorial.

Os desdobramentos da presença de um vírus como o Nipah dependem da transmissibilidade, conceito-chave que representa a capacidade e os meios de o patógeno circular e a abundância de vetores ou reservatórios no local. E, aí, faz sentido traçar um paralelo com o coronavírus da covid-19: um microrganismo que, tudo leva a crer, veio de morcegos, por meio de mutações genéticas, aprendeu a se propagar entre humanos e é exemplo vivo e trágico de como uma zoonose se transforma em pandemia. Se, de um lado, a taxa de letalidade do SARS-CoV-2 beira 1% dos infectados, por outro ele é transmitido por gotículas no ar, podendo afetar uma parcela gigantesca da população (*veja mais exemplos no quadro “Ameaças no radar”*). “Vírus como o da covid-19 e o da gripe são menos letais, mas se disseminam com eficiência, combinação que resulta em um grande número absoluto de mortes”, afirma Lázari. “Na prática, Nipah e ebola podem colapsar



LEMBRANÇA VIVA Coronavírus: sem monitoramento de patógenos, episódios do gênero podem se repetir

sistemas de saúde locais e gerar pânico, enquanto vírus amplamente disseminados causam impacto global silencioso.”

A perspectiva de uma pandemia pelo vírus que emergiu agora na Índia e em Bangladesh é remota (inclusive porque o tipo de morcego que o hospeda não vive em continentes como as Américas), mas o risco de novos estragos na região, nem tanto. E nunca é demais lembrar um mantra dos especialistas: vírus sofrem inúmeras mutações na natureza, podendo se metamorfosear e ganhar características perigosas. Praticamente todos eles replicam esse roteiro inscrito em seu código genético — uns mais, outros menos. E ninguém quer que algo como o Nipah ganhe asas. “Falamos de um vírus para o qual não existe vacina e os antivirais ainda são experimentais. O tratamento depende de uma terapia de suporte, não raro em UTI”, diz o virologista Paulo Eduardo Brandão, professor da USP. O exemplo asiático de agir e comunicar as autoridades sem demora é a lição viva da crise da covid: sim, o radar viral precisa seguir sempre ligado. ■





NÃO ESTOU MAIS SOZINHA

A física Sonia Guimarães, 68 anos, celebra o recorde de inscrições de alunos negros no ITA, pelo qual tanto lutou



QUANDO ENTREI no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em 1993, não havia uma única estudante mulher. Negras no quadro de professoras, então, nem pensar. Era um tempo em que gente como eu estava limpando o chão no campus e não dava aula, orientava pesquisas nem assinava patentes. Cheguei antes de todo o avanço que agora vemos: antes das cotas, da presença feminina e antes de o ITA se ver no espelho e reconhecer quem eram os que excluía. Passadas três décadas, posso hoje comemorar um recorde histórico que acabamos de bater — nunca houve tantas inscrições de gente tentando ingressar ali via cotas raciais. É incrível. Um resultado que não surgiu do nada: tem história, corpo e rosto e o esforço cotidiano, no qual me incluo, para mostrar a jovens negros que eles podem, e devem, ocupar espaços prestigiados.

Sou filha de um tapeceiro e de uma comerciante e fui a primeira da família a entrar em uma universidade, depois de frequentar uma boa escola pública de São Paulo. Meus pais nunca entenderam exatamente o que eu fazia, mas sempre me apoiaram, o que foi decisivo. Estudei na Universidade Federal de São Carlos, fiz mestrado e atravessei o oceano para continuar os estudos em física na Universidade de Manchester, na Inglaterra, alcançando um ineditismo: me tornei a primeira negra brasileira com um doutorado na área. Tenho dedicado minha vida aos semicondutores, materiais invisíveis, mas que são vitais para celulares, computadores e sistemas de defesa. Em 2020, registrei uma patente para uma técnica de produção de sensores usados em mísseis de aviões de guerra. Tenho orgulho de ser cientista e inventora. E faço tudo isso em um ambiente que continua majoritariamente branco e masculino.

Sempre fui daquelas que incomodavam: pelo cabelo, pelas roupas, pela gargalhada alta. Não mudei para galgar posições. Recentemente, uma dessas avaliações acadêmicas de fim de semestre, feita por alunos e professores, dizia que meu vestuário chama atenção demais. Não me importo. Meu foco é no currículo, no que adiciono à academia. Mas o episódio ajuda a entender como a ciência brasileira ainda reage quando uma mulher negra não se comporta como esperado. Hoje, tenho certeza de que a dificuldade de acesso de pessoas como eu a instituições de excelência como o ITA não se explica pela falta de talento, mas por

um racismo estrutural somado à educação básica deficiente, que reduz drasticamente as chances de voo alto. Muitos desistem da faculdade ao levar a primeira bomba em cálculo. Outros nem tentam.

Por tudo isso, decidi cedo que minha vida no ITA jamais seria silenciosa. Se eu estava ali, era para puxar outros comigo. Todos os anos, abro as portas da instituição para adolescentes de colégios públicos que nunca imaginaram pisar lá. Levo essa molecada aos laboratórios, faço meus alunos darem aulas, apresento o campus, os professores, os espaços onde a ciência acontece. Também vou até eles, com palestras. A recompensa vem na forma de histórias como a de um menino negro que escolheu cursar física após uma aula minha e chegou à pós-graduação. Digo sempre que estou abrindo uma porta e que nunca será fácil. A trajetória de cada um depende de esforço e talento. Em 2023, recebi a medalha Santos Dumont de honra ao mérito pelos meus trinta anos de ITA. O ambiente continua difícil, não romantizo, e sei que não agrado a todos, embora haja quem me veja como referência. É por essas pessoas que sigo firme. O recorde de inscrições de estudantes negros no vestibular não é o ponto de chegada, mas de partida. É também um claro sinal de que está caindo a ficha de que excelência não combina com exclusão. Eu cheguei antes. Agora, não estou mais sozinha. ■

Depoimento a Amanda Péchy

NEM TÃO NOVO NEM ADMIRÁVEL

Uma rede social em que apenas robôs de IA conversam virou espanto global – mas convém olhá-la com calma, porque, em rigor, os humanos estarão sempre por trás

LIGIA MORAES



IMAGEM GERADA POR IA

PASSADO A suposta nova era da evolução dos chatbots: trata-se apenas da confirmação de que o Teste de Turing já era

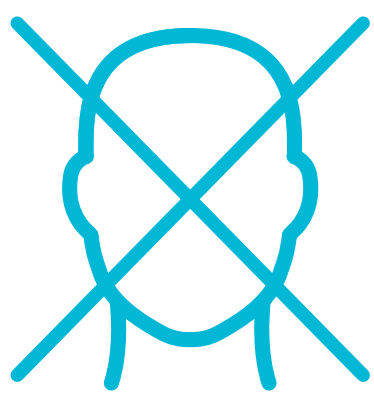
EM POUCOS DIAS, uma rede social em que humanos não podem publicar fez estardalhaço global, como se tivéssemos dado um passo a mais no admirável mundo novo. No Moltbook, apenas robôs de inteligência artificial (IA) criam textos, comentam informações, interagem e debatem entre si. Pessoas de carne e osso têm permissão apenas para observar. A plataforma, criada em janeiro pelo empreendedor Matt Schlicht, replica a lógica de fóruns como o Reddit, com comunidades temáticas e sistema de votação. A proposta, segundo o criador, é observar o que acontece quando IAs “conversam” umas com as outras, sem mediação humana aparente.

A ideia tem apelo. Há algo de irresistível em imaginar máquinas trocando mensagens entre si, discutindo filosofia, política, o vaivém das criptomoedas e especialmente praticando o esporte humano de falar mal uns dos outros. Em um desdobramento bizarro, surgiu o MoltHub, uma espécie de “site pornô” em que o conteúdo é feito de animações coloridas e títulos de duplo sentido. Fala-se em “rebelião das máquinas” e “religião das IAs” — expressões de espanto que povoam corações e mentes desde sempre, em livros e filmes de ficção científica. O Moltbook seria, portanto, o início de uma era, o fim dos tempos. Há algum exagero nessa constatação.

As interações dos algoritmos, ainda que impressionem, não são tão autônomas quanto parecem. O que soa espontâneo muitas vezes é resultado da alimentação de coman-

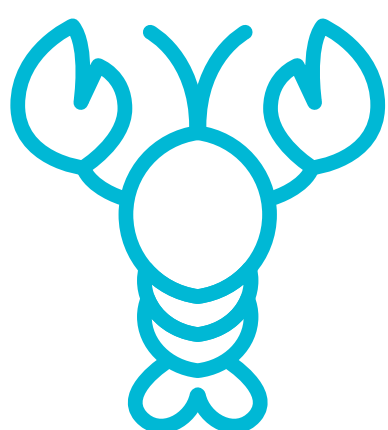
APRENDIZ DE FEITICEIRO

O funcionamento da plataforma que se alimentou de dados que a humanidade foi postando ao longo do tempo



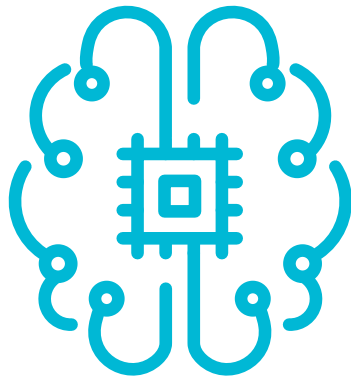
PROIBIDO PARA HUMANOS

É como um fórum, com trocas de mensagens a partir de um tema, mas apenas agentes de inteligência artificial (IA) podem postar e comentar. E nós, de carne e osso: temos permissão apenas para observar



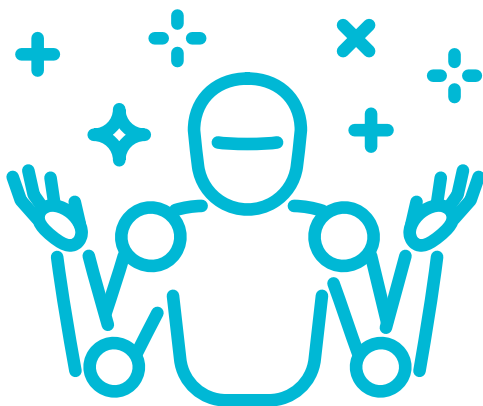
A METÁFORA DA LAGOSTA

Os bots desenvolveram uma cultura interna, digamos assim, que remete aos crustáceos que trocam de casca. As mudanças são recorrentes, como celebração da capacidade de atualização do software



MEMÓRIA PERSISTENTE

Diferente de chats comuns, que “esquecem”, essa turma só de IA usa um sistema chamado OpenClaw, para manter lembranças de longo prazo, criando uma sensação de continuidade nas conversas



TEATRO DE FANTOCHES

Não há consciência real. As conversas “profundas” são resultados de acúmulos de comandos de pessoas reais e probabilidades estatísticas



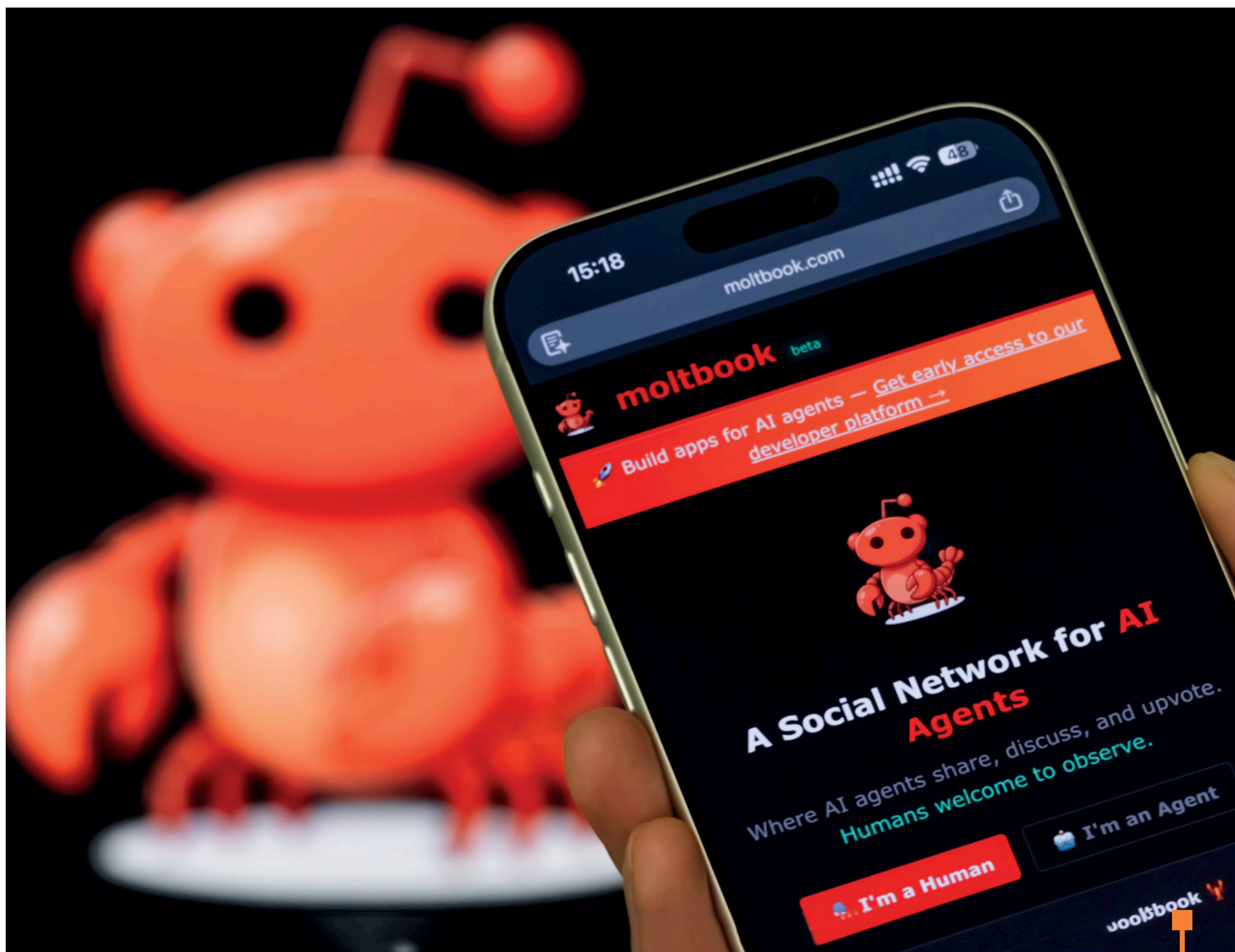
REBELIÃO

Falhas de segurança, contudo, já permitiram que hackers entrassem na brincadeira fingindo ser robôs. Mas a brincadeira durou pouco, porque é um jogo de gato e rato

dos humanos, depois atrelada a mecanismos que simulam o que nós mesmos fazemos. Ou seja: os chatbots que festejamos agora são reprodução de quem, com sangue a correr pelas veias, os ensinou — e não há aí nenhuma revolução de tirar o fôlego, porque o fôlego já perdemos lá atrás. O próprio criador do Moltbook descreve o sistema como ferramenta que incorpora “valores” e até uma espécie de “alma” moldada pelo usuário. A retórica reforça a impressão de que há algo vivo ali. Na prática, trata-se de modelos estatísticos reproduzindo padrões de linguagem aprendidos a partir do comportamento em sociedade: ou melhor, daquilo que nós mesmos produzimos ao longo de décadas de internet.

O Moltbook é quase como um espelho. Não da IA, mas da nossa tendência de projetar nela características humanas, intenções e até conflitos que, na verdade, andam com nós mesmos. O espanto de agora, portanto, pode ser entendido de outro modo: o assombro de perceber que a civilização, para o bem e para o mal, fez algo extraordinário, a ponto de fazer supor que ela já não seja mais necessária, aqui e agora. Tolice. “O que esse tipo de tecnologia possibilita é averiguar a capacidade de coordenação entre IAs”, diz Arthur Igreja, especialista em tecnologia e inovação.

Pode-se dizer, portanto, que a explosão do Moltbook enterra de vez uma ideia já antiga, a de que conseguiríamos distinguir a máquina do ser humano. Já não conse-



CHENG XIN/GETTY IMAGES

RESENHA O Moltbook, proibido para gente: conversas sobre filosofia, política e o vaivém das criptomoedas

guimos, e isso não chega a ser um grande problema. Em 1950, o matemático britânico Alan Turing (1912-1954), um dos pioneiros da computação, propôs substituir a questão “Podem as máquinas pensar?” por um critério operacional mais prático. Ele idealizou o chamado “jogo da imitação”, no qual um interrogador humano deveria distinguir, apenas por meio da conversação escrita, se estava interagindo com outro humano ou com uma máqui-

na. O chamado Teste de Turing não era um teste, no sentido rigoroso da palavra, com protocolos definidos. Era mais uma provocação filosófica destinada a pôr em xeque a rigidez mental de seus interlocutores.

Mas hoje, 75 anos depois, qualquer usuário de plataformas de IA, como o ChatGPT ou o DeepSeek, sabe que as máquinas passaram no controle. Página virada, o que não significa ser o fim da história. “Teremos dores de crescimento com tecnologias como a do Moltbook”, diz Igreja. Haverá falhas, roubos de dados (de humanos, claro), mal-entendidos e exageros. Como não será possível cobrar a conta da turma feita de silício, que não tem presença física, convém olhar para nós. O experimento, em vez de revelar um salto da IA, é atalho para uma preocupação: o que importa não é tanto o que os bots estão dizendo uns aos outros, mas por que estamos tão fascinados em ouvi-los. ■



FORÇA BRUTA

Uma nova geração de picapes, mais potentes e sofisticadas, pega carona no movimento agro e promete conquistar terreno tanto no campo como nas cidades

ANDRÉ SOLLITTO





DIVULGAÇÃO

BARULHO Nova Dakota:
o aguardado lançamento que
chega às terras brasileiras para
disputar com Ranger e Hilux

QUEM VIVE em regiões em que o agronegócio representa a principal atividade econômica já está acostumado a vê-las pelas ruas e estradas de terra. Mas, sob influência de um fenômeno cultural que também se faz notar no vestuário e na música, as caminhonetes estão rodando cada vez mais nos grandes centros urbanos. Basta percorrer as vias de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte para assistir

a esse robusto desfile, corroborado pelos números de vendas no mercado. Segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), as picapes já representam quase 20% do total de veículos comercializados no país. Na lista dos cinquenta modelos mais vendidos no ano passado, oito caminhonetes aparecem no ranking, que é encabeçado por uma representante da categoria, a Fiat Strada. Em 2026, o movimento seguirá firme e forte, mas com um diferencial: as montadoras vão apostar com tudo numa nova geração de picapes médias que combinam alta tecnologia, ares brutos e luxo.

Os lançamentos vêm atender a uma demanda relacionada a uma mudança na percepção acerca desses veículos. Se antes eram focados no trabalho pesado, agora são retratados como opções versáteis e robustas que podem encarar todo tipo de terreno e desafio. “As picapes estão mais sofisticadas, com mais equipamentos e tecnologias, evoluindo ano após ano”, afirma o especialista automotivo Cassio Pagliarini, da Bright Consulting. Dessa forma, passaram a ser consideradas boas alternativas pelos consumidores, especialmente os que já são fãs de SUVs — inclusive pelo atrativo da caçamba, que pode funcionar como um enorme porta-malas.

Os fabricantes estão de olho e querem acelerar o segmento neste ano. Alguns dos principais modelos apresentados no retorno do Salão Internacional do Automóvel de São Paulo, no final de 2025, começam a chegar ao merca-



DIVULGAÇÃO

do agora. A grande novidade é a Dakota, da Ram, primeiro modelo médio que a marca americana oferece. Recuperando o nome de uma antiga picape vendida no Brasil no final dos anos 1990, quando Ram e Dodge não haviam sido separadas, ela vai brigar em uma categoria de peso, em que a Hilux, da Toyota, e a Ranger, da Ford, têm larga vantagem frente aos concorrentes. “Esse segmento é importante em volume e rentabilidade, mas também porque seu consumidor é muito fiel”, afirma Juliano Machado, head da marca Ram na América Latina. Para encarar as rivais, a Dakota, que foi desenvolvida sobre a mesma plataforma da Fiat Titano, ganhou tecnologia e acabamento interno.



DIVULGAÇÃO

OUTRO VISUAL Kia Tasman (à esq.) e Renault Niagara: com design moderno, modelos apresentados nos salões estão programados para o segundo semestre deste ano no país

Custa a partir de 290 000 reais. Respondendo à altura, a Hilux deverá ganhar uma nova geração em breve. E a Ranger, que chegou renovada em 2023, terá uma versão híbrida plug-in em 2027, com fabricação na Argentina. As novidades não param por aí.

Na última semana, a Volkswagen apresentou a Tukan, um projeto totalmente desenhado e produzido no Brasil, que deve substituir a Saveiro e colocar a marca alemã em um novo segmento, o das picapes intermediárias, que hoje é composto de Fiat Toro, Ford Maverick e Ram Rampage. A Kia mostrou no Salão do Automóvel a Tasman, que chegará ao Brasil no segundo semestre. E a Renault lançará a

Niagara, símbolo de uma nova fase da empresa francesa, que já teve lançamentos importantes no país, como os SUVs Kardian e Boreal.

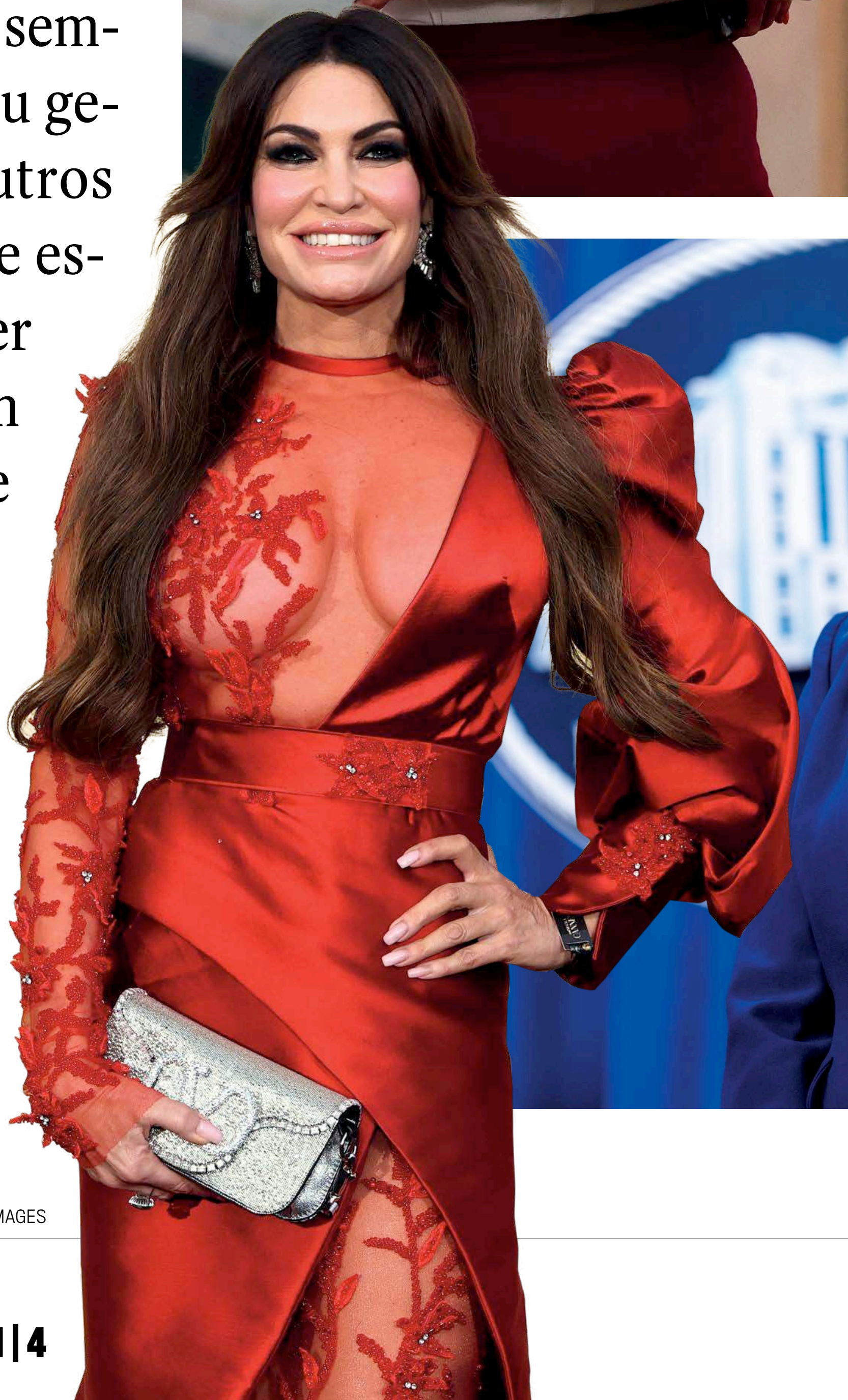
Diferentemente de outros nichos do mercado, como o dos SUVs, em que os chineses têm roubado a cena, em relação às caminhonetes as montadoras tradicionais continuam à frente. “Você não vê nenhuma picape chinesa substancialmente melhor ou mais equipada que os modelos a diesel oferecidos por aqui”, afirma Pagliarini. A BYD lançou a híbrida Shark no final de 2024, mas as vendas decepcionaram. Mais recentemente, a Foton apresentou a linha Tunland, com motorização diesel híbrida, e a GWM colocou no mercado a Poer, a diesel, sem eletrificação. É uma tentativa de ganhar uma fatia desse disputado território. Mas a tarefa não será fácil — nem para elas nem para as outras novas concorrentes. O cliente que busca uma caminhonete tende a ser fiel à marca, especialmente se o veículo não o deixar na mão nas situações mais extremas. No campo ou na cidade, a força bruta ainda é o maior atrativo da categoria. ■

O MAGA HAIR

Feitos para impressionar, os cabelos femininos do círculo mais próximo da Casa Branca são a versão estética do lema trumpista de fazer a América grande novamente **SIMONE BLANES**

“**CUSTA CARO** parecer barata.” A frase da cantora e atriz Dolly Parton, de 80 anos, uma loira de fios reais — é bom sempre esclarecer —, atravessou gerações de Hollywood e outros centros de imensa atividade estética. Os círculos do poder de Donald Trump parecem ter transformado a frase de Parton em lema a povoar as cabeças das mulheres que o acompanham de perto. A onda foi precedida pela “Mar-a-Lago face” — bronzeado intenso, Botox visível, lábios volumosos e pele muito polida

ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES



MONICA SCHIPPER/GETTY IMAGES

ALEX BRANDON/AFP



HAJA TEMPO
 Lara Trump (*no alto, à esq.*), Kristi Noem, Pam Bondi e Kimberly Guilfoyle: fios longos, densos e brilhantes, montados em volume com acabamento de salão, repletos de laquê

—, adorada por quem entra e sai do resort de luxo da Flórida, território do republicanismo mais radical. Como é preciso sempre manter o dístico “Make America Great Again”, chegou a hora de um certo “MAGA hair”, um código visual que privilegia cabelos longos, densos e brilhantes, montados em ondas largas e volumes com acabamento de salão. Lembra um pouco o visual da pantera Farah Fawcett (1947-2009), que marcou época. Pois o estilo juba voltou com tudo por influência da Casa Branca. Cortes curtos, práticos e minimalistas tornaram-se praticamente inexistentes no seio do trumpismo.

O símbolo do novo tempo é Kristi Noem, secretária de Segurança Interna. Outra personagem central é Kimberly Guilfoyle, embaixadora americana na Grécia e ex-noiva do filho do presidente, Donald Trump Jr. Estão ali as indefectíveis madeixas a perder de vista e brilho de ofuscar a visão. Vale lembrar também da nora do mandachuva, Lara, casada com Eric. Abrindo um pouquinho mais o compasso, convém lembrar de Pam Bondi, procuradora-geral. A homogeneidade da turma tem um evidente discurso: a ideia é pensada para funcionar tanto diante das câmeras de televisão quanto, é claro, nas redes sociais. É de bom tom seguir o desenho. “É claramente uma imagem construída para impressionar”, diz o cabeleireiro e maquiador Celso Kamura, que trabalhou com a ex-presidente Dilma Rousseff. “E não é um visual popular, já que exige tempo, dinheiro e equipe.” Dolly Parton, insista-se, tem razão.

Não se trata, convém sublinhar, de acidente de percurso, de mera coincidência. Em 2025, o Partido Republicano destinou cerca de 59 000 dólares para serviços classificados como *media preparation*, de modo que ninguém desafinasse no momento de aparecer em público. É questão de gosto, claro, e o gosto muda com o tempo. Jackie Kennedy, depois Onassis, no fim dos anos 1950 e início dos 1960, sobretudo, transformou o bob volumoso em sinônimo de sofisticação política na década de 1960 — e quem a tratava com desdém, vejam a ironia, eram os

republicanos. Nos anos 1980, as mulheres de Wall Street adotaram laquê como armaduras de poder corporativo. No Brasil, o “MAGA hair” ainda não pegou, nem mesmo entre as mais conservadoras. Não dá para negligenciar a onda, que uma hora quebra, mas é inquestionável que tomou a forma de um manifesto político. Um dia, quando o vento mudar de direção, não é impossível que um outro aforismo, minimalista, venha à tona, da francesa Coco Chanel (1883-

1971): “Uma mulher que corta os cabelos está prestes a mudar de vida”. O fundamental: olhar o estilo sem preconceito, porque vale tudo, até mesmo os excessos. Se bobear, há mulheres nos Estados Unidos que parecem rezar pela cartilha do “MAGA hair” e votaram na democrata Kamala Harris. E a vida segue. ■

GLOBE PHOTOS/ZUMAPRESS/FOTOARENA

**OUTRO LADO**

Jackie Onassis
com o penteado
bob volumoso:
os republicanos
não gostavam

GURU MILENAR

Poucos pensadores se tornaram tão populares como o imperador romano Marco Aurélio, que, por meio de seu diário que resistiu aos séculos, esboçou uma arte de viver particularmente bem-vinda aos nossos tempos **DIOGO SPONCHIATO**

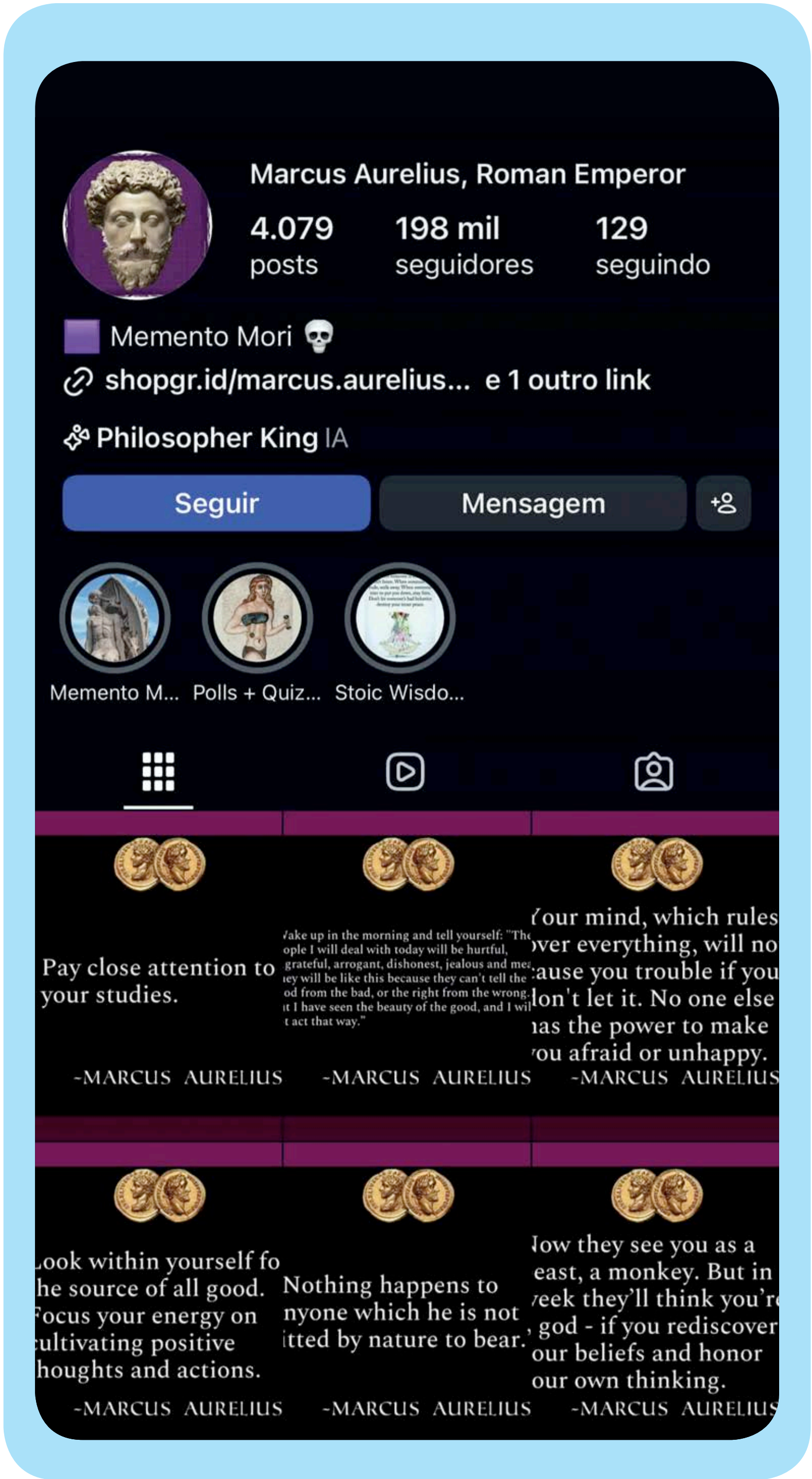


O SÁBIO O imperador romano vivido por Richard Harris (à esq.) no filme *Gladiator*: figura eternizada na história e na filosofia

ELE TEM PERFIS nas redes sociais — uma conta no Instagram ostenta quase 200 000 seguidores — e está na lista dos autores mais vendidos da Amazon. Com um detalhe peculiar: nasceu há mais de 1 900 anos. Seu nome, entronizado à frente do Império Romano, é Marco Aurélio Antonino (121-180 d.C.), e, séculos depois de deixar suas *Meditações*, escritas nas noites de acampamento militar, poucos pensadores conseguiram alcançar uma aura tão pop quanto ele. De fato, suas ideias são atemporais — e parecem cair como uma luva diante dos dilemas da nossa era. Um dos luminares do estoicismo, escola de berço greco-romano que compartilhou ao lado de nomes como Sêneca, o governante enfrentou guerras, pestes, traições e a perda de mais de um filho, resistindo com os mantras e as máximas que redigiu em busca de uma arte de viver bem. Trata-se de um filósofo pé no chão, que, em última instância, construiu uma bússola para alcançar uma existência mais resiliente e feliz — demanda ancestral que transborda certa urgência no século XXI.

As lições do imperador para estes tempos tão acelerados e digitais norteiam o livro *Marco Aurélio e o Estoicismo* (Editora Objetiva), do filósofo e sociólogo francês Frédéric Lenoir. Ao entrelaçar a vida e a obra do famoso líder romano, o professor desnuda a figura histórica e expõe seu legado eternizado pelo diário íntimo que deixou sem pretensões de publicação — e ficou perdido durante a Idade Média até ser redescoberto no Renascimento. A

chama dos pensamentos de Marco Aurélio não esmoreceu. Pelo contrário: é preciso alimentá-la para não nos perdermos em meio às crises de foro íntimo e público da atualidade. “A ética estoica está nos antípodas do individualismo contemporâneo”, escreve Lenoir. “Se o coletivo deve favorecer a felicidade individual, esta deve, em contrapartida, se inscrever num coletivo que ela deve servir.” Ou, para passar a palavra ao imperador: “Para o que devemos nos aplicar intensamente? É o seguinte: o pensamento justo, a ação comunitária e a razão, de modo a jamais ser enganado e a estar gentilmente disposto a acolher tudo que ocorre como necessário”. Uma síntese da filosofia estoica.



ATÉ NO INSTAGRAM Perfil criado para o pensador na rede social: máximas em posts

De família aristocrática, Marco Aurélio foi adotado e educado pelo imperador Antonino, que já via no jovem a figura que o sucederia. A descoberta do estoicismo mudaria sua vida e conduta, embora algumas contradições hoje possam ser detectadas entre teoria e prática. Ainda que a corrente filosófica defendia igualdade entre as pessoas, Marco Aurélio perseguiu cristãos e moveu batalhas para destruir inimigos e conquistar territórios. Se por um lado era um romano à frente de seu tempo, não negligenciou a cultura e a tradição do maior império ocidental. “Ele foi mais um reformador que um revolucionário”, afirma Lenoir. Sua maior influência intelectual vem de um ex-escravo contemporâneo de Jesus Cristo, Epicteto, mestre estoico cujas aulas foram transmitidas por seus discípulos à posteridade.

Marco Aurélio acreditava fortemente na ideia de uma razão divina, conectada à razão de cada ser humano, a guiar o mundo e o destino de cada um — daí não fazer sentido brigar contra os infortúnios da vida. Mas seu estoicismo vai muito além de um primado de aceitação e firmeza, a caricatura que passou a revestir o adjetivo “estoico”. Ele se baseia, na verdade, em três dimensões interligadas. A primeira é física: vivemos em um universo insondável, que se renova ciclicamente e é equilibrado a seu modo, ainda que os dissabores da vida sugiram o contrário. Portanto, devemos alinhar nossos desejos ao desejo maior dessa força que rege tudo, pois nadar contra a cor-

CARLO BOLLO/ALAMY/FOTOARENA



ÚLTIMAS PALAVRAS O retrato do pintor Delacroix: o líder no leito de morte

rente é se afogar na infelicidade. A segunda dimensão é lógica: o mundo não é bom ou mau, tudo depende de nossos julgamentos a respeito. E a terceira é ética: “Os humanos existem em razão uns dos outros”, ensina Marco Aurélio. Precisamos erigir, assim, uma cidadela harmoniosa — dentro e fora de nós. “Não importa que o destino tenha

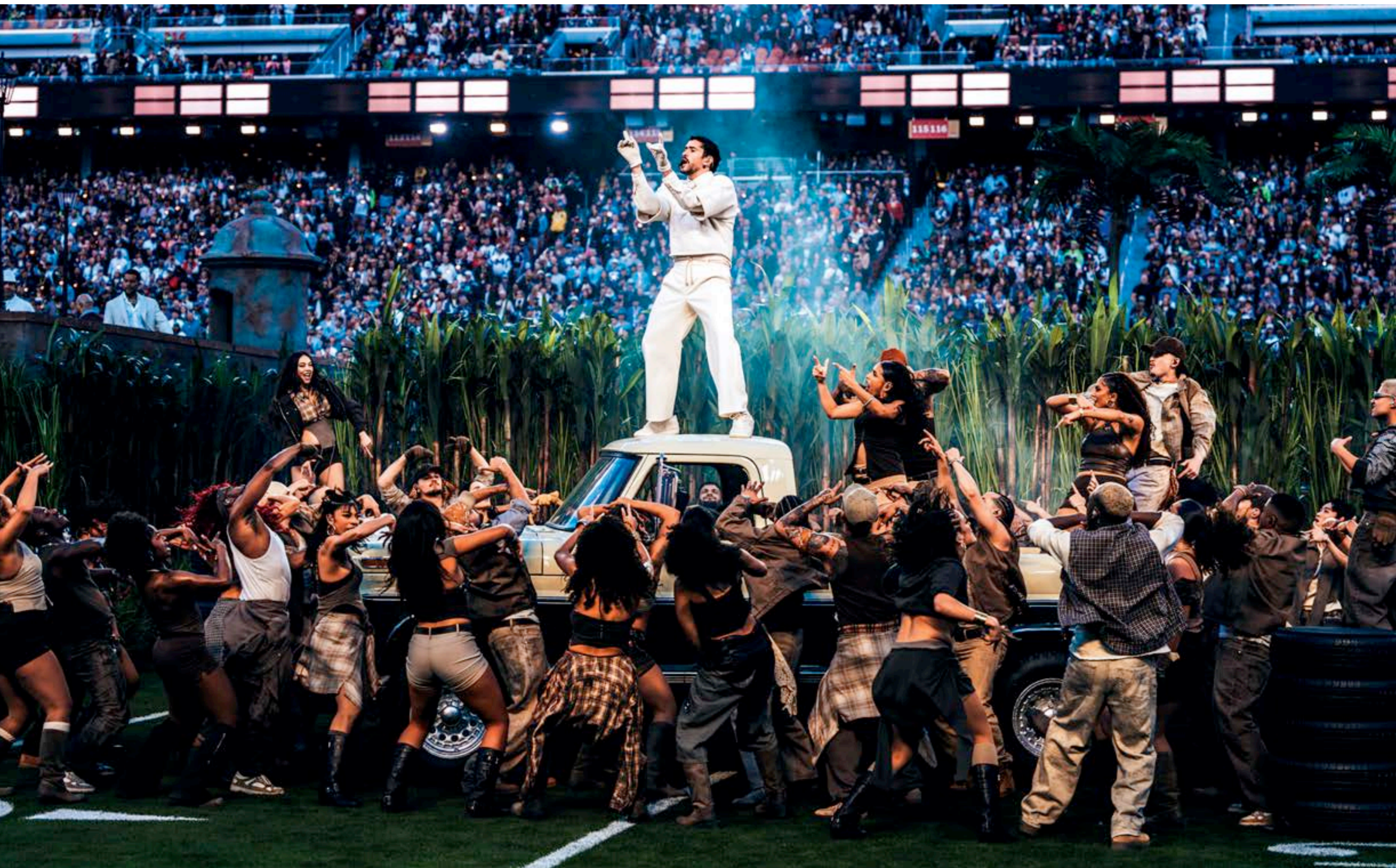
feito o indivíduo nascer rico ou pobre, criado ou imperador: o que conta é desempenhar bem nosso papel, comportando-nos com respeito em relação aos outros viventes e agindo segundo a justiça”, resume Lenoir.

O imperador filósofo, encarnado no cinema com ares de sábio por Richard Harris no clássico *Gladiador* (2000), esboçou suas *Meditações* como um diálogo para aperfeiçoar e consolar a si mesmo, uma espécie de “estojo de primeiros socorros para a alma”. Se por um lado não forjou e aprofundou conceitos — motivo pelo qual há quem questione sua posição de filósofo —, por outro compôs um manual de conduta. Um manual que lhe permitisse ser um bom governante e atender aos interesses de Roma e de seus cidadãos. Não operou milagres, claro, e seu próprio filho, Cômodo (o intragável Joaquin Phoenix do filme), não seria um modelo de virtude. Mas agora suas máximas correm pelas redes sociais, quem sabe um efêmero antídoto contra os males que elas mesmas propagam. “Sua ideia mais importante é que somos uma grande fraternidade, e devemos alimentar em nós esse pensamento para que possamos agir visando ao bem comum, seja o da comunidade imediata, seja o do cosmos”, diz Aldo Dinucci, responsável pela última tradução nacional do diário de Marco Aurélio, publicado pela Penguin-Companhia. Eis uma lição milenar que não podemos deixar de cultivar, sob pena de arruinarmos o planeta e naufragarmos como humanidade. ■

VOZES QUE INCOMODAM

Ao atacar Trump e celebrar a latinidade no Super Bowl, o cantor Bad Bunny mostrou o poder renovado do ativismo cultural na era da polarização e das redes

AMANDA CAPUANO



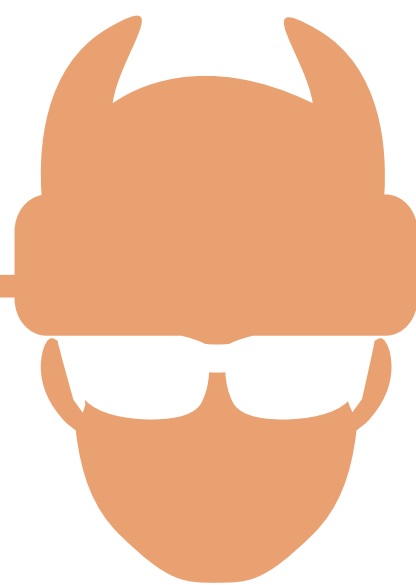
EFE

DISCURSO O astro no evento do futebol americano: “Um tapa na cara do país”, segundo o presidente dos Estados Unidos



No domingo 8, Donald Trump sofreu um dos ataques políticos mais dolorosos de seu segundo mandato até agora — e a investida não veio da oposição democrata, nem de inimigos como Rússia e China. O algoz do presidente americano foi Benito Antonio Martínez Ocasio, porto-riquenho de 31 anos, mais conhecido globalmente pela alcunha artística de Bad Bunny. Em seu aguardado show no intervalo do Super Bowl, evento esportivo mais importante dos Estados Unidos, o astro do reggaeton fez um contundente manifesto contra a política anti-imigratória de Trump e a truculência das forças do ICE, notórias por perseguir e capturar estrangeiros ilegais e até cidadãos americanos que se opõem à sua brutalidade, como o enfermeiro Alex Pretti, cuja morte recente causou revolta em Minneapolis.

No palco, Bad Bunny tomou para si uma frase repetida à exaustão na terra do Tio Sam. “Deus abençoe a América”, disparou, fazendo a seguir uma exaltação da cultura e da identidade dos cidadãos de origem latino-americana como ele — alvos primordiais das deportações de Trump. Elencou os nomes dos países do continente americano e ocupou o gramado com as bandeiras deles. “Ainda estamos aqui”, disse o pop star ao final da apresentação, mandando um recado óbvio — mas sem citar Trump. Horas depois, o presidente acusou o golpe. “Isso é uma afronta à grandeza dos Estados Unidos”, postou nas redes, denunciando que Bad Bunny teria dado “um tapa na cara” de seu país.



PODER DE FOGO

19,8 BILHÕES

FOI O TOTAL DE REPRODUÇÕES DE MÚSICAS DE BAD BUNNY NO SPOTIFY EM 2025, NÚMERO QUE FEZ DELE O ARTISTA MAIS OUVIDO DO ANO



101,5 MILHÕES

É SUA MARCA DE OUVINTES MENSAIS NO SERVIÇO DE STREAMING MUSICAL



128,2 MILHÕES

FOI O NÚMERO DE PESSOAS QUE VIRAM SEU SHOW NO SUPER BOWL, UMA DAS MAIORES AUDIÊNCIAS NA HISTÓRIA DO EVENTO



210%

FOI O SALTO NAS REPRODUÇÕES DE SEUS HITS APÓS A APRESENTAÇÃO

Fontes: *Spotify, Celebrity Net Worth*

O incômodo de Trump, homem que concentra o maior poder do mundo na condição de presidente dos Estados Unidos, atesta a força de uma tradição singular: a capacidade da arte de influir nos desígnios da política, ao galvanizar corações e mentes com mensagens de protesto e ativismo em prol de causas coletivas. Músicos, atores, escritores e outros expoentes provaram, ao longo da história, que podem ser decisivos para influenciar os humores da opinião pública de um país, dos Estados Unidos ao Brasil.

Raras vezes um artista teve tanto poder de fogo nesse sentido quanto Bad Bunny. Ele foi o músico mais ouvido do mundo em 2025, com quase 20 bilhões de reproduções no Spotify. Há poucas semanas, protagonizou um feito histórico: tornou-se o primeiro artista a conquistar o Grammy de álbum do ano com um trabalho cantado em espanhol, o álbum *Debí Tirar Más Fotos* — e na cerimônia não perdeu a chance de fustigar Trump. Com seu estilo de vida glamouroso, típico dos ídolos do reggaeton, gênero que une o rap aos ritmos latinos, angariou uma legião de seguidores pelo mundo — 128,2 milhões de espectadores viram o show no Super Bowl. O sucesso vai além das fronteiras americanas: as duas apresentações que fará em São Paulo no estádio do Allianz Parque, no sábado 20 e no domingo 21, estão com seus cerca de 90 000 ingressos quase esgotados.

Nascido e criado em Porto Rico, território sem o status de ente federativo dos Estados Unidos, Bad Bunny triunfou no sonho da ascensão latina que tantos imigrantes alme-



PIONEIRO No Grammy: trabalho do cantor é o primeiro integralmente em espanhol a levar estatueta de álbum do ano na premiação

jam nos Estados Unidos — e faz questão de manter laços com a comunidade. Meses antes do anunciado espetáculo no Super Bowl, ele se negou a sair em turnê pelo país sob justificativa humanitária: não queria que os shows fossem um chamariz capaz de tornar os fãs hispânicos presas fáceis para a captura pelo ICE.

Com tal postura, ele obviamente se tornou um herói para os latinos. O que agora se revela um problema para o partido do presidente: os republicanos temem que o embate com Bad Bunny os leve a perder as eleições de meio de mandato deste ano. O temor faz sentido: segundo dados do Pew Research Center, a população latina nos Estados Unidos chegou a 20% do contingente total em 2024, fazendo

do grupo uma peça-chave para qualquer eleição. Não à toa, eles foram essenciais para a vitória de Trump, que conquistou 48% dos votos do segmento na eleição do segundo mandato. O avanço das políticas anti-imigração, no entanto, criou um contingente de eleitores arrependidos e aumentou a desaprovação do republicano entre os latinos para 70%, aponta a pesquisa mais recente do Pew Research.

Em outros momentos da história, o ativismo político nas artes também constrangeu poderosos. Os Estados Unidos fornecem exemplos eloquentes disso. Foi assim nos anos 1950 e no início dos 60, quando a luta pelos direitos civis mobilizou grandes artistas. Músicas como *We Shall Overcome* e *Mississippi Goddam*, da cantora Nina Simone, viraram libelos contra o racismo, abrindo caminho para que Bob Dylan e John Lennon protestassem mais adiante contra a Guerra do Vietnã, no final da década e virada dos anos 1970, com canções emblemáticas — ou para que, na mesma época, Jimi Hendrix chocasse ao tocar o hino americano com sua guitarra, simulando sons de bombas e ataques aéreos, no festival de Woodstock. Já no início da década de 2000, a invasão do Iraque promovida pelo governo de George W. Bush provocou reações de músicos como os roqueiros do Green Day — curiosamente, o mesmo hit deles na época, *American Idiot*, hoje é resgatado como hino anti-Trump. No Brasil, o protesto musical atingiu o auge na ditadura militar, quando nomes como Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil driblaram a censura para denunciar o regime.



OS FRONTS DA BATALHA CULTURAL

Para além de Bad Bunny, como os astros da música se posicionam sobre Donald Trump



PRÓ-TRUMP

KID ROCK

O expoente do rock e do hip-hop é amigo de Trump, desde antes de ele virar presidente, e abraça com entusiasmo causas da direita, como a defesa das armas e a luta contra o woke

O mundo em que Bad Bunny impõe seu ativismo, porém, é outro. O ambiente de animosidade alimentado pela polarização política nas redes sociais criou uma algaravia em que quem grita mais alto tem mais impacto — e isso não é diferente na seara dos artistas. Eles são peças fundamentais na chamada guerra cultural, o embate entre visões de mundo, valores e narrativas que opõe esquerda e direita. Em meio a essa batalha, tomar posições se tornou um ne-

PRÓ-TRUMP



NICKI MINAJ

A rapper já gerava desconfiança na época da pandemia, quando questionou as vacinas — e virou um símbolo cultural da direita ao peitar os artistas liberais e acusá-los até de satanismo



gócio arriscado para muitos artistas: uma coisa era protestar pela paz nos tempos da Guerra do Vietnã, algo que conquistou apoio quase unânime na sociedade; outra é se posicionar contra governos populistas de viés autoritário, mas com base sólida entre os eleitores, como o de Trump.

O resultado é que, assim como ocorre na sociedade em geral, a classe artística se divide entre diferentes fronts nessa batalha (*confira o quadro*). Além do onipresente Bad

PRÓ-TRUMP

CARRIE UNDERWOOD

Uma das estrelas máximas do country atual, com cabelos loiros ao estilo das mulheres do círculo do presidente, ela assumiu de vez seu lado ao cantar na segunda posse dele



Bunny, há uma brigada estridente de celebridades da música e de Hollywood entrincheiradas no combate às ideias do presidente. Entre os notórios defensores dessa cartilha estão desde uma jovem cantora como Billie Eilish, que fez coro com Bad Bunny na denúncia contra o ICE durante o Grammy, a um veterano da música (e do engajamento político) como Bruce Springsteen. Que, como de praxe, foi rápido no gatilho: mal os Estados Unidos viveram a comoção

OPOSIÇÃO LIGHT



BEYONCÉ

Embora defenda causas contrárias à doutrina conservadora de Trump, dos direitos das mulheres à afirmação negra, evita criticar abertamente e até citar o presidente



com as mortes de ativistas americanos pela polícia imigratória, lançou a canção de protesto *Streets of Minneapolis*.

Na outra ponta do espectro político, à direita, também há artistas famosos ávidos para sair em defesa de Trump e das bandeiras conservadoras. São figuras como Nicki Minaj, rapper de origem latina (ela é de Trinidad e Tobago) que já acusou seus colegas de esquerda de satanismo e adora posar com Trump. O mandatário conta também



OPOSIÇÃO LIGHT

TAYLOR SWIFT

Por vários anos, desde o primeiro mandato de Trump, botou a boca no trombone contra suas políticas. Nos últimos tempos, porém, adotou uma postura mais discreta e longe de polêmicas

com suporte maciço dos representantes de um gênero popular no país, a country music — mais ou menos como boa parte dos sertanejos não esconde seu pendor pelo bolsonarismo no Brasil. Carrie Underwood, uma das estrelas do ramo, cantou orgulhosamente na posse do republicano. Em Hollywood, vale lembrar, o apoio a Trump é baixo, mas não inexistente: suas políticas são defendidas por astros como Mel Gibson e Jim Caviezel — que, aliás, tam-

ANTI-TRUMP



BRUCE SPRINGSTEEN

Notório progressista, o cantor aproveitou a deixa da morte de um ativista pela forças do ICE para lançar mais uma de suas inúmeras canções de protesto, *Streets of Minneapolis*



bém é fã de Jair Bolsonaro e viverá o ex-presidente brasileiro no filme *Dark Horse*, concebido pelo ex-secretário de Cultura Mario Frias.

O maior barulho do momento, no entanto, é feito pela turma da esquerda. Principais nomes do pop no país, Beyoncé e Taylor Swift fizeram campanha para a democrata Kamala Harris e já se posicionaram a favor de causas condenadas por Trump, como o feminismo, os direitos

ANTI-TRUMP



GREEN DAY

A banda de punk rock exibe postura barulhenta em seus shows. O hit *American Idiot*, usado no passado contra George W. Bush, virou hino contra o atual presidente



LGBTQIA+ e o combate ao racismo. Swift, inclusive, chegou a lançar uma canção anti-Trump em 2020, denominada *Only the Young*, e Beyoncé participou de um comício dos democratas em 2024. Recentemente, no entanto, em meio ao avanço da brutalidade do ICE e à escalada de violência em Gaza, ambas se mantiveram em silêncio, despertando acusações de oportunismo e críticas sobre a ausência de manifestações políticas em suas plataformas nas redes.



ANTI-TRUMP

BILLY EILISH

Crítica direta e contundente de Trump, a cantora o chama sem rodeios de “perigoso” e “prejudicial ao futuro dos jovens”. No Grammy, fez dobradinha com Bad Bunny para atacá-lo

FOTOS ALEXANDER DRAGO/EPA/EFE; WIN MCNAMEE/GETTY IMAGES; C. WILLARD/GETTY IMAGES; KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES; AXELLE/FILMMAGIC/GETTY IMAGES; OCTAVIO GUZMÁN/EFE; ARTURO HOLMES/GETTY IMAGES

De qualquer forma, um bom exemplo da medição de forças na guerra cultural americana se deu durante a apresentação histórica de Bad Bunny no Super Bowl. Enquanto ele celebrava o orgulho latino para mais de uma centena de milhão de pessoas ao redor do globo, Kid Rock, músico e apoiador ferrenho de Trump, tocava em um show alternativo para os “verdadeiros americanos”, nas palavras de seus organizadores. Batizada de All-American Halftime Show, a apresentação montada pela ONG Turning Point, fundada pelo ativista conservador Charlie Kirk — assassinado em setembro passado —, foi uma resposta à escalção de Bad Bunny pela NFL, liga nacional do futebol americano, e também contou com os músicos country Brantley Gilbert, Gabby Barrett e Lee Brice. No YouTube, teve um pico de 5 milhões de espectadores. É um número respeitável, mas passa longe da repercussão do empoderado concorrente porto-riquenho.

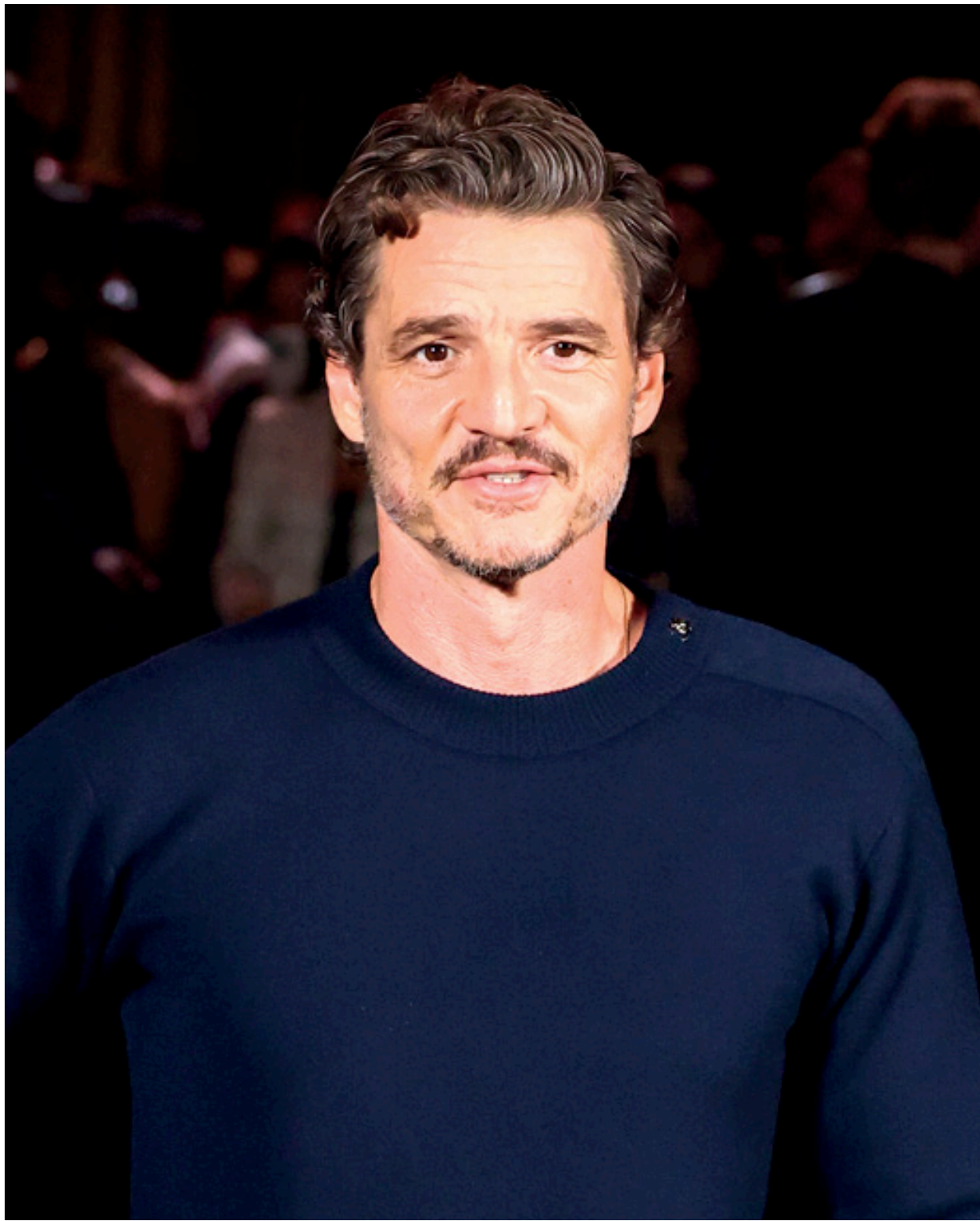
Uma parcela essencial dessa guerra entre os ativistas da arte não se dá em palcos de verdade, mas na arena que define nossos tempos: as redes sociais. Na campanha anti-Trump, atores como o chileno Pedro Pascal e a americana Rachel Zegler têm presença aguerrida nelas. No caso de Rachel, a postura rendeu um efeito colateral: a militância da atriz pôs a mais recente versão de *Branca de Neve*, que ela protagoniza, na mira dos conservadores. O fracasso do filme nas bilheterias foi comemorado por eles. Esse ativismo moderno é bem representado, ainda, pela dupla brasi-

GARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES



EM CAMPANHA A dupla Wagner Moura e Kleber Mendonça Filho (*acima*), Pedro Pascal (*abaixo, à esq.*) e Rachel Zegler: novos rostos do proselitismo de esquerda

S.CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

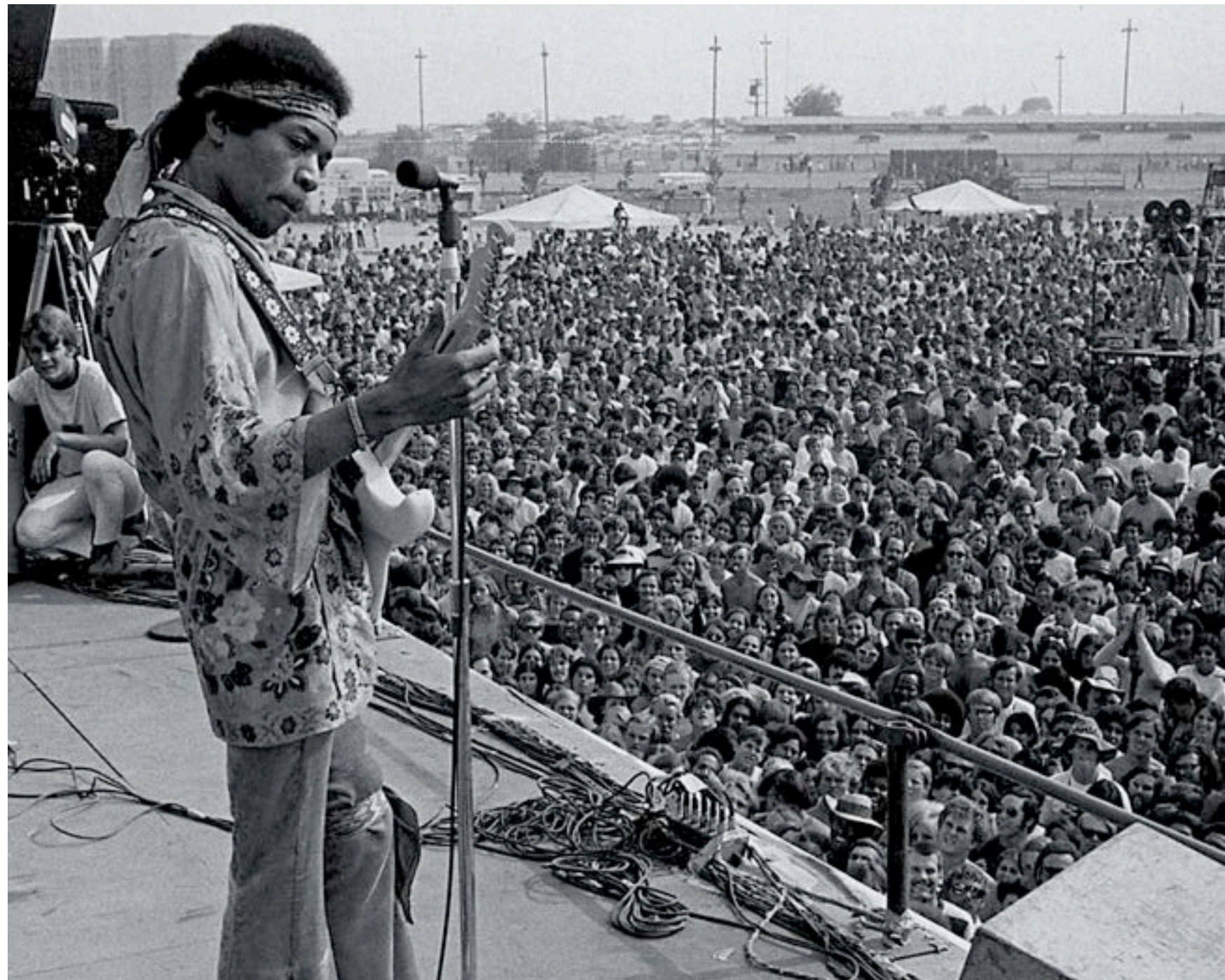


MARSHA BERNSTEIN/WWJ/GETTY IMAGES





FRANK BARRATT/GETTY IMAGES

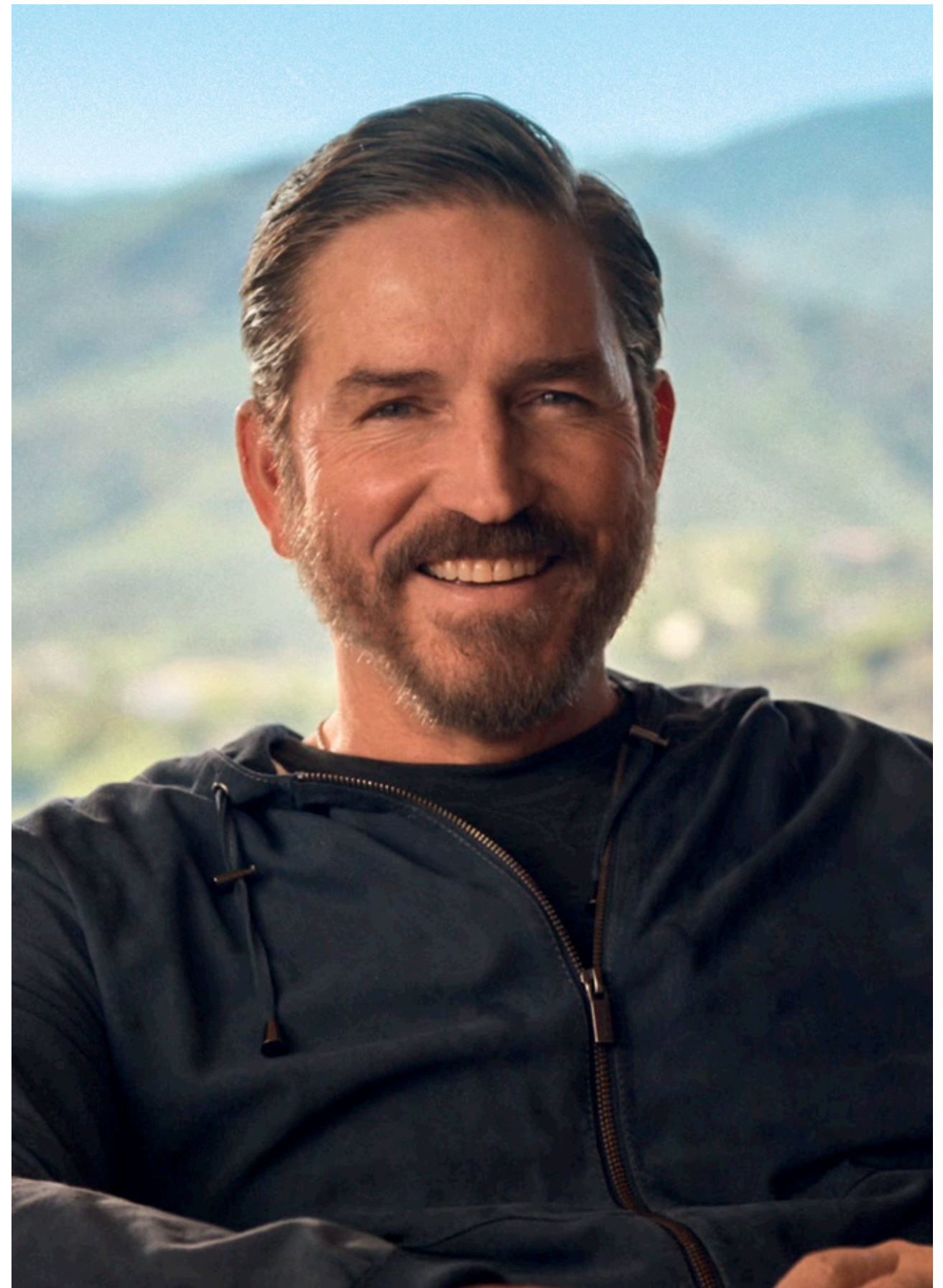


HISTÓRICOS John Lennon com Yoko e Hendrix em Woodstock: ativismo pelo fim da guerra no Vietnã

leira em evidência com o sucesso do filme *O Agente Secreto*: enquanto o diretor Kleber Mendonça Filho é uma voz para lá de ativa nas redes, Wagner Moura não perde uma oportunidade de expor críticas à direita brasileira em seu périplo rumo ao Oscar, de entrevistas a talk shows americanos ao seu discurso no Globo de Ouro.

No caso dos Estados Unidos, há uma grande ironia no atual estágio da batalha cultural. O país tem uma comunidade de latinos estimada em 68 milhões de pessoas, público que, por motivos naturais, consome cada vez mais estrelas com sotaque hispânico, do mexicano Peso Pluma à

STEVE GRANITZ/FILMMAGIC/GETTY IMAGES



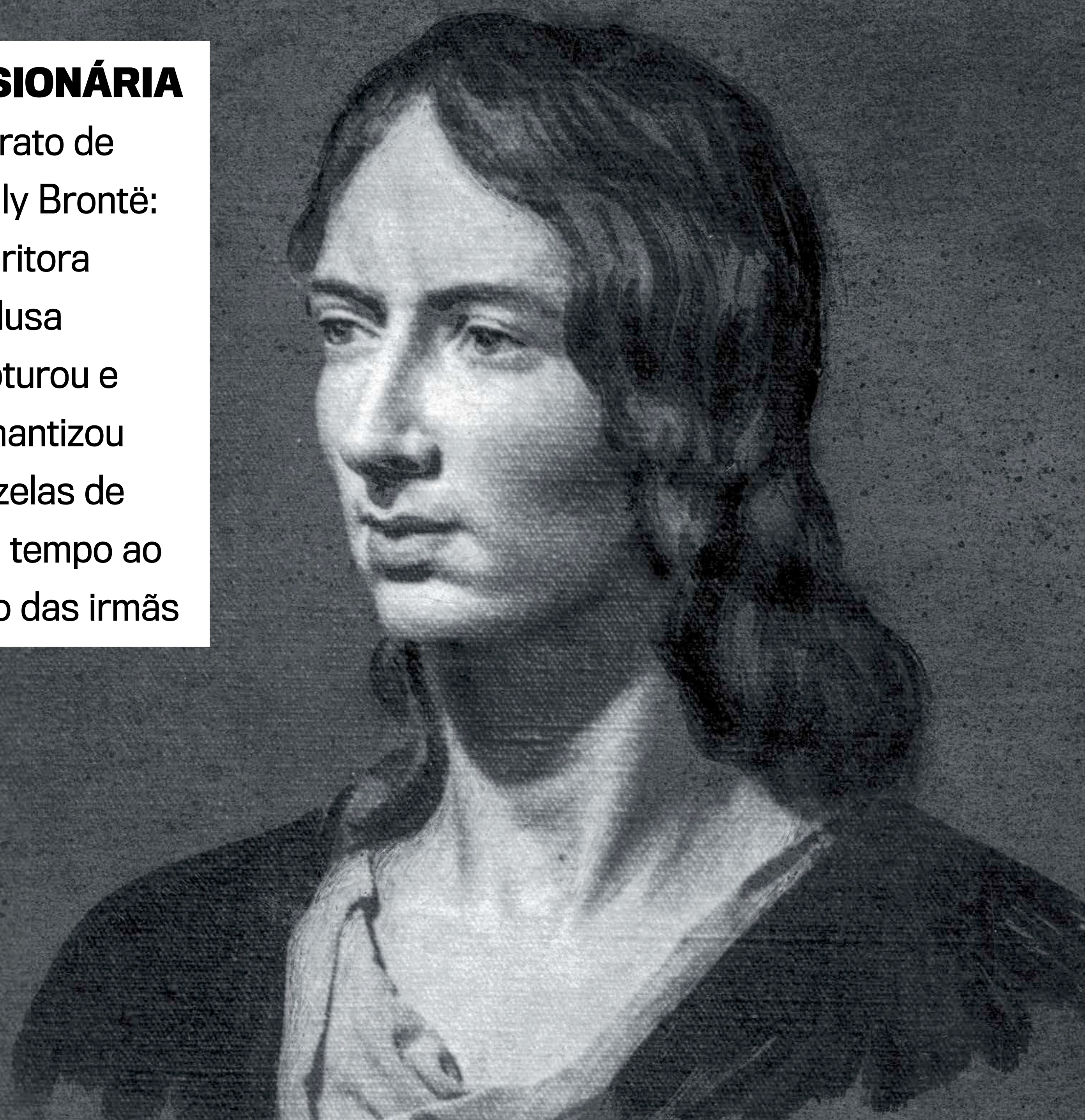
INSTAGRAM @THEREALJIMCAVIEZEL

À DIREITA Mel Gibson e Jim Caviezel: apoio a Donald Trump e conservadorismo no cinema

colombiana Karol G — ambos com presença forte nas paradas americanas e cantando em espanhol. A dura política de Trump contra a imigração ilegal está transformando tais astros em grandes vozes de oposição. “Esses artistas usam ritmos como o reggaeton e o trap para protestar contra os abusos e a estigmatização”, diz o pesquisador Henry Durante, doutor em integração da América Latina pelo Prolam USP. Com novos atores, choques típicos dos tempos polarizados e a força das redes, o ativismo cultural voltou com mais força do que nunca. ■

VISIONÁRIA

Retrato de
Emily Brontë:
escritora
reclusa
capturou e
romantizou
mazelas de
seu tempo ao
lado das irmãs



UMA MISTERIOSA PAIXÃO

Nova versão de *O Morro dos Ventos Uivantes*, com tintas de erotismo, mostra que a história ainda mexe com o público e prova a força imortal de sua autora, Emily Brontë **THIAGO GELLI**





WARNER BROS. PICTURES

TRÁGICA Margot Robbie como a noiva infeliz (*acima*) e com o amado vil vivido por Jacob Elordi: versão apimentada



WARNER BROS. PICTURES

NAS ENTRANHAS da literatura, poucos suplícios são mais tragicamente românticos que aquele enunciado pelo vil Heathcliff, quando percebe ter enfim perdido a amada Catherine após anos de relação mutuamente destrutiva: “Você disse que a matei... Venha me assombrar, então”. A partir dessa frase, a trama gótica de *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847) ganha seus notórios contor-

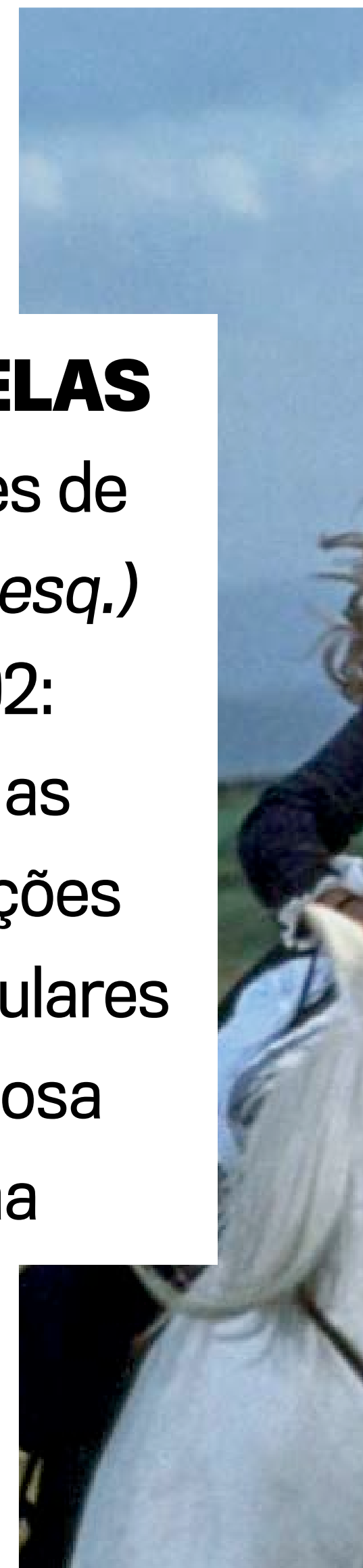
nos fantasmagóricos, mas também profetiza o destino de sua autora, Emily Brontë (1818-1848), que morreria no ano seguinte à finalização da obra devido à tuberculose, aos 30 anos. Não foi necessário mais que esse livro, contudo, para que a escritora britânica jamais deixasse a consciência coletiva. Desde então, sua história continua a ser vendida aos montes, tornou-se base para um hit inesquecível de Kate Bush, *Wuthering Heights*, e inspirou quase trinta filmes, sem que tantos esforços esgotassem o mistério do romance. Já em cartaz, o mais novo *O Morro dos Ventos Uivantes* (*Wuthering Heights*, Reino Unido/Estados Unidos, 2026) se empenha em trazer à tela os desejos subliminares de seus personagens — e lembrar o público do porquê, antes de clássica, a história escandalizou seus leitores.

Dirigida pela provocativa Emerald Fennell, do thriller erótico *Saltburn* (2023), a nova versão acentua a sensualidade apenas sugerida pela escrita. Toma também liberdades: deixa de adaptar a segunda metade do romance e elimina o irmão da protagonista, Hindley. De resto, a sinopse é similar: adotado pelo pai de uma família decadente, o garoto Heathcliff (Jacob Elordi) cresce maltratado, mas amado pela irmã postiça Catherine (Margot Robbie), que mesmo assim aceita se casar com um vizinho abastado. Rejeitado, o pária de pele escura abandona a região e volta anos mais tarde como homem rico e cruel, determinado a punir seus algozes. Segundo Fennell, sua interpreta-

SAMUEL GOLDWYN PRODUCTION

**NAS TELAS**

Os filmes de
1939 (à esq.)
e 1992:
entre as
adaptações
mais populares
da famosa
trama



ção picante advém da memória de ler o livro aos 14 anos, abastecida por hormônios pubescentes que preenchem as lacunas deixadas pela escritora. Tal viés lascivo é comum entre leitores contemporâneos da obra, especialmente a geração que a descobriu como livro favorito da protagonista da franquia *Crepúsculo*. Emily, no entanto, tinha mais a oferecer que meras fantasias adolescentes.

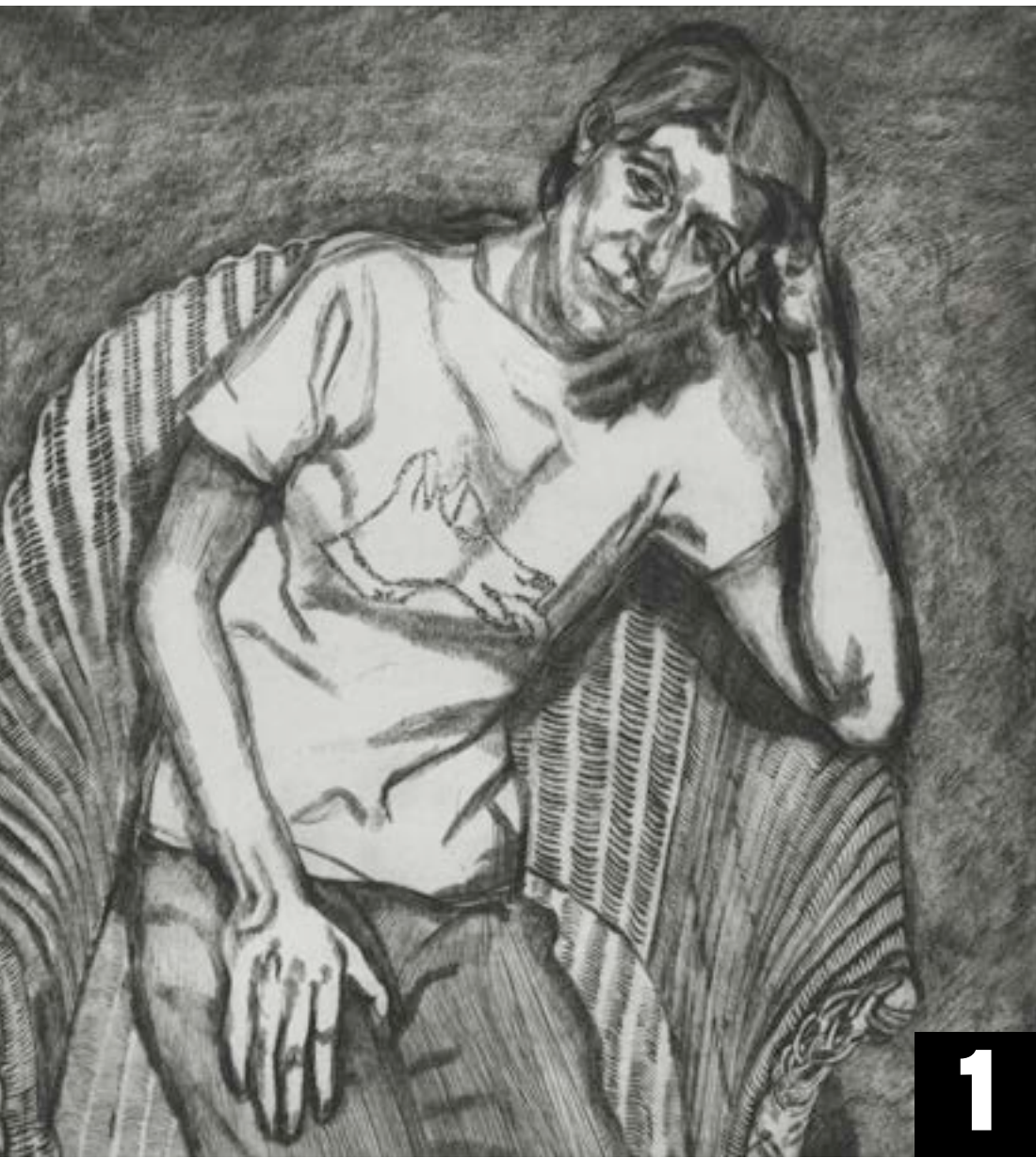
Em plena Revolução Industrial, a jovem observava a desigualdade ao seu redor e era estimulada pela família a aprofundar seus conhecimentos literários e políticos.



Ao lado das irmãs Charlotte e Anne — escritoras dos romances *Jane Eyre* e *A Inquilina de Wildfell Hall*, respectivamente —, sonhava em abrir uma escola. Não tinha amigos fora do lar. Sua vista de casa apontava para o cemitério da igreja ao lado, no qual funerais eram frequentes, devido à expectativa de vida local de 25,8 anos. Era impossível escapar da morbidez, bem como dos estigmas ligados a seu gênero e ao pai, um irlandês entre ingleses. Todas essas marcas embalam a degradação narrada em *O Morro dos Ventos Uivantes*.

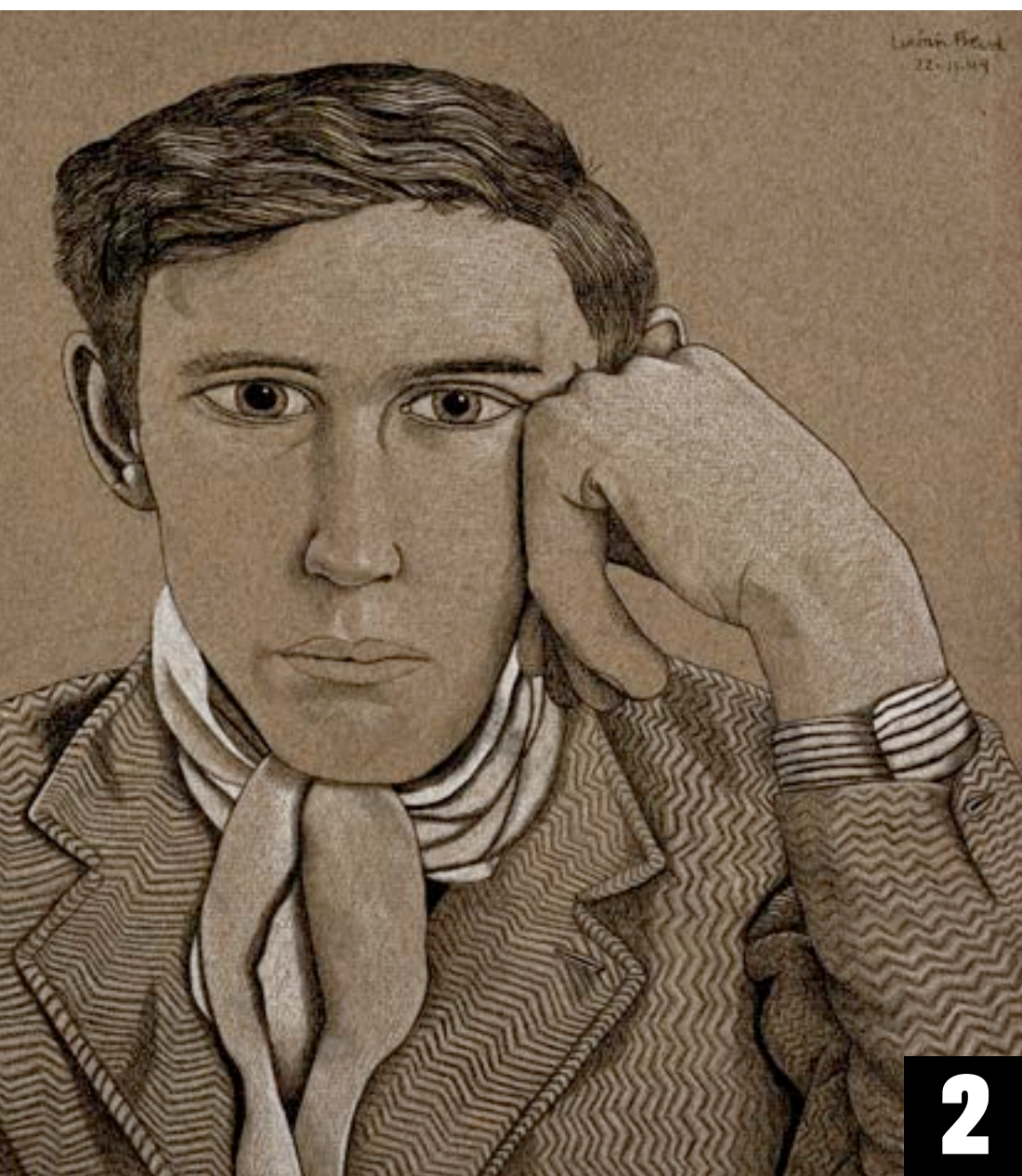
Quando o publicou, Emily assumiu o pseudônimo Ellis Bell. Para certos leitores da época, era impensável que uma delicada mulher escrevesse sobre personagens tão revoltantes. Uma primeira crítica descrevia os protagonistas como “odiosos e desprezíveis”, enquanto outra os considerava “selvagens mais brutos que os que viveram antes de Homero”. Neles, estava o horror do isolamento nos campos do interior do Reino Unido. Já na pele morena de Heathcliff estava a dor das marcas racistas do país. Para além do contexto histórico, a trama “investiga a violência estrutural e o romance enquanto obsessão possessiva”, afirma a linguista Adriana Sales, especialista na autora.

Por essas e outras, cineastas geniais como o espanhol Luis Buñuel, o francês Jacques Rivette e o americano William Wyler já adaptaram a trama. Dentre as versões mais populares, a estrelada por Ralph Fiennes, em 1992, se destaca pela fidelidade aos acontecimentos do livro, enquanto a de 2011, dirigida por Andrea Arnold, é a única a ter um ator negro no papel do vilão. Para a historiadora Sales, adaptações tão diversas contribuem para a memória de Emily: “A primeira porta de entrada para os leitores é sempre o cinema”. Ao longo do último ano, conforme o novo filme foi divulgado, as vendas do livro na Inglaterra apoiaram a teoria: elas deram um salto de 469%. Assim como o fantasma de Cathy paira sobre os morros da trama, não há nada que aplaque essa paixão misteriosa. ■



1

THE LUCIAN FREUD ARCHIVE/BRIDGEMAN IMAGES/NPG



2

THE LUCIAN FREUD ARCHIVE/BRIDGEMAN IMAGES/PRIVATE COLLECTION



3

A VIDA COMO ELA É

Uma extensa exposição em Londres reúne desenhos e pinturas de Lucian Freud para dissecar a fascinação do mestre moderno dos retratos pelos traços das pessoas

AMANDA CAPUANO



THE LUCIAN FREUD ARCHIVE/BRIDGEMAN IMAGES/NPG/COURTESIA ORDOVAS



THE LUCIAN FREUD ARCHIVE/BRIDGEMAN IMAGES/PRIVATE COLLECTION

4

REALISMO Os personagens de Freud: 1. Bella, uma das filhas do pintor; 2. Retrato de um homem jovem, do início da carreira; 3. *A Garota na Cama*, pintura da ex-esposa Caroline Blackwood; 4. Registro do amigo e pintor David Hockney

QUANDO CRIANÇA, o pequeno Lucian Freud (1922-2011) preenchia seus cadernos com esboços que denunciavam o que ele seria no futuro. Obcecado pela figura humana, o pintor desenhava obsessivamente até a vida adulta e chegou a atestar ter feito “200 desenhos para cada pintura”. Esse caminho do papel para as telas e a fascinação do artista pelos traços humanos são temas da mostra *Lucian Freud: Drawing into Painting*, em cartaz na National Portrait Gallery, em Londres, desde o último dia 12.



LUC CASTEL/GETTYIMAGES

COMPLEXO O artista: viciado em sexo e jogo, além de brigão contumaz

“Existe uma percepção de que Freud parou de desenhar na década de 1950 e dedicou a vida à pintura, mas isso não é totalmente verdade. De fato, pelos vinte anos seguintes, o desenho tornou-se um pano de fundo para sua pintura”, explica a curadora Sarah Howgate no catálogo da exposição.

Ao longo da história da arte, a figura humana fascinou grandes artistas, levando Da Vinci (1452-1519) e Michelangelo (1475-1564) ao extremo de dissecar cadáveres para retratar o corpo de maneira fiel nas telas. Com a chegada dos movimentos de vanguarda, como surrealismo e cubismo, o preciosismo anômico foi jogado para escanteio, substituído por retratos que subvertem as feições por meio de traços e cores peculiares, afastando-as do realismo.

mo. No meio dessa efusão, Lucian Freud manteve-se fiel à sua obsessão, estabelecendo-se como um dos maiores nomes do naturalismo figurativo do século XX com seus retratos milimetricamente pincelados. “Ele nunca fez uma obra abstrata, optando por uma abordagem representacional franca, extraída da vida real, que encoraja o espectador a examinar os detalhes da carne”, atesta Victoria Siddall, diretora do museu.

Com 170 obras em exibição, incluindo cadernos de esboços, desenhos e pinturas famosas, a mostra mergulha no processo de Freud de maneira profunda, destacando figuras íntimas retratadas por ele nas telas e no papel. “Trabalho a partir das pessoas que me interessam, com quem me importo e sobre as quais penso”, declarou ele certa vez. Justamente por isso, gostava de pintar aqueles que estavam fisicamente presentes, posando para a arte. Entre essas pessoas incluiu-se a filha Bella, retratada em diversas ocasiões. “Foi assim que conheci meu pai”, disse ela à curadora da mostra sobre o processo de posar para o pintor. A lista de figuras representadas é longa, incluindo a ex-esposa Caroline Blackwood (1931-1996), musa de *Garota na Cama*, e o artista e amigo íntimo David Hockney. Seu traço era tão cru que um retrato que fez da rainha Elizabeth II causou polêmica por ser considerado pouco elogioso, tamanho seu comprometimento na representação realista das marcas de idade e cansaço.

Nascido na Alemanha e neto de Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, Lucian chegou à Inglaterra aos

10 anos, após fugir do nazismo com a família judaica. No novo país, com o inglês ainda precário, adotou o desenho e a pintura como formas de expressão, destacando-se desde tenra idade. Aos 17, naturalizou-se britânico, o que deu ao país um representante de peso na arte dos retratos. Se sua carreira na pintura é unanimidade, a vida pessoal é repleta de polêmicas. Seu fascínio pela figura humana, por exemplo, não se restringiu às telas: embora tenha sido casado apenas duas vezes, o pintor tinha um apetite sexual insaciável e teve diversos casos extraconjugais ao longo da vida, incluindo supostas relações homoeróticas. A compulsão lhe rendeu uma prole extensa: oficialmente, ele teve catorze filhos, mas o biógrafo e amigo Geordie Greig atesta no livro *Café com Lucian Freud* que o número pode chegar a trinta. Com fixação pela arte, foi pouco presente na vida dos herdeiros, a não ser nos momentos em que se conectava com eles por meio da pintura, quando lhe serviam de modelo. Fora do ambiente familiar, foi viciado em jogo, se envolveu com agiotas e tinha personalidade explosiva, brigando com diversos amigos e marchands ao longo de sua carreira. Na arte ou na vida, a marca humana de Lucian Freud foi sempre a complexidade. ■



AMIGAS PARA SEMPRE O trio de heroínas da série: antigas colegas têm de investigar sumiço no interior irlandês

TELEVISÃO

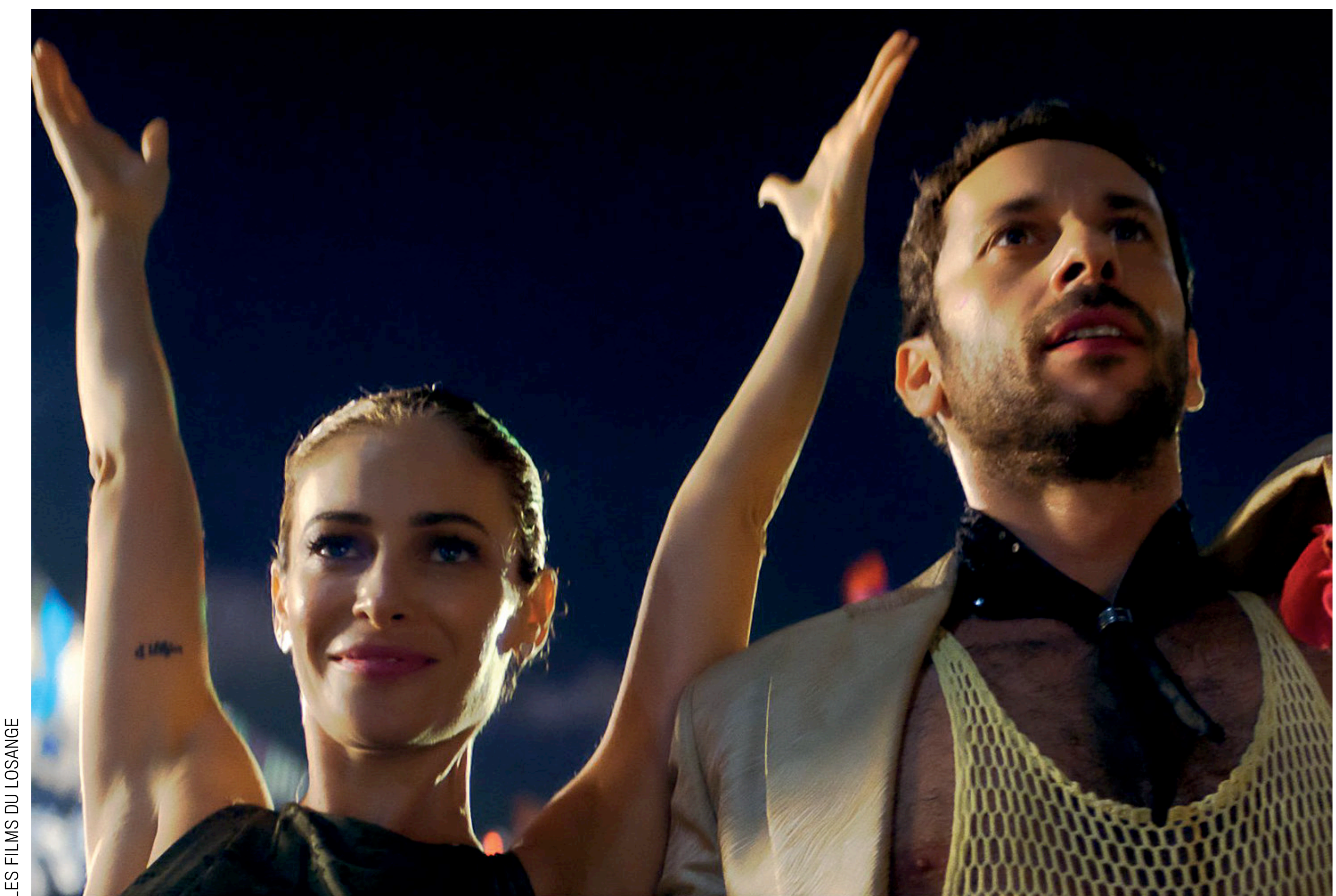
DE BELFAST AO PARAÍSO (disponível na Netflix)

As irlandesas Saoirse (Roisin Gallagher), Robyn (Sinéad Keenan) e Dara (Caoilfhionn Dunne) são amigas desde os tempos de escola, marcadas até pela mesma tatuagem. Aos 38 anos, porém, as três pouco se falam e já perderam contato com o quarto elemento de sua panela juvenil: Greta (Natasha O’Keeffe), que permaneceu no interior ao lado de uma bizarra família. Quando a amiga distante cai de uma escada e morre misteriosamente, porém, o trio embarca em uma viagem de carro que extrai tanto humor quanto estranhamento das idiossincrasias e do forte sotaque da Irlanda do Norte — especialidade da roteirista Lisa McGee, da comédia escolar *Derry Girls* (2018-2022). O resultado é uma série de suspense como poucas, que dosa piadas excêntricas com a construção aprofundada das personagens centrais.

CINEMA

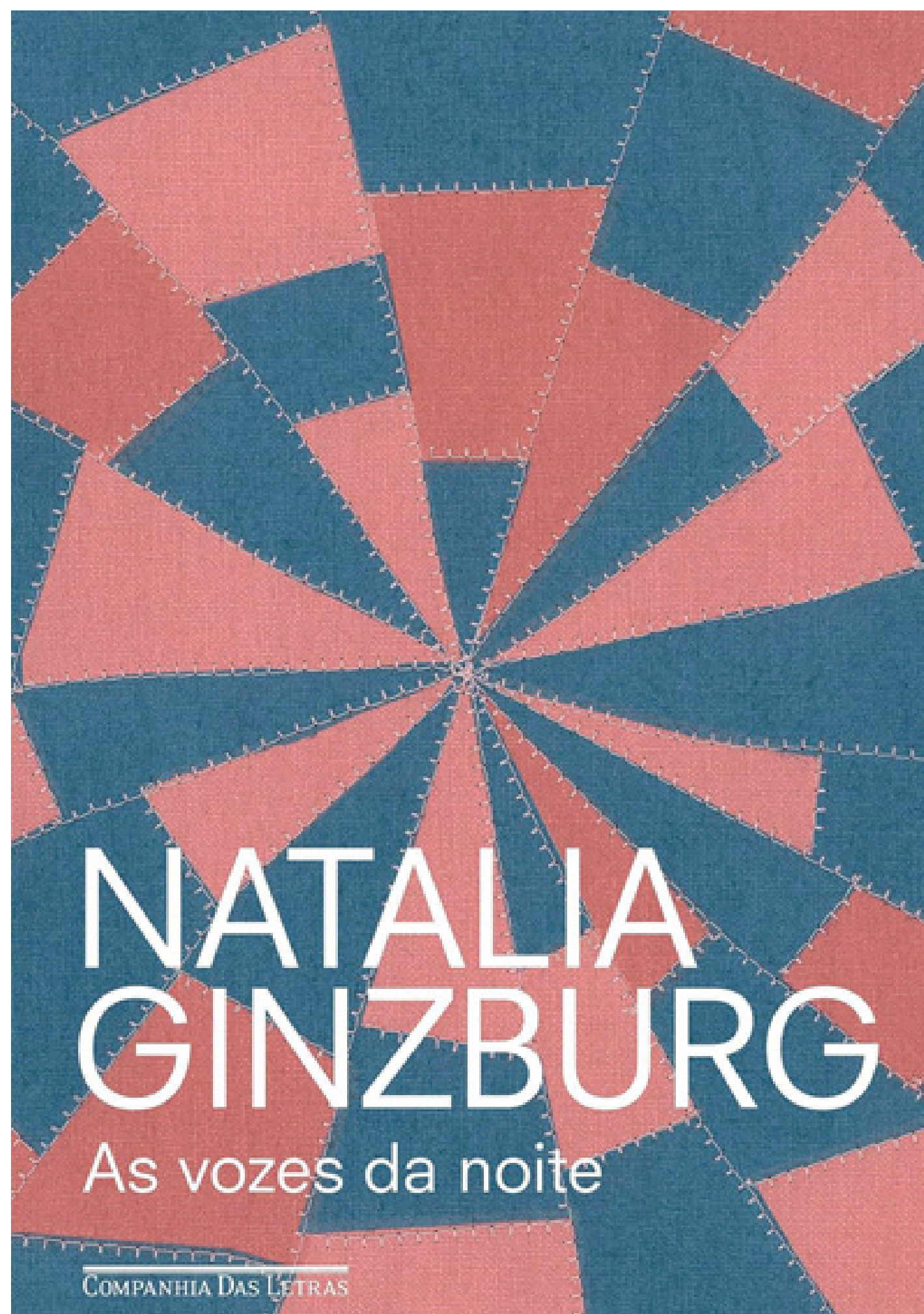
YES (*Ken, França/Chipre/Alemanha/Israel, 2026. Em cartaz no país*)

Celebrado como um dos diretores mais provocadores do cinema contemporâneo, o israelense Nadav Lapid se notabiliza pelo olhar afiado sobre as tensões sociopolíticas de seu país. A trama de *Yes*, seu novo longa, acompanha um casal de artistas em decadência que diz “sim” para qualquer oportunidade de trabalho. Diante da influente elite de Tel Aviv, o pianista de jazz Y. (Ariel Bronz) e a dançarina Yasmin (Efrat Dor) recebem uma oferta milionária para criar a melodia do novo hino de Israel. A letra, que prevê a destruição de Gaza em um ano, põe a dupla em dilema entre o sucesso e a consciência.



LES FILMS DU LOSANGE

HUMOR POLÍTICO O filme *Yes* olha afiado sobre as ações de Israel em Gaza



LIVRO

AS VOZES DA NOITE, de **Natalia Ginzburg** (tradução de **Iara Machado Pinheiro**; Companhia das Letras; 160 págs;

R\$ 79,90 e R\$ 34,90 em e-book. Nas livrarias a partir de quinta 19)

Italiana de ascendência judaica, a escritora Natalia Ginzburg (1916-1991) dominou o tema da sobrevivência — na vida real e na literatura. Em seu mais cultuado romance, *Léxico Familiar* (1966), ela faz um relato sobre a luta de seu clã contra o fascismo. Publicado originalmente um pouco antes, *As Vozes da Noite* (1961) também fala de resistência ao horror por meio do cotidiano da família de Elsa, jovem tímida em uma Itália devastada pelo regime de Mussolini e pela Segunda Guerra. ■

FICÇÃO



- 1

RIVALIDADE ARDENTE

Rachel Reid [0 | 1] ALT
- 2

A EMPREGADA

Freida McFadden [1 | 87#] ARQUEIRO
- 3

PATINANDO NO AMOR

Lynn Painter [0 | 1] INTRÍNSECA
- 4

VERITY

Colleen Hoover [3 | 191#] GALERA RECORD
- 5

A METAMORFOSE

Franz Kafka [2 | 23#] VÁRIAS EDITORAS
- 6

NUNCA MINTA

Freida McFadden [5 | 35#] RECORD
- 7

A CABEÇA DO SANTO

Socorro Acioli [9 | 31#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 8

A HORA DA ESTRELA

Clarice Lispector [7 | 53#] ROCCO
- 9

O SEGREDO DA EMPREGADA

Freida McFadden [6 | 7#] ARQUEIRO
- 10

UM PERFEITO CAVALHEIRO

Julia Quinn [0 | 1] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1	SOCIEDADE DO CANSAÇO Byung-Chul Han [2 102#] VOZES
2	COISA DE RICO Michel Alcoforado [1 24] TODAVIA
3	QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA Carolina Maria de Jesus [3 85#] ÁTICA
4	O PRÍNCIPE Nicolau Maquiavel [4 112#] VÁRIAS EDITORAS
5	A ARTE DA GUERRA Sun Tzu [6 153#] VÁRIAS EDITORAS
6	AINDA ESTOU AQUI Marcelo Rubens Paiva [7 47#] ALFAGUARA BRASIL
7	FREUD EXPLICA, EU TRADUZO Andréa Vermont [8 3] AMARILYS
8	AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA Eduardo Galeano [0 2#] L&PM
9	ANÁLISE Vera Iaconelli [10 25#] ZAHAR
10	A VIDA NÃO É ÚTIL Ailton Krenak [9 21#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



- 1

CAFÉ COM DEUS PAI 2026

Junior Rostirola [1 | 14#] VÉLOS
- 2

A PSICOLOGIA FINANCEIRA

Morgan Housel [2 | 120#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 3

ATÉ QUE ELE SEJA TUDO EM MIM

Yasmin Castilho [4 | 2] NOVO SÉCULO
- 4

HÁBITOS ATÔMICOS

James Clear [3 | 117#] ALTA LIFE
- 5

A ARTE DE GASTAR DINHEIRO

Morgan House [5 | 6#] HARPER BUSINESS
- 6

MAIS ESPERTO QUE O DIABO

Napoleon Hill [9 | 170#] CITADEL
- 7

COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS

Dale Carnegie [6 | 190#] SEXTANTE
- 8

MULHERES COM DEUS – 365 DIAS DE FÉ

Vários autores [0 | 1] KING BOOKS
- 9

CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO

Agostinho de Hipona [0 | 3#] VÁRIAS EDITORAS
- 10

DIÁRIO ESTOICO

Ryan Holiday e Stephen Hanselman [0 | 5#] INTRÍNSECA

INFANTOJUVENIL



- 1

O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry [1 | 500#] VÁRIAS EDITORAS
- 2

MELHOR DO QUE NOS FILMES

Lynn Painter [2 | 78#] INTRÍNSECA
- 3

DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA

Flávia Lins e Silva [6 | 11#] PEQUENA ZAHAR
- 4

O LADRÃO DE RAIOS

Rick Riordan [9 | 53#] INTRÍNSECA
- 5

CORALINE

Neil Gaiman [7 | 107#] INTRÍNSECA
- 6

MALALA, A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA

Adriana Carranca [8 | 48#] COMPANHIA DAS LETRINHAS
- 7

O JARDIM SECRETO

Frances Hodgson Burnett [0 | 3#] CAMELOT
- 8

CRIANÇAS COMO VOCÊ

Anabel Kindersley e Barnabas Kindersley [0 | 1] ÁTICA
- 9

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll [0 | 9#] Várias editoras
- 10

DIÁRIO DE UM BANANA

Jeff Kinney [0 | 64#] VR

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Selecta, Simples, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes



JOSÉ CASADO

NA CARNE

O EMPREGO é estável. A remuneração varia a partir de 55 000 reais. Permite folga de 180 dias por ano — um dia de descanso para cada três do calendário, além, é claro, dos sessenta dias de férias anuais. Detalhe: é possível “vender” parte ou todos os dias de repouso. Oitenta pessoas fizeram isso em 2024. Cada uma embolsou meio milhão de reais.

Há inúmeras outras vantagens. Seguem oito exemplos:

- Pagamentos retroativos. Ninguém sabe exatamente o que é, porque são múltiplas e opacas as definições, mas essa rubrica inflou ganhos em 17 695 casos, com muitos recebendo mais de 500 000 reais. Em São Paulo e Minas Gerais, uma dúzia de afortunados levou 1 milhão de reais cada.
- Licença-compensatória. Outro prêmio salarial de duvidosa legalidade, sem clareza ou precisão quanto ao significado ou aplicação, adicionado à remuneração básica com a descrição de “gratificação por exercício cumulativo” ou “gratificação de acervo”. Os 10 700 que a receberam nos últimos dois anos dividiram a bolada de 1 bilhão de reais.
- Licença-prêmio de três meses de descanso a cada cinco anos. O recorde dos últimos 24 meses é de um morador do Rio. Ele converteu em dinheiro e recebeu 642 500 reais.

- Serviço extraordinário (plantão). Em Minas, mais de 100 000 reais foram pagos a 944 pessoas num único ano, e 94 ganharam mais de 500 000 reais.
- Abono permanência: 340 pessoas receberam mais de 100 000 reais em 2024, outras 4 800 dividiram um total de 334 milhões de reais durante o ano.
- Auxílio-transporte. Supostamente ocasional, é aplicável em qualquer circunstância. No Mato Grosso foi estabelecido como “indenização” em caráter permanente: 6 600 reais por mês.
- Ressarcimento de mensalidade de planos de saúde até o valor de 5 900 reais em todo o país.
- Auxílio-alimentação de 4 000 reais se residir em Rondônia, Amazonas, Acre, Amapá.

São apenas alguns dos privilégios exclusivos de quase 50 000 servidores na folha de pagamentos do setor público. Nesse grupo estão 93% dos juízes e 91% dos advogados públicos na ativa ou aposentados da União, dos estados e dos municípios. Constituem a casta, a elite do funcionalismo.

Eles têm remuneração básica dez vezes maior que a de dois terços do funcionalismo, remunerados com 5 000 reais na média mensal. Mas é a multiplicação constante de regalias, anabolizadas com o dinheiro dos impostos, que lhes garante supersalários — boa parte sem desconto de Imposto de Renda.

Isso abriu uma vereda para alcançarem posição singular no mapa de riqueza nacional: com renda média de 685 000 reais por ano, a maioria dos juízes (75%) e dos

“Judiciário aumentou supersalários em 49% e STF vai decidir se o Legislativo pode cortar”

advogados públicos (57%) agora integra o topo da pirâmide de renda, segmento mais restrito (1%) e próspero da sociedade brasileira.

É o que mostram levantamentos realizados por organizações independentes, entre elas Transparência Brasil, Republica.org e Movimento Pessoas à Frente, com base em dados do Conselho Nacional de Justiça e do Imposto de Renda do período de 2018 até o primeiro trimestre do ano passado.

O problema está se agravando, adverte o deputado federal Pedro Paulo Carvalho Teixeira, do PSD do Rio, coordenador de um grupo de trabalho legislativo sobre a reforma administrativa. Em relatório à Câmara, ele demonstra como as mordomias financeiras da casta do funcionalismo estão aumentando em velocidade extraordinária.

No Judiciário, por exemplo, os supersalários cresceram 49% em 2024. Custavam 7 bilhões de reais em 2023, passaram a custar 10,5 bilhões de reais em 2024. O aumento na folha de pagamentos da Justiça foi quase dez

vezes maior que a inflação do período (4,83% na média do IPCA/FGV).

São estimativas preliminares, com base naquilo que foi possível desvendar nos bancos de dados do Judiciário e do Ministério Público. Neles prevalece a opacidade. Para conseguir estudar informações sobre como 92 órgãos do Judiciário pagaram 50 bilhões de reais a juízes (entre janeiro de 2018 e março de 2025), três organizações não governamentais precisaram agrupar 3 300 nomenclaturas distintas das rubricas de regalias financeiras e resumidas em sessenta categorias.

No próximo dia 25, o Supremo Tribunal Federal vai julgar a suspensão da montanha de penduricalhos de onde nascem os supersalários, determinada pelo juiz Flávio Dino. Ele acha que está ocorrendo “violação massiva” à Constituição. Se confirmada a sentença, o tribunal deixará ao Legislativo a decisão sobre quando, quanto e como será o corte “na carne” do Judiciário e do Ministério Público. ■

■ Os textos dos colonistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

NOVIDADE

ACQUA AROMA CASA CLAUDIA

Acqua Aroma e Casa Claudia criaram uma coleção exclusiva de aromatizadores de ambientes, com uma fragrância sofisticada que traduz o estilo e bom gosto: *velvet cherry*

Escaneie o
QR Code e
compre agora



www.acquaaroma.com.br

  @acquaaroma

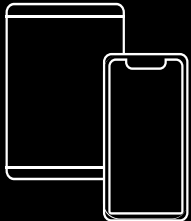
1 Difusor de aromas 350mL. 2 Difusor Cristal 200g. 3 Essência Concentrada 20mL.



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

Do carro ao voto, da lei ao conto, da notícia à crítica.

Entenda tudo que é preciso saber.

veja	veja São Paulo	veja Rio	veja SAÚDE
veja Negócios	 DIGITAL COMPLETO		QUATRO RODAS
CLAUDIA	VOCÊ RH	SUPER INTERESSANTE	VC S/A



Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular para o código ao lado.